
MEMORIAL

MARCELO SIQUEIRA RIDENTI

**Concurso para Professor Titular
Área: Sociologia da Cultura
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas
2004**

SUMÁRIO

Uma (des)ilusão (auto)biográfica?	1
I. ESBOÇO DE TRAJETÓRIA INTELECTUAL	2
O “anjo torto” e o mito da renúncia	2
Herança de um século: da enxada ao computador	7
Rascunho de um romance de formação	12
Itinerários – pós-graduação e início de carreira: USP, UEL, ANPOCS...	19
Na “idade da razão”: UNESP e UNICAMP	28
Cadernos revisitados: pesquisas e publicações nos anos 1990	32
Trajectoria recente: pesquisas e publicações	39
Sintonias no exterior	46
Próximas paradas...	54
Para completar o álbum: figurinhas e gigantes	58
II. ATIVIDADES ACADÊMICAS	63
Resumo	63
1. Dados Pessoais	64
2. Formação e Títulos Acadêmicos	65
3. Publicações	66
. no exterior	66
. no Brasil	66
3.1. Livros	66
3.2. Capítulos de livros (artigos em coletâneas)	67
3.3. Artigos em publicações acadêmicas	69
3.4. Resumos de trabalhos	70
3.5. Resenhas	72
3.6. Prefácios e contracapas	74
3.7. Publicações na imprensa impressa e virtual	74
3.8. Outras	75
4. Aprovação em concursos	76
5. Atividades de Pesquisa	76
6. Atividades Didáticas	78
7. Atividades de Orientação	79
7.1. Iniciação Científica	79

7.2. Monografias de Conclusão de Curso	81
7.3. Mestrado	81
7.4. Doutorado	83
8. Auxílios e Bolsas de Estudo	84
8.1. Para pós-graduação e pesquisa	
8.2. Para estágios e eventos científicos no exterior	
8.3. Para publicação	
8.4. Para realização de eventos acadêmicos	
9. Outras atividades acadêmicas e administrativas	86
9.1. Atividades funcionais	
9.2. Chefia e coordenação	
9.3. Participação em publicações acadêmicas	
9.4. Órgãos colegiados	
9.5. Comissões técnicas e acadêmicas	
10. Estágios e participação em eventos científicos no exterior	89
11. Participação em eventos científicos nacionais	91
11.1. Mesas-redondas	91
11.2. Palestras e conferências	96
11.3. Aulas e cursos extracurriculares	99
11.4. Comunicações Coordenadas	102
11.5. Debatedor em eventos acadêmicos	103
11.6. Difusão acadêmica em meios de comunicação de massa	104
11.7. Outras comunicações	106
12. Organização de eventos acadêmicos	106
13. Participação em comissões examinadoras	110
13.1. de concursos para docência universitária	110
13.2. de teses de doutorado	111
13.3. de dissertações de mestrado	114
13.4. de exames de qualificação em pós-graduação	118
13.5. de admissão em pós-graduação	123
13.6. Bancas de Tese de livre docência	124
14. Assessoria Científica	125
15. Grupos de Estudo e Sociedades Científicas	125
16. Prêmios acadêmicos	126
17. Certificados em línguas estrangeiras	126
18. Dignidades acadêmicas	127

Uma (des)ilusão (auto)biográfica?

Como diria algum conselheiro Acácio, escrever um Memorial não é tarefa simples. Falar de si pode inibir ou, ao contrário, criar tal empolgação narcisista que o resultado corre o risco de ficar enfadonho, se não ridículo. Ademais, dificilmente o autor escapa da “propensão de tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência”. Tende assim a fazer uma “criação artificial de sentido” para sua existência, um “esforço de apresentação de si, ou melhor, de produção de si”.¹

Até para quem está ciente de tudo isso, o risco da ilusão e da mistificação não é pequeno, talvez seja inevitável em algum grau. Encontrar a medida certa na elaboração do texto é um segredo que poucos alquimistas podem alcançar. Mesmo sem a poção mágica, as circunstâncias da carreira levam-me outra vez à condição de aprendiz de feiticeiro. “Outra vez”, pois este Memorial é uma tentativa de complementar e melhorar aquele apresentado ao concurso de Livre Docência em 1999.

O Memorial divide-se em duas partes. A primeira traz considerações mais gerais sobre a trajetória intelectual e profissional. A segunda apresenta uma enumeração detalhada das atividades acadêmicas realizadas.

Allons enfants... Avanti o popolo... Eia pois, brasileiros, avante!

¹ Pierre Bourdieu. A ilusão biográfica. In: Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 2^a. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-191.

I. ESBOÇO DE TRAJETÓRIA INTELECTUAL

O “anjo torto” e o mito da renúncia

De vez em quando, cá com meus botões, pergunto: por que me tornei sociólogo e, ademais, abracei uma visão de mundo anticapitalista? Terá sido obra de algum anjo torto, como aquele que mandou Drummond ser *gauche* na vida? Como não creio em anjos (embora rezasse na infância pelo zeloso guardador), e tampouco posso ser Carlos – nem o Drummond e muito menos o outro, que tanto admiro – essa hipótese está descartada.

Seria confortável dar crédito a um certo mito, difundido no meio intelectual, particularmente no de esquerda: o amor pelo conhecimento e pela transformação social seria maior que qualquer interesse material. Assim, a opção pela vida intelectual implicaria uma renúncia significativa, pois é de se esperar uma pobreza relativa para os intelectuais. No meu caso, o caminho da academia se impôs no lugar de uma carreira jurídica planejada pela família – pois me tornei bacharel em Direito, como o pai advogado, outros familiares e amigos que poderiam me introduzir nos meandros dos tribunais.

Sucede que esse mito não se sustenta. Como bem observou Pierre Bourdieu, “o culto do desinteresse é o princípio de uma poderosa inversão, que faz da pobreza riqueza recusada, portanto, riqueza espiritual. O mais pobre dos projetos intelectuais vale uma fortuna, aquela que se lhe sacrifica”.² Ao escrever este Memorial, seria difícil submeter meu itinerário intelectual à “objetivação sem complacência” de que fala Bourdieu.³ Mas não custa tentar algum distanciamento, sem excesso de mistificação.

² Pierre Bourdieu. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das letras, 1996 , p. 44.

³ *Idem*, p. 218.

Aos dezessete anos, indeciso sobre os rumos profissionais a seguir, entrei na Faculdade de Direito da USP, a opção mais óbvia e tradicional para os estudantes que escolhem as humanidades. Logo ficaria evidente que as promessas de bons rendimentos e prestígio de bacharel eram pouco para as ambições um tanto ingênuas de então: abraçar o mundo e deixar nele a marca criadora. Estudar e escrever sobre a sociedade e a História pareciam ser tarefas que levariam para mais perto do Olimpo do que gastar o talento nos infindáveis pareceres, petições e sentenças para pendengas jurídicas intermináveis.

Além de tudo, com raras exceções, os professores nas célebres Arcadas eram uns chatos de galocha; ainda por cima, quase todos omissos ou favoráveis à ditadura militar, no final dos anos 1970. Parecia muito mais digna a postura, por exemplo, de um professor de Sociologia, aposentado compulsoriamente pela ditadura, como Octavio Ianni, que em 1977 deu uma palestra aos estudantes do Centro Acadêmico XI de Agosto. Naquela época – em que ele podia ser visto em meio à multidão nos atos públicos realizados pelo movimento estudantil –, não seria possível prever que, anos depois, ele estaria na banca de minha tese de doutorado e que viríamos a ser colegas no departamento de Sociologia do IFCH da UNICAMP, infelizmente quando ele já estava às portas da aposentadoria compulsória.

Estava decidido: não seria jurista, embora o irresistível charme da Faculdade de Direito, as amizades com jovens esquerdistas (hoje quase todos ex) e certa insegurança para assumir a ruptura definitiva tenham-me levado a concluir o curso de Direito. E ainda tirar a carteira da Ordem dos Advogados do Brasil.

Em 1978, veio o ingresso no curso de Ciências Sociais da USP, período noturno. Lá, ia quase exclusivamente para estudar, enquanto mantinha na

Faculdade de Direito os principais laços de amizade – até porque ali enfrentávamos a sanha dos colegas de direita, que se compraziam em comparecer às assembleias estudantis para gritar em uníssono: “um, dois, três, comuna no xadrez”. Já no meio dos candidatos a sociólogos, a divisão era entre inúmeras tendências de esquerda, uma mais revolucionária que a outra, cujos líderes de vez em quando encontro hoje em postos do *establishment* público ou privado, distantes do que provavelmente vêm como arroubos incendiários juvenis, a exemplo também dos colegas que viraram juristas.

Nesse tempo de faculdade, fiz parte do que se chamava na época “massa avançada” do movimento estudantil, participando de várias manifestações públicas, mas sem vinculação orgânica com qualquer tendência de vanguarda, embora me considerasse simpatizante do marxismo-leninismo e da revolução, a exemplo de tantos colegas, professores e intelectuais, como o referencial Florestan Fernandes. A antipatia pelo stalinismo, a distância do reformismo do PCB e a identidade com os movimentos sociais insurgentes fizeram-me simpatizante ardoroso do Partido dos Trabalhadores (PT), antes mesmo de seu surgimento, embora jamais tenha sido militante de carteirinha. Só ultimamente – justamente quando me sinto mais cético em relação ao PT – é que tenho colaborado mais com ele, por intermédio da Comissão de História da Fundação Perseu Abramo.

Alguns professores do curso de Ciências Sociais, como Heloísa Fernandes, Paulo Silveira e Brasília Sallum Jr., estavam entre os mais próximos no tempo de faculdade, embora eu admirasse também quase todos os outros: Gabriel Cohn, Sedi Hirano, José César Gnaccarini, Juarez Brandão Lopes, José de Souza Martins, Leôncio Martins Rodrigues (que já não era de esquerda naquele momento), entre tantos mais, especialmente o mítico

Florestan Fernandes. Ele estava afastado pela ditadura, mas em 1979 ofereceu um curso aos sábados sobre a revolução cubana, que acompanhei até o fim.

É claro que havia também os professores lamentáveis, como o apelidado de “capitão Ipanema”, que fora militante expressivo do Centro Popular de Cultura (CPC) no Rio de Janeiro e mais tarde viria a ser Secretário estadual da Educação de São Paulo. Ele quase não deu aula em 1982, devido a seu envolvimento na campanha de Franco Montoro ao governo do Estado. No fim do curso, propôs aos alunos sortear as notas, entre 5,0 e 7,0. A maioria compactuou com ele e não se sentiu constrangida em ir até a frente da sala tirar a sua nota de um saquinho plástico. Alguns gatos pingados, entre os quais eu estava, recusaram-se ao sorteio e preferiram entregar um trabalho para avaliação. Não era um bom presságio para o futuro da Universidade, nem para o processo de democratização em curso.

Do ponto de vista mais estritamente acadêmico, formava-me com uma boa base nos três clássicos maiores da Sociologia, enfatizados no curso de Ciências Sociais: Durkheim, Weber e Marx, este com especial interesse. Preenchi quase todos os créditos necessários ao bacharelado nas matérias de Sociologia e de Ciência Política (o currículo de Antropologia reduziu-se aos dois semestres iniciais obrigatórios). Na faculdade, foram oferecidas noções razoáveis do pensamento político de Maquiavel, Hobbes, Rousseau, Locke e outros. E ainda bons cursos sobre teoria política contemporânea, Estado moderno, teoria do valor, ideologia, indústria cultural, teoria da dependência, movimentos sociais e outros temas da Sociologia e da Política. Por esse tempo, causavam-me impacto autores como o Lukacs de *História e consciência de classe*, o Lênin de *Que fazer?* e de *O estado e a revolução*, além do Marx dos primeiros capítulos de *O capital* e do *18 Brumário*. Vivia-se uma onda de reação ao althusserianismo, que fora influente na academia

especialmente na primeira metade dos anos 1970. Mesmo que para criticar, lia-se Althusser e sobretudo o Poulantzas de *Poder político e classes sociais* e *As classes sociais no capitalismo de hoje*.

Autores críticos dessa vertente, como E.P.Thompson e Castoriadis, foram apresentados já no final do curso, em 1982, numa disciplina de Maria Célia Paoli. O primeiro, na melhor tradição do marxismo britânico, exerceu alguma influência – como se pode atestar no meu livro *Classes sociais e representação*, que entretanto está mais próximo das posições de Perry Anderson sobre as classes.⁴ Já o segundo nunca me encantou, embora tenha usado muito a primeira parte de seu livro *A instituição imaginária da sociedade*, sobre “marxismo e teoria revolucionária”, até nas disciplinas que ministrava no início da carreira docente, como um contraponto crítico ao marxismo, de uma perspectiva dita “autonomista”, que teve seu momento de glória em setores da intelectualidade naquele início dos anos 1980.

Estudei Ciências Sociais e Direito, como poderia ter cursado Letras, Economia, ou História. O gosto é mesmo pela unidade interdisciplinar das ciências humanas. Por isso não me considero um sociólogo típico, nem me identifico plenamente com um “campo”, no sentido de Bourdieu, embora as circunstâncias da vida em geral, e da carreira em particular, tenham me alocado no campo da Sociologia. Um teste vocacional, realizado aos 14 anos de idade, apontou 95% de aptidão para matemática. Isso reforça a impressão de que foram determinantes para a trajetória profissional – além de imponderáveis doses de acaso – as condições sociais e pessoais vivenciadas, que me aproximaram das ciências sociais: infância e juventude sob a ditadura, o pai simpatizante do comunismo, um avô operário, o *Zeitgeist* anticapitalista dos meios que freqüentava nos anos 1960, 1970 e parte dos 1980 (por

⁴ Marcelo Ridenti. *Classes sociais e representação*. São Paulo: Cortez, 1994, 118 p.

exemplo, a influência de professores de esquerda no Colégio Objetivo), o gosto desenvolvido desde menino pela literatura e pelo cinema, a urbanização e consolidação de um modo de vida intelectual nas metrópoles, simultâneo ao florescimento de novas classes médias ascendentes com acesso à educação superior, enfim, uma série de fatores levaram-me a compartilhar de uma certa “estrutura de sentimento” anticapitalista – para usar o termo de Raymond Williams⁵ – ainda forte em setores de minha geração.

Herança de um século: da enxada ao computador

Como o passado do avô ítalo-caipira, nascido em 1899 – que contava ter recebido seu primeiro presente do pai aos sete anos de idade: uma enxada para trabalhar na roça – estaria presente no futuro de meus filhos adolescentes de classe média numa megalópole do século XXI? A trajetória do querido Ventura Ridenti, que marcou as memórias da infância, talvez ajude a entender meu interesse pelas Ciências Sociais. As histórias dele, a chácara dos avós maternos na cidade de Amparo e os livros de Monteiro Lobato – que minha mãe dava de presente, sempre incentivando a ler e estudar – eram os contatos com o mundo rural, que parecia coisa de ficção passadista, de tão distante do cotidiano em São Paulo nos anos 1960.

Incrível, vovô acreditava piamente em saci, lobisomem e mula-sem-cabeça, como alguns personagens de Lobato. Tivera provas irrefutáveis da existência desses seres misteriosos que povoavam seus sonhos e imaginação de menino, nos anos em que ajudou a plantar muitos cafezais, antes de crescer e estabelecer-se na cidade de Bragança Paulista. Ali trabalhou na cozinha de uma padaria, logo seguindo para as máquinas de uma fábrica de macarrão, cujo dono foi seu padrinho de casamento – o presente foi um despertador, que

⁵ Raymond Williams. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 130-137.

ainda vi funcionando; o velho Tuia caçoava: o regalo era para que nunca perdesse a hora. Tentando melhorar de vida, em meados dos anos 1930, ele se mudou com a família para São Paulo. Aqui, no bairro do Brás, viviam alguns irmãos de minha avó, Lucia, que era costureira autônoma, também filha de italianos – só que a família dela era da região da Basilicata, no sul da Itália, enquanto a de vovô provinha do Vêneto, no norte pobre. Na ocasião, já tinham os dois filhos, meu pai era o mais velho.

Eram os anos da depressão econômica e meu avô ficou um tempo desempregado. Depois, arranhou trabalho como operário na fábrica de borracha Orion, no Brás, onde ficou até a aposentadoria, morrendo de medo de enfrentar novamente a situação de desemprego. Papai contava que, ainda menino, levava todos os dias a marmita para ele, e ficava impressionado com as péssimas condições de trabalho a que se submetia na fábrica. Apesar das privações, os avós orgulhavam-se de nunca ter passado fome e de pagar as contas em dia. Enquanto isso, aos nove anos, meu pai começou a trabalhar, na sapataria do tio, como engraxate. Depois, arrumou um emprego no escritório da fábrica Orion, onde vivia aterrorizado pelo inspetor, alemão como os proprietários da empresa, que do alto de sua mesa controlava cada mínimo movimento de todos os funcionários – talvez por isso, ele discretamente estranhava como eu podia gostar de estudar alemão. Foi ainda bancário e cursou Direito no período noturno da USP, antes de virar advogado (assalariado, trabalhava no Banco Lar Brasileiro e no IPESP), feitos invulgares para um homem de sua origem social.

Dado o quadro, meu avô engrossaria as fileiras do proletariado revolucionário, certo? Errado. Era getulista convicto. Dizia que só criticava Getúlio Vargas quem não trabalhou em fábricas antes das leis trabalhistas. Devoto de Santo Antonio e São Judas Tadeu, ironizava o comunismo de meu

pai. Previa que, se o comunismo viesse, o filho advogado teria de pular bem mais cedo da cama. Uma semana antes de se aposentar, em 1960, perdeu um dedo na máquina em que trabalhava. A mesma que, orgulhoso, dizia controlar sozinho, enquanto foram necessários “dois baianos” para fazer o serviço após sua aposentadoria. Para ele, o erro de Mussolini foi aliar-se a Hitler. Chamava Castelo Branco de Cavalo Branco. Fumava cachimbo e cigarro de palha, acordava diariamente às cinco e meia da manhã para fazer o café bem preto, velhos hábitos do tempo da roça e da vida proletária. Jamais sentou num banco de escola, aprendeu a ler e escrever sozinho, seu jornal favorito era *Notícias Populares*. Nunca se embruteceu, foi um homem elegante e educado. Com sotaque caipira, ele contava tudo isso e muito mais, suas histórias da infância, do trabalho, da família, dos antepassados na Itália, de quando teve tifo e quase morreu na juventude, da namorada espanhola que chorava por ele doente (que depois a deixou), dos jogos de futebol na roça e das partidas do Palestra Itália, da fama de Meneghetti, o ladrão romântico que nunca usava de violência. Aposentado, acabou dedicando muito de seu tempo livre a mim. Em 1970, ele me levava de ônibus duas vezes por semana à Aliança Francesa. No mesmo ano, quando foi buscar pão, acabou sendo atropelado por um táxi de frota na rua Heitor Penteado. Morreu um mês depois, no Hospital do Servidor Público do Estado.

Filho de imigrantes, vovô cresceu e trabalhou no Brasil rural do início do século, que andava a pé ou a cavalo. Migrante para São Paulo, ajudou a construir a modernidade de uma sociedade cada vez mais urbana, que corria a cem por hora, de automóvel, a atropelar o passado. Algumas famílias de trabalhadores tiveram a sorte de lograr ascensão social na virada de uma geração para outra, como foi o caso de meu pai – trajetória cada vez mais

difícil daí para diante. No espaço de uma vida de setenta anos, como a do querido avô, tudo mudou muito na sociedade brasileira.

O contraponto da família operária paterna em São Paulo era a família materna de classe média interiorana tradicional, católica e udenista, com educação básica – minha mãe e algumas irmãs seriam a primeira geração familiar com acesso ao ensino superior nos anos 1950/60. O avô José Nunes Siqueira, nascido e criado em Socorro, vinha de família simples, estabelecida havia muito tempo na região de fronteira entre São Paulo e Minas Gerais. Mudou-se para Amparo – então uma cidade abastada pelo cultivo do café – a fim de jogar como goleiro do Amparo Atlético Clube. Naqueles anos 1920, o futebol não era profissional. Por isso, o convite para jogar bola veio junto com uma boa oferta de emprego. Estabelecido na cidade, o avô deixou o esporte e casou-se com Ramira, a querida avó Teté, filha de um imigrante humilde do norte de Portugal, que no entanto já era um próspero fazendeiro ao casar-se em segundas núpcias com minha bisavó, jovem de família tradicional, provavelmente decadente. A parte da herança que coube à avó Teté foi bem aplicada pelo marido, que comprou um cartório em Amparo. Assim, puderam educar os oito filhos. Stella, minha mãe, era a terceira e formou-se em letras na PUC de Campinas, tornando-se depois professora de inglês no ensino estadual secundário.

A ternura cristã da avó Teté e a seriedade ranzinza do avô Nunes marcaram minha infância – especialmente nas férias que passava em Amparo (em contraste com o cuidado espalhafatoso da avó Lucia e a cumplicidade amorosa do avô Tuia). Apesar da rigidez, o avô Nunes de vez em quando se permitia um gesto de carinho, por exemplo, quando me deu uma camisa do São Paulo Futebol Clube. O gesto foi simpático, por isso usei a camisa tricolor – eu gostava de brincar trajando camisas de vários times,

especialmente os do Rio de Janeiro –, mas meu coração já era verde e branco, como o de papai e do avô Tuia.⁶

A distância entre o avô rico e o avô pobre era relativa. Tanto que a irmã do primeiro viria a casar-se com o cunhado do segundo, aproximação familiar que levaria meus pais a se conhecerem e depois se casarem, em 1958. Antonio e Stella moraram em São Paulo até 1961 (nesse meio tempo nascemos eu e depois a Márcia), quando minha mãe assumiu o cargo de professora de inglês em Amparo, para onde papai viajava nos fins de semana. Em 1964, ano de nascimento do Flávio – hoje médico – eles se estabeleceram definitivamente em Sampa. Trabalhavam muito e nos incentivavam a estudar.

A infância dos avós na era da roça, das conversas em torno da fogueira antes de dormir, no tempo da República Velha; a infância dos pais na era do rádio, ouvido à noite, sob a ditadura do Estado Novo; minha infância na era da televisão, antes de ir para a cama, na época da ditadura militar e civil; a infância dos filhos na era da informática, num tempo de democracia política, violência urbana e desigualdades sociais cada vez mais gritantes. Um século, mudanças rápidas demais para poucas gerações: dos avós aos meus filhos, a humanidade caminhou do pré ao pós-comunismo, da comunidade da família à sua dissolução, do lampião de gás aos computadores domésticos. Desde menino, quis compreender a passagem do tempo histórico, esse mistério social, político, econômico, existencial. Talvez também por isso, e para descobrir o porquê de tantas diferenças na sociedade, tenha virado sociólogo e me dedicado aos temas que estudo.

⁶ Meus filhos também herdaram a sina. Em São Paulo, sempre morei perto do Palmeiras, clube de que sou sócio desde menino e freqüente esporadicamente. As idas ao clube e principalmente aos estádios de futebol fornecem bom campo de apreciação sociológica intuitiva dos comportamentos, gostos e pensamentos dos torcedores – geralmente conservadores e até reacionários.

Rascunho de um romance de formação

Quando estava no meio dos dois cursos universitários, aos 20 anos, dei-me conta de que viraria um profissional cedo demais, e de que estava passando a juventude quase exclusivamente em leituras e estudos – com algum espaço para um cineminha e participar discretamente da política estudantil. Decidi que precisaria mudar alguma coisa na vida. Um amigo – Umberto Celli Jr., hoje advogado e professor de Direito Internacional na Faculdade de Direito da USP – pensava em passar uma temporada na Inglaterra e resolvi ir com ele, com o dinheiro que economizara ao longo da adolescência, suficiente para a passagem. Inicialmente, meus pais foram contra, mas, depois – quando viram que estava irreduzível, dispendo-me a largar a Faculdade de Direito e trabalhar um ano para poupar algo para a viagem – resolveram ajudar, desde que continuasse os estudos. Serei eternamente grato pela compreensão e pelos trezentos dólares que me mandavam todo mês, possibilitando a estada de um ano e meio no exterior, experiência que me valeu mais do que os dois cursos superiores juntos, embora evidentemente não os pudesse substituir.

Até hoje fico pensando que fui um pouco egoísta, afinal, meu pai viria a morrer poucos anos depois, sem jamais ter saído do Brasil (ele dizia que Shakespeare passou a vida apenas entre Stratford e Londres e era um gênio, e que uma vaca pode dar a volta ao mundo que continuará sendo uma vaca), minha mãe só viajaria ao exterior recentemente e ainda havia os irmãos mais novos. Como eram funcionários públicos, fizeram um esforço significativo para mandar o filho impetuoso ao estrangeiro. Gastaram no total algo em torno de dez mil dólares da época, preço de um automóvel Corcel – que pais de outras famílias de classe média costumavam dar aos filhos que ingressavam na Universidade. Hoje, fazendo as contas, noto que os gastos

com a escola particular e a saúde privada de meus filhos consomem em um ou dois anos um capital equivalente ao que meus pais gastaram comigo em dezoito meses no exterior, num tempo em que saúde e educação públicas ainda eram razoavelmente confiáveis. Usufreuí do ensino público e gratuito durante toda a vida, exceto no curso colegial; mesmo assim, obtive bolsa integral no terceiro ano, por ter passado no vestibular para a Faculdade de Direito da USP, quando ainda era aluno do segundo colegial, o que não dispensou de encarar novamente o vestibular.

Passei o ano de 1980 na Europa, onde pude aprofundar os conhecimentos de línguas que acumulara em São Paulo ao longo da década de 1970, em cursos na Cultura Inglesa, na Casa de Dante, no Instituto Goethe e na Aliança Francesa. Foram seis meses em Londres, onde estudava inglês todas as tardes numa escola pública (Kilburn Polytechnic), que custava bem pouco. Nos feriados, viajava de carona pela Inglaterra, geralmente em caminhões dirigidos por motoristas muito educados, que iam mostrando no caminho onde ocorrera tal ou qual batalha de que eu nunca ouvira falar, ou contando suas experiências de vida, como aquelas durante a Segunda Guerra Mundial. Findo o curso e obtido o certificado de proficiência em inglês da Universidade Cambridge, um passe de trem com desconto especial para estudantes permitiu visitar quase todos os países da Europa Ocidental, nos dois meses das férias de verão, sempre com hospedagem em albergues da juventude. Desde a metade da estada em Londres, seguia viagem sozinho, procurando conhecer as pessoas dos locais por onde passava. Terminadas as férias, veio o curso de alemão por dois meses no *Goethe Institut*, em Grafing, perto de Munique, onde obtive o diploma de conhecimento básico da língua alemã.

Ficaria ainda outros dois meses sediado na Alemanha; dali realizava incursões pelo então comunista e misterioso leste europeu, onde estive por quarenta dias, em temporadas alternadas, em quase todos os países: na Checoslováquia (onde fiquei numa residência estudantil na maravilhosa Praga, com amigos locais que conhecera na Itália); na Hungria (hospedado com uma velha viúva que esperava turistas na estação ferroviária de Budapeste, oferecendo aluguel de quartos no seu amplo apartamento – para dar lugar aos hóspedes, ela dormia na cozinha); em Varsóvia, no tempo do Solidariedade legalizado na Polônia; na Iugoslávia (visitei Zagreb, Belgrado e Dubrovnic, logo depois da morte de Tito, naquele belo país que me pareceu o mais democrático da Europa Oriental – achei que era totalmente infundado o prognóstico de meu pai, de que aquilo poderia explodir após a morte de Tito); na Romênia, em Bucareste – a pior tirania que vi por lá, verdadeira republiqueta de tipo latinoamericano, com miséria e todas as mazelas que bem conhecemos, comandada pelo ditador Ceaucescu, que teria um fim merecido; e finalmente na URSS, onde estive em Moscou e Leningrado (foi o único desses países – além da Iugoslávia – em que o “comunismo” parecia ter alguma legitimidade para as pessoas que conheci).

Cláudio Abramo – marxista, correspondente da *Folha de São Paulo* em Londres, e tio-avô de duas colegas de faculdade – foi quem me convenceu a visitar a Europa Oriental, especialmente a URSS, onde acreditava estar o futuro da humanidade, apesar dos desvios burocráticos. Hoje se sabe que, ao contrário, pertencem ao passado as experiências que pude testemunhar brevemente nas semanas que passei nos países do leste europeu, vividas com intensidade pessoal e curiosidade sociológica, ao lado de dezenas de pessoas que lá conheci.

Escrevendo estas linhas, lembrei de algo que estava perdido na memória: as experiências nos países socialistas pareceram tão interessantes que, ao retornar ao Brasil, com base em anotações e cartas, escrevi num caderno o que deveria ser um pequeno livro sobre elas. Mostrei-o a alguns amigos; como ninguém pareceu muito entusiasmado, compreendi que aquela vivência foi muito importante para mim, pessoal, política e sociologicamente, mas seria difícil compartilhá-la com os outros. Assim, desisti da publicação, antes mesmo de procurar um editor. Pelo mesmo motivo, não vou me estender sobre o assunto neste Memorial.

Essa viagem deu a oportunidade de estudar várias línguas. Do ponto de vista teórico, lembro de ter lido na Alemanha, numa versão inglesa, o livro de Lênin *Imperialismo, o estágio mais elevado do capitalismo*,⁷ além de livros de literatura. Também comecei a me interessar por Freud – que viria a ler mais depois, numa disciplina de Heloísa Fernandes na pós-graduação da USP (também viria a ter uma experiência importante ao me submeter à psicanálise entre 1998 e 2002, com uma profissional da Sociedade Brasileira de Psicanálise). Mas esse interesse nunca chegou a aprofundar-se academicamente.

Numa das duas ou três vezes em que estive no apartamento de Cláudio Abramo em Londres, ele sugeriu, brincando, que valeria até inventar para meus pais alguma história de aborto para que mandassem dinheiro extra para eu ir ao leste europeu. Não precisaria desse tipo de desculpa, até porque meu pai era um simpatizante do comunismo desde que me entendo por gente – lembro dos chiados de seu rádio de ondas curtas, em 1962/63, nas transmissões da rádio Havana para o Brasil, que começavam e terminavam

⁷ Essa edição está até hoje numa estante de casa: V. I. Lênin. *Imperialism, the Highest Stage of Capitalism*. 15a. ed. Moscou: Progress Publishers, 1970.

com o hino da Independência, numa gravação que nunca esqueci: “Brava gente, brasileira/ longe vá temor servil/ Ou ficar a Pátria livre/ Ou morrer pelo Brasil”.

O despertar da vocação de cientista social, assim como o interesse pelos anos 1960 como tema de estudo, possivelmente estejam ligados às preocupações políticas de meu pai, à infindável interlocução com ele desde pequeno, à observação de suas conversas com outros adultos e de suas leituras, por exemplo: *Correio da Manhã*, *Revista Civilização Brasileira* (cuja coleção herdei), mais tarde *O Pasquim* – todos com sede no distante Rio de Janeiro. Era um grande sujeito, homem de inteligência e sensibilidade humana elevadas, de hábitos modestos, dono de bom ouvido musical e grande voz – quase seguiu carreira como cantor, um barítono cuja timidez restringiu o talento ao âmbito familiar. É claro que, aos vinte anos, eu o considerava um ótimo pai, mas vivia atacando o que pareciam ser seu reformismo ultrapassado, moralismo pequeno-burguês e acomodação de classe média, em suposta contradição com os ideais socialistas que me ensinara sem nunca impor. Seus votos no PMDB e simpatia pelo PCB incomodaram-me até o final de sua vida, encerrada precocemente, aos 57 anos, por problemas no coração, em 1986, um mês e meio após o nascimento de meu filho mais velho. Foi um esboço de “homem-novo”, um humanista sensível à história de seu tempo e marcante para quem o conheceu.

Voltando à viagem de 1980/81: após um ano na Europa, a vida de hábitos simples permitira economizar dinheiro suficiente para fazer uma travessia das Américas antes de retornar ao Brasil. Foi assim que, de janeiro a julho de 1981, viajando de ônibus, sozinho, hospedando-me nos hotéis e pensões mais em conta (em todos eles, recebi visitas de baratas), fui de Nova York a Montevideú – incluindo paradas em quase todos os países, até mesmo

três semanas inesquecíveis na Nicarágua sandinista pós-revolucionária e sete dias em Havana, num tempo em que ainda era proibido ir a Cuba para os brasileiros. México e Peru pareceram particularmente fascinantes pela cultura pré-colombiana. Em Lima, conheci de passagem o lendário líder popular Hugo Blanco, então trotskista.

Antes de chegar a São Paulo, ainda sobrou paciência de parar nas principais cidades do sul do Brasil. Por falar em paciência, é aconselhável ficar por aqui nesse assunto, para não incomodar demais o leitor, embora seja grande a tentação de contar detalhes relevantes sociologicamente do “romance de formação” vivido na pele durante a viagem, relatada em mais de oitenta longas cartas que enviava aos familiares e que meu pai guardou cuidadosamente (até hoje o pacote conserva-se fechado: nunca tive coragem ou pachorra para reler).

Naquela viagem, sempre ia ao cinema. Na Europa, especialmente na estada em Londres, dava preferência a filmes clássicos em reprise. Também visitei incontáveis museus e galerias de arte, além de assistir a uma ou outra peça de teatro, ópera e exibição de orquestras. Li especialmente jornais, revistas e livros como *Crime e castigo* de Dostoievski e *Cem anos de solidão*, de Garcia Marques, quando estive na Colômbia. Foram obras marcantes para a formação, assim como aquelas que li pouco antes ou depois da viagem: as trilógicas de Machado e de Graciliano, o *Grande sertão* de Rosa, poemas de Bandeira e de Drummond, entre tantas outras.⁸ A mais impactante das quais foi *Dom Quixote de la Mancha*. Na infância, o Quixote de Lobato não me cativara, parecia um velho demente seguido por um criado simplório. Mas o

⁸ Não obstante, confesso que algumas obras tidas como marcos da literatura universal decepcionaram-me um pouco na época, como a *Madame Bovary* de Flaubert e *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz (nunca entendi como alguém pode considerar Eça superior a Machado de Assis). Também tive uma fase de ler obras fracas literariamente, como alguns policiais de Agatha Christie, por volta dos 14 ou 15 anos de idade.

de Cervantes viria a parecer-me genial. Como não se identificar e rir com o idealismo do velho cavaleiro e ao mesmo tempo com a sabedoria mundana do gorducho?

Com o espírito de Quixote e o pragmatismo de Sancho, completava-se uma longa travessia de formação pela Europa e Américas. Tinha como referencial longínquo a famosa viagem de Che Guevara pela América Latina em 1952 – que virou um belo filme da indústria cultural mundializada de nossos dias, dirigido por Walter Salles Jr., com o título *Diários de motocicleta*. Mas em 1980-81 já não cabia ter muitas ilusões: colocar o “pé na estrada” perdera em grande parte o caráter questionador e alternativo. Por exemplo, desde os anos 1970 – com base em viagens de aventuras pela Ásia – fora lançado na França o primeiro volume da famosa série (editada em larga escala até hoje pela Hachette), *Le guide du routard*, com dicas para os mochileiros turistas em busca de experiências alternativas, baratas e fascinantes pelo mundo afora. O famoso símbolo do guia é expressivo: um rapaz carregando nas costas um globo terrestre em forma de mochila.

Ao atravessar a América em 1981, encontrei pelo caminho uma legião de jovens que seguia a rota traçada por um manual muito bem elaborado, o *South American Handbook*. Era um traçado que os hispano-americanos ironicamente chamavam “*la ruta gringa*”. Que espelho desconfortável! A cabeça de Quixote estava encantada com os caminhos do Che, mas os pés de Sancho seguiam o chão da *ruta gringa*, com o patrocínio modesto mas suficiente dos pais.

Se o tema das viagens já se estende talvez além da conta, é porque elas tiveram importância decisiva para minha formação de cientista social, pelo contato com várias outras sociedades, línguas e pessoas, com visões de mundo as mais díspares, que ampliaram horizontes intelectuais, políticos e

peçoais. Essa viagem deu a noção da passagem do tempo histórico e do espaço geográfico. Paradoxalmente, a estada no exterior permitiu abrir os olhos, sem receio de provincianismo, para a sociedade brasileira, que tem sido objeto de minhas pesquisas. Em suma, não seria possível uma experiência revolucionária, mas já era um ganho tornar-me um “turista aprendiz”, para usar a expressão de Mário de Andrade.

Nas férias escolares de verão dos dois anos de faculdade que restaram ao retornar do exterior, o “turista aprendiz” visitou o Norte e Nordeste do Brasil, conhecendo suas principais capitais. Até hoje, é ótimo ser convidado para falar nos locais mais improváveis (como Corumbá, Vitória da Conquista ou São José do Rio Pardo), o que permite constatar a existência de vida inteligente por toda parte, com a qual vale a pena dialogar. Isso também vale para o exterior, aonde só retornei dez anos após a viagem de 1980/81, agora para expor trabalhos sobre a sociedade e a política no Brasil em congressos e seminários realizados por instituições acadêmicas em Buenos Aires, Lisboa, Paris, Moscou, Brisbane, Chicago, Los Angeles, Washington e outras cidades a partir da década de 1990. Às vezes, aprende-se mais nas ruas do que nos seminários – como num Congresso da LASA, realizado em Atlanta, em que foi instrutiva uma conversa com dois trabalhadores negros da Coca-Cola, travada no Mc’Donalds em frente ao hotel do congresso.

Itinerários – pós-graduação e início de carreira: USP, UEL, ANPOCS ...

Retomando a trajetória, voltando no tempo, concluí o curso de Ciências Sociais em dezembro de 1982 e fui convidado para fazer o mestrado em Sociologia com Heloísa Fernandes, sobre as esquerdas armadas, tema que sempre me fascinara e Heloísa incentivava a estudar, a partir da disciplina de Sociologia do Desenvolvimento, ministrada por ela na graduação.

Em junho de 1983, veio a formatura em Direito. Estava com 24 anos de idade, dois diplomas universitários e vários de línguas: era hora de trabalhar, pois pleitear uma bolsa de estudo não me atraía e nem era ainda usual a concessão automática de bolsa aos alunos do mestrado. Ademais, não tinha cabimento continuar dependente dos pais. O desejo era seguir carreira universitária; não pretendia advogar – a escassa experiência como advogado foi ainda nos anos finais da graduação, como estagiário do Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto, que dá assistência judiciária gratuita aos necessitados.

Preparei o currículo e fui à luta, em diversas áreas. Independentemente dos desejos, naquele momento, poderia ter seguido diversos rumos. Conforme a oferta do mercado de trabalho, poderia ter virado professor de História em cursinho, professor de inglês em escola de línguas, estagiário em algum museu ou biblioteca, jornalista (tinha vários colegas de faculdade trabalhando na *Folha de São Paulo*), ou até administrador de hotel ou algum empreendimento de turismo que envolvesse o conhecimento de idiomas, sem contar que não teria como recusar, caso aparecesse, um bom estágio em escritório de advocacia.

Foi então que o acaso veio a calhar. No último dia do curso de Brasília Sallum no mestrado, em junho de 1983, fui até a secretaria e vi um cartaz, escrito à mão: encerravam-se no dia seguinte as inscrições de um concurso para docente de Sociologia na Universidade Estadual de Londrina – cidade que conhecia só de ouvir falar e pelo seu time de futebol. Mandeí o currículo às pressas e fui chamado para realizar o concurso, levando na bagagem alguns livros meus e outros que o professor Brasília me emprestara. Em julho, após oito horas de ônibus, cheguei a Londrina, paixão à primeira vista. No dia

seguinte, foi o sorteio do ponto da aula. Sorte de principiante: o tema foi a teoria sociológica de Karl Marx.

Cheguei pontualmente no horário da prova, mas a banca começou a desmobilizar-se, pois pensou que eu era um aluno que viera assistir à aula, e não o candidato, que supunham haver desistido. Mesmo com a presença de dois conservadores numa banca de três professores, acho que eles se impressionaram com o entusiasmo juvenil e acabei aprovado em terceiro lugar. O destino não permitiria que meu nome integrasse por mais de um mês as estatísticas de desemprego, após o término da faculdade. Encontrara trabalho longe de casa, no interior do Brasil, mas de acordo com as pretensões de seguir carreira universitária. Iniciava-se assim um período muito gratificante, uma “vida de gato”: sete anos de trabalho em Londrina, nos quais dei muitas aulas (confesso que aprendi mais Sociologia estudando para ensinar do que nos bancos da faculdade), integrei-me às atividades do Departamento de Ciências Sociais, estudei muito para fazer novo concurso e ganhar a vaga de professor efetivo.

Também viajava constantemente para cumprir os créditos da pós-graduação e para realizar a pesquisa da tese, incluindo as mais de trinta entrevistas com ex-guerrilheiros em São Paulo, Osasco, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Inicialmente, financiei a pesquisa por conta própria, depois ganhei uma bolsa da ANPOCS, além de verbas da UEL e da CAPES, que me deu uma bolsa do PICD.

No plano pessoal, em Londrina, acabei casando pela primeira vez e tendo dois filhos – Marco Antonio e Luís Guilherme. Lá ficaram muitos amigos, especialmente na Universidade, com os quais mantenho contato até hoje, especialmente o compadre Pedro Roberto Ferreira, estudioso das esquerdas e do marxismo, sempre um interlocutor.

No decorrer da pesquisa sobre as esquerdas armadas, apareceu a oportunidade de conhecer colegas estudiosos da esquerda brasileira, a maioria dos quais integrava o Grupo de Trabalho (GT) “Partidos e Movimentos de Esquerda”, da ANPOCS, ao qual me integrei em 1985. Travei amizade com pesquisadores como Marco Aurélio Garcia, João Quartim de Moraes, Carlos Nelson Coutinho, Celso Frederico, Jacob Gorender, Ricardo Antunes, João Roberto Martins Filho, Gildo Marçal Brandão, Osvaldo Coggiola, Rubens Pinto Lyra, Sílvio Frank Alem e outros, como Daniel Aarão Reis Filho, que fora colega num curso de pós-graduação e com quem passei a desenvolver uma série de empreendimentos comuns. Nunca esqueço que Daniel Aarão, como também Sedi Hirano, Marco Aurélio Garcia e outros deram muito apoio quando eu era um desconhecido jovem professor em Londrina, sem titulação ou publicações.

O primeiro artigo significativo que publiquei resultou de trabalho nesse GT sobre a formulação teórica que presidiu a ação da Vanguarda Popular Revolucionária a partir de 1969, elaborada por Jamil Rodrigues, nome de guerra de Ladislau Dowbor.⁹ Esse artigo – selecionado pela ANPOCS para publicação, entre as dezenas de textos apresentados em seu Encontro Anual de 1986 – uma vez expandido e um pouco retrabalhado, poderia ter se tornado uma dissertação de mestrado, projeto que alterei, em nome de tentar uma síntese mais abrangente da luta das esquerdas armadas.

Mais tarde, viria a ser eleito coordenador do GT “Partidos e movimentos de esquerda”. De outubro de 1989 a outubro de 1993, tive a oportunidade de organizar uma série de seminários, mesas-redondas e cursos nas reuniões anuais da SBPC, da ANPUH, da SBS e em universidades pelo

⁹ Marcelo Ridenti. "A vanguarda armada e as massas na revolução que não ocorreu". *Ciências Sociais Hoje* - anuário de Antropologia, Política e Sociologia da ANPOCS, São Paulo, Vértice/ANPOCS: p. 170-213, 1987.

Brasil afora, com muito êxito de público, na contracorrente da maré montante anti-socialista daqueles anos, contemporânea da queda do muro de Berlim.

No GT, as várias vertentes de pesquisadores das esquerdas talvez possam ser agrupadas em duas correntes: uma herdeira do marxismo-leninismo, cujo representante mais destacado era João Quartim de Moraes. A outra vertente, mais heterodoxa, tinha como seus principais integrantes Marco Aurélio Garcia e Daniel Aarão Reis Filho. Eles me ensinaram – na convivência e em seus escritos – a desconfiar de qualquer verdade estabelecida e também foram exemplos como historiadores da esquerda brasileira. Essa influência intelectual, somada aos acontecimentos políticos nacionais e internacionais nos anos 1980, e principalmente a pesquisa que realizava sobre as esquerdas armadas brasileiras, distanciaram-me de concepções de partido de vanguarda e da aposta intelectual anterior no bolchevismo como ainda válido para as transformações sociais necessárias naquele final do século XX. Mas não me afastaram da convicção de que a obra de Marx continua sendo a referência mais adequada para pensar nosso tempo.

A utopia do marxismo como instrumento de análise social, política e econômica para compreender e transformar radicalmente o mundo implica conhecer bem a tradição crítica marxista, mas também as outras. Vale a pena integrar-se a essa tradição, porém não basta. Essa utopia implica enfrentar a complexidade do mundo contemporâneo e tentar desmistificá-lo – o que passa longe do encastelamento confortável no eterno retorno às “sagradas escrituras”, como se pela exegese das obras clássicas pudéssemos encontrar as respostas para todos os problemas presentes, passados e futuros. Implica uma inquietação intelectual que poderia ser traduzida numa das máximas

preferidas de Marx, “duvidar de tudo”, até mesmo das verdades estabelecidas no âmbito do marxismo, que deve ser avesso a qualquer dogma.

Seria simples se os problemas das esquerdas se devessem essencialmente a “doenças” ou a questões morais, como a “traição” das lideranças. A experiência histórica já não permite supor que tudo se resolve com a militância no “verdadeiro” partido da classe operária, seja ele qual for. É preciso olhar a trajetória dos partidos e movimentos de esquerda e tentar explicar por que razões feneceram as mais belas utopias. Algo que tenho proposto em minhas pesquisas.

Essas pesquisas procuram vincular-se à famosa tese de Marx sobre Feuerbach: “os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo”.¹⁰ Isso envolve não cair na ilusão da neutralidade axiológica, tampouco separar conhecimento de ação política. O que é muito diferente de distorcer a realidade para que ela se enquadre em um modelo teórico preconcebido, e muito menos em um projeto político predeterminado. Conhecer a realidade para transformá-la envolve um projeto radical de conhecimento que se afasta de qualquer proposta ideológica que trate o real conforme as conveniências políticas do momento, submetendo assim a análise sócio-histórica aos vaievéns da política. Implica ir além das aparências, “ao fim e ao fundo” – como gostava de dizer Florestan Fernandes – no desvendamento das contradições sociais, políticas e econômicas constitutivas do real.

Cientistas sociais identificados com o materialismo dialético – que pretendem analisar a sociedade historicamente, como totalidade contraditória em movimento – devem suspender o “dado para focalizar o modo de uma

¹⁰ Apud Karl Marx. *A ideologia alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Grijalbo, 1977.

sociedade constitui-se como um dar-se”.¹¹ Aos que pretendem superar o dado – e jamais submeter-se a qualquer teoria justificativa ou apologética da ordem estabelecida, como ensina Marcuse¹² –, cabe questioná-lo pelas raízes, para captar o movimento da sociedade, que não é regida por leis naturais. Inspirado nessa perspectiva teórica e metodológica, tenho desenvolvido pesquisas, desde aquela que resultou na tese de doutorado.

Beneficiando-me das discussões com a orientadora, Heloísa Fernandes, e com os colegas do GT “Partidos e Movimentos de Esquerda”, terminei a pesquisa em 1989. Eu a havia preparado entre os 24 e os 30 anos, faixa etária da maioria dos militantes das organizações clandestinas de combate à ditadura nas décadas de 1960 e 1970. Era uma contribuição sociológica para o acerto de contas com o passado recente; ao final do trabalho, concluía que o leninismo ou qualquer tipo de vanguardismo haviam encerrado seu ciclo histórico, mas precisavam ser examinados nos contextos políticos específicos que os geraram. Ao ler a tese, Heloísa Fernandes entendeu que deveria enviá-la diretamente ao doutorado, e não ao mestrado, como estava previsto. Ouviu então a opinião do coordenador da Pós-graduação, Sedi Hirano, e eles submeteram a tese à qualificação ao doutorado, exame do qual participou também Francisco de Oliveira, que acabara de ingressar na USP e tive a oportunidade de conhecer naquela ocasião. Eles gostaram do texto apresentado, um capítulo teórico da tese, sobre classes sociais e representação política.

Quase cinco anos mais tarde, esse texto da qualificação foi retomado. Após certa reformulação formal e acrescido de reflexões desenvolvidas no curso ministrado por mim na pós-graduação em Sociologia da UNESP, gerou

¹¹ José Arthur Giannotti. *Trabalho e reflexão*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.268.

¹² Herbert Marcuse. *Razão e revolução*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

um livro editado pela Cortez com o título *Classes sociais e representação*, com prefácio de Francisco de Oliveira.¹³ Ali ficam explicitadas algumas das influências teóricas sobre minhas pesquisas: Pasukanis, E.P.Thompson, Perry Anderson, Nicos Poulantzas, Adam Przeworski; também os brasileiros – quase todos do ambiente da USP que originou os seminários de *O capital* no início dos anos 1960: Michael Löwy, Roberto Schwarz, Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti, Ruy Fausto, Francisco de Oliveira, Sedi Hirano etc. Sem contar Weber e, especialmente, Marx.

A defesa do doutorado foi em agosto de 1989. Compunham a banca: Octavio Ianni, Daniel Aarão Reis e os três professores que haviam participado do exame de qualificação. Vez por outra, alguém sugere discretamente (como é sutil a disputa em nosso meio!) que a tese deveria ter sido apresentada como mestrado, insinuando benefício indevido. Isso força a registrar que – não bastasse a avaliação da banca, que deu a nota máxima à tese – o livro que se originou dela obteve reconhecimento em várias áreas, desde resenhas favoráveis na imprensa até inúmeras citações por pesquisadores das Ciências Sociais e da História, no Brasil e no exterior.¹⁴ Foi uma surpresa saber que ele é indicado para a prova de História do Brasil do concurso de ingresso na carreira diplomática, como atesta o *Guia de estudos* aos candidatos ao Itamarati.¹⁵ Surpresa equivalente foi ver o livro citado numa obra de Skidmore, que sugere a leitura “para um relato detalhado da oposição armada”.¹⁶ Fico só na menção a essas citações, pelo seu caráter inesperado, fora do âmbito intelectual considerado de esquerda. Seria dispensável

¹³ Marcelo Ridenti. *Classes sociais e representação*. São Paulo: Cortez, 1994, 118 p.

¹⁴ Marcelo Ridenti. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. UNESP/Fapesp, 1993 (1ª reimpressão, 1996), 284 p. O livro está esgotado, deve sair brevemente nova edição.

¹⁵ *Guia de Estudos* para o concurso de admissão à carreira de diplomata – Instituto Rio Branco, 1998, p.59.

¹⁶ Thomas E. Skidmore. *Uma história do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p.346.

escrever essas linhas; mas vale a pena fazê-lo para esclarecer a obtenção do título de doutor sem passar pelo mestrado.

O livro trata da composição social e da inserção dos grupos guerrilheiros urbanos na sociedade brasileira, nos anos 1960/70. Investiga a penetração desses grupos em distintos setores sociais, mostrando como eles esboçaram uma representação de classe, e como esta não chegou a se constituir propriamente, em caminhos nos quais a "revolução" proposta pelas esquerdas foi derrotada e a "revolução" conservadora de 1964 e de 1968 triunfou, provisoriamente. O primeiro capítulo narra o desenvolvimento das esquerdas brasileiras no período, explicando as divergências entre elas, bem como os pontos comuns que permitem a análise global sobre os grupos guerrilheiros. No segundo capítulo, destaca-se a efervescência política e cultural de então, sem a qual não é possível compreender a revolta e o extremismo de parcelas das camadas urbanas, especialmente das jovens e intelectualizadas, que compunham mais da metade dos integrantes das organizações da "nova esquerda". A inserção dessas organizações no interior do movimento estudantil e, deste, no seio da sociedade mais abrangente, também é tratada nesse capítulo que aborda, ainda, a presença de profissionais intelectualizados nas esquerdas. O terceiro capítulo diz respeito à vinculação dos grupos armados com as bases da sociedade brasileira, realçando, especialmente, a atuação na guerrilha de militares de baixa patente e de trabalhadores manuais, urbanos e rurais. O capítulo final trata da rápida e progressiva perda de enraizamento social dos grupos de extrema esquerda, tanto pela sua ação, como por aquela da ditadura (repressiva e ideológica), dentro de uma situação econômica muito particular, o chamado "milagre brasileiro". Isoladas socialmente, as organizações armadas entraram numa

dinâmica ambígua, de sobrevivência e de auto-destruição, tornando-se marginais ao movimento da sociedade.

Todo o processo de pesquisa de anos que resultou nesse livro foi muito marcante em minha formação: as leituras realizadas, os documentos analisados, a construção dos dados estatísticos sobre os grupos de esquerda com base no levantamento do Projeto Brasil Nunca Mais, e especialmente as longas entrevistas gravadas com ex-guerrilheiros.

Na “idade da razão”: UNESP e UNICAMP

Em agosto de 1990, após ser aprovado em concurso público, ingressei no Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, em Araraquara. Em setembro de 1991, mediante concurso, efetivei-me no cargo de Prof. Assistente. Fui vice-chefe de Departamento de 1991 a 1993 e chefe nos biênios 1994/95 e 1996/97. Desde 1992, passei a integrar o Programa de Pós-graduação em Sociologia da UNESP (mestrado e doutorado), com atividades de aula, seleção e orientação. Lá orientei oito mestrados e dois doutorados, concluídos entre 1995 e 2002. Em Araraquara, tive a oportunidade de manter diálogo acadêmico com vários colegas, muitos dos quais se tornaram também amigos, caso de Jorge Miglioli, Eliana Melo Souza, Renato Franco, José Antonio Segatto, José Leonardo Nascimento, Lucila Scavone, Vera Botta, Maria Aparecida Moraes, Maria de Lourdes Scarfon, Anita Simis e outros.

Aprovado em concurso, fui transferido para o Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, em julho de 1998, com atividades na graduação e pós-graduação. Apesar de ser novo na instituição, talvez pela escassez de quadros gerada por várias aposentadorias, convocaram-me para coordenar o Mestrado em Sociologia,

atividade exercida de março de 1999 a abril de 2001. Quem sabe tenha feito uma boa gestão, acertando o problema com os prazos para a defesa de dissertações. Também organizei na época, com Elide Rugai Bastos, uma publicação com os resumos de todas as dissertações defendidas até então no programa.¹⁷ Na UNICAMP, já orientei seis mestrados e um doutorado, além de várias teses e dissertações em andamento.

Também coordenei o curso de graduação em Ciências Sociais, de agosto de 2002 a setembro de 2003. Foi um período breve, no qual foram implementadas algumas pequenas mudanças para facilitar a vida dos alunos (alterando alguns pré-requisitos, por exemplo), e iniciado um processo para reformulação do currículo. Deixei o cargo para assumir a direção do Arquivo Edgard Leuenroth, onde tenho procurado – junto com Fernando Lourenço, Diretor Associado – buscar a doação de novos arquivos e financiamentos nas agências de fomento.

Essas atividades administrativas exigem bastante. Não as aprecio especialmente, mas tampouco as rejeito, pois fazem parte do trabalho universitário coletivo. Tal posição e uma certa capacidade de organização acabam levando para essas atividades, cuja importância evidentemente não deve substituir a pesquisa. Tem valido a pena conciliar as pesquisas com as atividades didáticas, de orientação e administrativas, sem contar os seminários extra-curriculares que tenho promovido ao longo do tempo dentro e fora do local de trabalho.¹⁸

Os seminários de orientação – com alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado – permitem ensinar e aprender, debatendo nossas

¹⁷ Elide Rugai Bastos e Marcelo Ridenti (orgs.). *Catálogo de dissertações, 1976-2000*. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, UNICAMP, 2001.

¹⁸ Ver na segunda parte do Memorial as atividades de organização de eventos acadêmicos na UEL, UNESP, UNICAMP, SBS, Anpuh, Anpocs, SBPC, Capes-Cofecub, LASA etc.

pesquisas e textos de vários autores. Também é bom dar aula no ensino de graduação, em que o contato cotidiano com a juventude dá a ilusão de não envelhecer. Ao longo de toda a carreira, tenho ministrado aulas de teoria sociológica clássica na graduação, em disciplinas sobre os pensamentos de Durkheim, Weber e Marx, e também em disciplinas sobre classes sociais. No âmbito da pós-graduação, tenho trabalhado com temas mais próximos de minhas pesquisas sobre cultura e intelectualidade de esquerda. Lecionar é uma atividade prazerosa e enriquecedora intelectualmente, não só pelo contato com os alunos, mas também pela tarefa de preparar as aulas – a obrigação de transmitir a matéria didaticamente e de discutir textos com os alunos obriga a um estudo detido.

Não imponho aos orientandos tema e muito menos linha teórica, respeito suas escolhas, e cobro coerência analítica com elas. Evidentemente, porém, se eles buscaram orientação, é porque há afinidades entre nós. Assim, seria possível agrupar seus trabalhos, grosso modo, em dois eixos temáticos, ambos referentes à sociedade brasileira pós-1960: 1. cultura e intelectuais; e 2. movimentos políticos e sociais. Cabe citar apenas as dissertações e teses concluídas, para não alongar o Memorial em demasia. São dezessete no total, a grande maioria (treze) defendida nos últimos cinco anos, depois que concluí a livre-docência.

Quanto ao primeiro eixo, foram onze dissertações e teses. Alguns orientados trabalharam sobre autores e movimentos da música popular, caso das dissertações de José Vicente Mazon sobre Chico Buarque, Clóvis Santa Fé Júnior sobre o *rock* brasileiro politizado dos anos 1980 e Daniela Ribas

Ghezzi sobre o Lyra Paulistana.¹⁹ Quanto a imagens, Marina Soler Jorge tratou da atuação dos cineastas de esquerda na Embrafilme nos anos 1970, Joana D’Arc de Souza Lima analisou as relações entre arte e política numa neovanguarda das artes plásticas entre 1968 e 1971, ao passo que Márcia Fantinatti defendeu sua tese sobre as questões sociais e políticas nas telenovelas da Rede Globo, especialmente as de Benedito Ruy Barbosa.

Dois alunos estudaram revistas políticas e culturais: Santiane Arias analisou a *Estudos Sociais*, do começo dos anos 1960, e Luiz Fernando da Silva doutorou-se com um estudo sobre o pensamento marxista no Brasil a partir dos anos 1980, no qual a revista *Teoria e Política* é analisada centralmente. Ainda sobre temas ligados a cultura e intelectualidade, Claudete Gomes Soares analisou a Teologia da Libertação, especialmente a trajetória das idéias de Leonardo Boff, Izildo Corrêa Leite tratou no doutorado das representações da miséria e dos miseráveis no meio estudantil universitário, e Luiz Fernando da Silva fez seu mestrado enfocando a trajetória teórica dos intelectuais oriundos do chamado “seminário de *O capital*”, realizado por intelectuais da USP na primeira metade dos anos 1960.

Dentro do eixo temático sobre movimentos políticos e sociais, foram outras seis dissertações orientadas. Duas delas tratam de movimentos de jovens e estudantes: Mariângela de Lello Vicino estudou a atuação do movimento estudantil da USP de São Carlos de 1953 a 1963, e Suely Martins analisou a Pastoral da Juventude em Londrina a partir dos anos 1980. Outras quatro dissertações aproximam-se das questões do trabalho na sociedade brasileira de nossos dias: Rosivaldo Pellegrini abordou o taylorismo recriado numa empresa informatizada de Londrina, Telma Gil tratou do impacto na

¹⁹ Os dados bibliográficos completos de todas as teses e dissertações citadas encontram-se num tópico na segunda parte do Memorial. Ali também estão os dados sobre as orientações de iniciação científica concluídas e as demais em andamento.

saúde da reestruturação produtiva em petroleiros paulistas, Naldson Ramos da Costa debruçou-se sobre a luta dos trabalhadores de Rondonópolis de 1985 a 1991, e Márcio Saviani estudou a atuação dos catadores de papel em Londrina nos anos 1980/90.

Todos esses trabalhos buscam contribuir para esclarecer diferentes aspectos das lutas, da cultura e do pensamento social na sociedade brasileira pós-1960, ainda que sob enfoques teóricos e metodológicos diferenciados. Assim, há os alunos fortemente influenciados pela corrente althusseriana do marxismo (Luiz Fernando da Silva e Márcia Fantinatti), aqueles mais próximos da Escola de Frankfurt (Clóvis Júnior e Marina Soler), os adeptos da sociologia dos campos de Bourdieu (Daniela Ghezzi e Joana Lima), aqueles formados no historicismo gramsciano (Claudete Soares e Santiane Arias), e assim por diante.

Alguns desses alunos já eram professores de universidades federais quando me procuraram, caso de Naldson Costa (UFMT) e Izildo Corrêa Leite (UFES). Outros tornaram-se docentes de universidades públicas depois, como Luiz Fernando da Silva (UNESP-Baurú), Suely Martins (Unioeste-Paraná), Rosivaldo Pellegrini (UEL-Londrina), sem contar que vários são professores de faculdades privadas e/ou fazem seu doutorado. Quase todos foram bolsistas, quatro deles da Fapesp, os demais do sistema Capes/CNPq.

Em suma, nas atividades de docência, pesquisa, orientação e administração, encontrei um lugar na UNESP e depois na UNICAMP, onde me sinto em casa, com ótimas oportunidades para desenvolver o trabalho acadêmico individual e também coletivo – no âmbito do departamento de Sociologia, do AEL, da pós-graduação, da revista *Idéias*, do acordo Capes-Cofecub etc, com colegas como Renato Ortiz, José Mário Ortiz Ramos, Ricardo Antunes, Márcio Naves, Elide Rugai Bastos, Maria Lygia Quartim de

Moraes, Leila Ferreira, Fernando Lourenço, Walquíria e Rubem Murilo Leão Rêgo, Laymert Garcia dos Santos, Josué Pereira da Silva e outros.

Cadernos revisitados: pesquisas e publicações nos anos 1990

Na década de 1990, dei forma final a pesquisas anteriores que resultaram em publicações várias, como os livros já mencionados sobre as esquerdas armadas e sobre a teoria marxista das classes sociais. Em 1992, Emir Sader fez o convite para escrever um livro paradigmático para a coleção “História viva”, que organizava para a editora Atual. Ele queria um texto que contasse nossa história político-partidária e, ao mesmo tempo, mostrasse aos jovens a importância do interesse pela política. Aceitei o desafio; o resultado foi *Política pra quê? Atuação partidária no Brasil contemporâneo*. Os três capítulos iniciais, em parte baseados em minhas aulas de introdução à Sociologia, tentam mostrar que é possível apreender os fenômenos políticos de nossa história recente à luz de diferentes visões de mundo, basicamente, a dos clássicos da Sociologia: Durkheim, Marx e Weber. O quarto capítulo, mais longo, trata dos partidos políticos brasileiros, de 1946 até hoje.²⁰

Essa maneira de conduzir a argumentação, de certa forma, aproxima as experiências do professor e do pesquisador, não só por se tratar de um texto paradigmático. Desde o início da carreira, as atividades docentes concentram-se sobretudo nas teorias sociológicas clássicas, particularmente aquelas da “santíssima trindade”, expressão irônica para caracterizar os cientistas sociais que alguns candidatos a lobo-mau gostam de chamar de “os três porquinhos” (eles são apetitosos, mas ainda não vi surgir um lobo capaz de devorá-los, só lobos-bobos, como nos desenhos animados). Por outro lado, minhas pesquisas estão voltadas sobretudo para a compreensão de fenômenos sócio-político-

²⁰ Marcelo Ridenti. *Política pra quê? Atuação partidária no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Atual, 1992 (10a. ed., 2002), 114 p.

culturais da História recente do Brasil. *Política pra quê?* é uma síntese à minha moda entre teoria sociológica e sociologia política.

Parece que a receita deu um prato palatável, pois o livrinho já está na 10ª edição. Foi adotado nos locais mais díspares: colégios pobres na periferia da capital paulista, escolas públicas do interior, colégios do ensino privado e até mesmo em cursos universitários de introdução à Sociologia ou à Política Brasileira (como a UFMG, a UFSCar, a UEL, o Mackenzie etc). É grande o risco assumido ao escrever esse tipo de obra, pois é fácil cair em armadilhas de vulgarização simplista do conhecimento. Mas vale a pena escrever livros didáticos e paradidáticos, especialmente para o primeiro e o segundo grau da escola pública, da qual a Universidade está muito afastada, lamentavelmente.

Outro pequeno livro, *Professores e ativistas da esfera pública*, redundou de pesquisa financiada pelo CNPq, a cujo quadro de pesquisadores passei a pertencer em 1992 (atualmente, estou classificado no CNPq como Pesquisador 1C).²¹ O livro divide-se em três tópicos. O primeiro expõe o que parece ser o lugar das classes médias e sua importância nas sociedades contemporâneas, mas sem se alongar nas controvérsias teóricas sobre o tema. Essa abordagem, apesar de breve, é fundamental para o entendimento da proposta teórica central, exposta no segundo tópico, com exemplos da realidade brasileira e alguns internacionais: existem setores das novas classes médias que são ou podem vir a ser de esquerda, vale dizer, podem tornar-se críticos da ordem política, social e econômica estabelecida, potencialmente identificados com as lutas dos trabalhadores. Dentre esses setores – caso, por exemplo, de muitos militantes que vêm construindo o PT, cuja composição social e política é analisada de passagem –, destacam-se dirigentes sindicais e políticos, bem como ativistas ligados à apropriação coletiva do fundo público,

²¹ Marcelo Ridenti. *Professores e ativistas da esfera pública*. São Paulo: Cortez, 1995, 86 p.

isto é, vinculados aos gastos sociais do Estado em educação, saúde, cultura, transportes, habitação e outros investimentos governamentais de bem-estar para a população globalmente considerada, não para o financiamento de empresas privadas.²²

A fim de demonstrar essa tese, no terceiro tópico – o mais desenvolvido do trabalho – toma-se como referencial o estudo das lutas políticas e sindicais de uma categoria profissional de classe média: os professores universitários, organizados na ANDES (Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, depois transformada em Sindicato Nacional), cujas lutas são abordadas em sua ambigüidade: são defendidas posições corporativas, às vezes contraditórias com o discurso mais universal e socializante das lideranças político-sindicais. Esse terceiro tópico havia sido publicado isoladamente como artigo na revista *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas.²³ As referências teóricas principais foram trabalhos de Francisco de Oliveira sobre o fundo público e as classes médias.²⁴

Minhas pesquisas têm gerado uma série de artigos, publicados em coletâneas. “Historiografia da esquerda – o fantasma da revolução brasileira” faz um balanço da produção sobre as esquerdas armadas nas ciências humanas; ele saiu no livro organizado por Ângela Araújo, que reúne as comunicações apresentadas no seminário de 20 anos do Arquivo Edgard

²² Uma versão inicial desses tópicos foi apresentada num Congresso em Lisboa, em 1994, com o título "Notas sobre as novas classes médias e a esquerda brasileira, 1964-1994". Ela seria posteriormente publicada na coletânea organizada com base nas comunicações realizadas. Ver: Marinús Pires de Lima e Ana Maria Nunes de Almeida (org.). *Dinâmicas multiculturais, novas faces, outros olhares*. Lisboa: Ed. do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, novembro de 1996.

²³ Marcelo Ridenti. ANDES: representação sindical e política de professores universitários. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 93: p. 72-80, maio de 1995.

²⁴ Ver, por exemplo, os textos de Francisco de Oliveira. “Além da transição, além da imaginação”. *Novos Estudos CEBRAP*, 12: p. 2-15, junho de 1985. *O elo perdido, classe e identidade de classe*. São Paulo, Brasiliense, 1987. “Medusa ou as classes médias e a consolidação democrática. In: O'Donnel, G. & Reis, F. W. (org.). *Dilemas e perspectivas da democracia no*

Leuenroth, da UNICAMP.²⁵ Já o artigo intitulado “Que história é essa?” refere-se às circunstâncias históricas e sociais que envolveram o seqüestro do embaixador dos EUA no Brasil, em 1969, retratado no filme de Bruno Barreto, baseado no livro de Fernando Gabeira, *O que é isso, companheiro*. Ele foi publicado numa coletânea de críticas à versão da História exposta no filme.²⁶ Em “O romantismo revolucionário nos anos 60”, esboçava-se a argumentação que viria a ser desenvolvida no primeiro capítulo da tese de livre-docência: as lutas sociais e as idéias de esquerda dos anos 1960, nos campos da política e da cultura, podem ser caracterizadas como românticas e revolucionárias. Esse texto faz parte de um livro de depoimentos de ex-detentos políticos no Presídio Tiradentes, em São Paulo.²⁷

Um dos artigos que obteve melhor acolhida faz parte de uma coletânea organizada por Daniel Aarão Reis sobre os 150 anos do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels.²⁸ Em “O sucesso no Brasil da leitura do *Manifesto Comunista* feita por Marshall Berman”, tento entender o inusitado êxito brasileiro do livro de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, publicado em 1986.²⁹ Pode-se atribuir o sucesso não só ao empreendimento da nascente indústria cultural da editora Companhia das Letras, mas sobretudo ao momento em que foi publicado, de virada no interior da intelectualidade de esquerda brasileira, após o fim do regime militar e civil. A repercussão talvez tenha dependido não só do que o autor expressou no texto,

Brasil. São Paulo, Vértice, 1988. “O surgimento do antivalor – capital, força de trabalho e fundo público”. *Novos Estudos CEBRAP*, 22: p. 8-28, outubro de 1988.

²⁵ Ângela Araújo (org.). *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo: Scritta, 1997.

²⁶ Daniel Reis Filho et alii. *Versões e ficções – o seqüestro da História*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997.

²⁷ Izaías Almada et alii. *Tiradentes, um presídio da ditadura – memórias de presos políticos*. São Paulo: Scipione, 1997.

²⁸ Daniel Aarão Reis Filho (org.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Contraponto/ Fund. Perseu Abramo, 1998.

²⁹ Marshall Berman. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

mas também da leitura que foi feita dele por setores intelectualizados das classes médias, num determinado momento histórico de redefinições no pensamento e na prática das esquerdas. A proposta central é a de que o livro e seu público brasileiro, em meados dos anos 1980, equilibravam-se na tênue fronteira entre a individualidade libertária e o individualismo narcisista. Uma versão resumida desse artigo foi publicada em francês, nos anais do Congresso de 150 anos do *Manifesto Comunista*, realizado em Paris, em maio de 1998.³⁰

Outro artigo – "Um romantismo revolucionário em Florestan Fernandes?" – foi preparado para uma coletânea baseada em seminário da USP que relembrava dois anos da morte do velho mestre.³¹ Argumentava que, embora a obra de Florestan não possa ser classificada em seu conjunto como romântica – pois talvez predominem nela justamente os aspectos de “anticapitalismo modernizador” –, existem traços românticos em seu pensamento e ação política em vários momentos, por exemplo: ao buscar no passado, em estudos sobre os tupinambás, os negros e o folclore, os elementos constituintes do povo brasileiro, ao qual o intelectual deveria associar-se para a transformação social; ao propor o vínculo entre ciência, ideologia e utopia socialista, com base no caráter do autêntico homem do povo brasileiro; ao construir uma trajetória de vida de “grande figura de militante solitário”, cuja legitimidade baseava-se na força intelectual e moral adquirida por suas ações; sem contar a “entrega total de si mesmo” à “causa popular”.

O livro *Rebeldes e contestadores – 1968: Brasil/ França/ Alemanha* é fruto de um seminário realizado pela Fundação Perseu Abramo e pela

³⁰ “Succès au Brésil de la lecture du Manifeste communiste faite par Marshall Berman”. Anais do Encontro Internacional *Le Manifeste communiste, 150 ans après*. 4e. Dossier: p. 76-79. Paris, fevereiro de 1998.

³¹ Paulo Martinez (org.) *Florestan Fernandes: o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo/Centro Universitário Maria Antônia, Universidade de São Paulo, 1998.

UNICAMP sobre os 30 anos de 1968.³² Dele faz parte meu artigo “Recapitulando 1968 no Brasil”, a apontar que a agitação cultural e política de 1968 teve especificidades locais determinantes na sociedade brasileira, acima da influência dos fatores internacionais e da identidade com movimentos contestadores de outros países, embora isso não signifique que os brasileiros não estivessem sintonizados com as manifestações que ocorreram mundo afora naquele ano. O artigo recapitula, sinteticamente, os principais acontecimentos de 1968 no Brasil, com o objetivo de situar historicamente os depoimentos de alguns de seus protagonistas.

Outro artigo resultou da aula ministrada no concurso em que fui admitido na UNICAMP.³³ Sugere como aspectos dos pensamentos de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim estariam presentes num livro destacado da sociologia política contemporânea, *Capitalismo e social-democracia*. Nele, Przeworski propõe uma síntese teórica entre os legados do materialismo histórico e do individualismo metodológico, buscando superar visões voluntaristas e deterministas da sociedade e da política. Meu artigo sugere alcances e limites teóricos da síntese de Adam Przeworski a partir de uma leitura – entre as muitas possíveis – dos referidos clássicos da sociologia.

É ainda digno de nota o artigo que foi preparado para o Congresso da LASA, em Los Angeles, em setembro de 1992, tentando apreender “O impacto da crise do socialismo no Partido Comunista do Brasil, 1988-1992”. Retrabalhado, o texto foi publicado na revista *Perspectivas*.³⁴ Analisa-se a

³² Marco Aurélio Garcia, Maria Alice Vieira (org.). *Rebeldes e contestadores – 1968: Brasil/França/Alemanha*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.

³³ Marcelo Ridenti. “Entre a força da ação e o peso da estrutura - uma interpretação dos pressupostos teóricos de *Capitalismo e social-democracia*, de Adam Przeworski”. *Idéias*, Revista do IFCH, UNICAMP, Campinas, 6(2)/7(1): p.173-189, 1999/2000.

³⁴ Marcelo Ridenti. “O impacto da crise do socialismo no Partido Comunista do Brasil, 1988-1992”. *Perspectivas*, Revista de Ciências Sociais, UNESP, São Paulo, 17-18: p. 75-94, 1994/1995. Mais tarde, revisei e atualizei o artigo para apresentar num congresso da FIEALC, em Moscou, em 2002.

repercussão das transformações no leste europeu sobre o PCdoB, entre o 7º Congresso partidário (maio de 1988), e o 8º Congresso (fevereiro de 1992). O processo levaria a mudanças no Partido, as quais podem ser assim resumidas: crítica moderada a Stálin, porém significativa por ser a primeira na história do PCdoB (manteve-se, entretanto, a concepção de partido marxista-leninista de vanguarda); abandono da teoria das duas etapas da revolução brasileira; realinhamento político no plano internacional, em apoio a partidos comunistas dentro e fora do poder; pêndulo à esquerda na política interna brasileira, aproximando-se do PT, em prejuízo da aliança habitual com o PMDB.

Registre-se ainda uma nota sobre um livro que ajudei a produzir: uma pesquisa coletiva sobre o ensino noturno na UNESP.³⁵ De alguma forma, ele revela o empenho dedicado às tarefas administrativas da Universidade, participando de comissões e colegiados, exercendo cargos de coordenação e chefia etc.

Trajetória recente: pesquisas e publicações

Após a defesa da livre-docência, em 1999, foi possível incorporar parte das críticas da banca (composta por Sedi Hirano, Daniel Aarão Reis Filho, Celso Frederico, Jorge Miglioli e Caio Navarro de Toledo), e transformar a tese em livro. Já tinha a publicação praticamente acertada com as editoras UNESP e Perseu Abramo, além de propostas de outras, como a Boitempo. Nesse ínterim, recebi um telefonema de Luciana Villas-Bôas, da editora Record. Daniel Aarão Reis havia indicado o livro a ela. Era uma situação nova: perdera cerca de três anos batendo de porta em porta até encontrar uma

³⁵ Maristela Bernardo (org.). *O ensino noturno na UNESP*. Pró-Reitoria de Graduação, UNESP, São Paulo, 1996, 275 p.

editora para o livro baseado no doutorado – que acabaria tendo boa repercussão editorial e acadêmica. Agora tinha várias ofertas na mão.

Depois de me aconselhar com vários amigos, aceitei a oferta da Record, ponderando que tinha boa oportunidade de publicar por uma grande editora carioca, que distribuiria o livro em todo o país e prometia realizar um trabalho muito profissional, embora norteado pelos critérios da indústria cultural. Acompanhei quase até o final a produção do livro, que ficou bonito e com um caderno de fotos que dificilmente outra editora bancaria – ainda que a edição tenha saído com lacunas no índice remissivo e alguns erros de revisão. O livro foi resenhado por jornalistas e também por professores universitários em publicações de âmbito regional e nacional. Talvez essa obra tenha me dado mais reconhecimento acadêmico e visibilidade na mídia, a julgar pelos contatos de intelectuais com quem antes não me relacionava e pelo aumento dos convites para participar de eventos acadêmicos, bancas, escrever artigos, resenhas e capítulos de livros.

Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da TV é um livro que trata da ação política de artistas e intelectuais de esquerda a partir dos anos 1960, para os quais seria central o problema da identidade do povo brasileiro, buscando as suas *raízes* e a ruptura com o subdesenvolvimento.³⁶ O primeiro capítulo destaca o *romantismo revolucionário*, a utopia da integração do intelectual com o homem simples do povo, supostamente não contaminado pela modernidade capitalista, que poderia dar vida a um projeto alternativo de sociedade. O segundo capítulo analisa a inserção do PCB no meio artístico. O terceiro revela ligações de artistas e intelectuais com outras esquerdas organizadas. O quarto e o quinto

³⁶ Marcelo Ridenti. *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000, 458 p.

capítulos abordam as trajetórias de Chico Buarque e de Caetano Veloso, que nunca foram militantes, mas são impensáveis fora da cultura política gestada nos anos 1950/60.³⁷ O sexto capítulo enfoca desdobramentos da herança do empenho revolucionário de artistas e intelectuais a partir do final dos anos 1970.

Escolhi e ordenei pessoalmente para o livro 32 páginas com fotos dos anos 1950 aos 1980, além de uma detalhada cronologia brasileira, com os principais acontecimentos políticos e culturais (cinema, teatro, literatura, MPB, artes plásticas e outros). Nesse livro ficam evidentes algumas influências acadêmicas: Antonio Candido, Roberto Schwarz, Renato Ortiz, Francisco de Oliveira, Celso Frederico, Elias Saliba, Jean-Claude Bernardet, Ismail Xavier, Décio de Almeida Prado, Iná Camargo Costa; e também Walter Benjamin, Raymond Williams, Fredric Jameson, Marshall Berman, Perry Anderson etc. Mas o conceito central que permitiu sintetizar as afinidades entre o meio artístico e as organizações de esquerda foi o de “romantismo revolucionário”, tal qual formulado por Löwy e Sayre.³⁸

Os longos anos de pesquisa envolvidos na preparação desse livro contribuíram para certo amadurecimento intelectual, proporcionado pela amplitude da bibliografia lida, pela consulta a inúmeros documentos, pelas obras de arte de diversos campos com as quais ganhei familiaridade, pela aproximação mais íntima com os temas da cultura e sua relação com a política, e particularmente pelas trinta longas entrevistas gravadas com artistas brasileiros atuantes desde os anos 1960/70, como Antonio Callado, Ferreira Gullar, Dias Gomes, Capinan, Eduardo Coutinho, Nelson Pereira dos Santos,

³⁷ Versões preliminares desses dois capítulos foram antes publicadas na forma de artigos (ver segunda parte do Memorial).

³⁸ Michael Löwy e Robert Sayre. *Revolta e melancolia* – o romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis, Vozes, 1995.

Sérgio Muniz, Zé Celso Martinez Corrêa, Lélia Abramo, Moacyr Félix, Leandro Konder, Celso Frateschi, Renato Tapajós, Vera Gertel, Sérgio Ricardo, Alípio Freire, Denoy de Oliveira, Sérgio Mamberti e outros.

A pesquisa realizada gerou uma série de publicações menores que retomam idéias do livro e talvez avancem um pouco mais. É o caso da entrevista com Antonio Callado, que editei com uma breve introdução sobre o autor para uma coletânea sobre militantes dos anos de chumbo.³⁹ Também dos três artigos que escrevi para o suplemento do *Diário Oficial* do Estado de São Paulo, dois dos quais seriam publicados numa coletânea organizada por Zélio Alves Pinto.⁴⁰ E ainda do artigo que apresentei a um congresso sobre música popular realizado na Universidade Candido Mendes, no Rio de Janeiro.⁴¹

Por encomenda dos organizadores de uma coleção sobre o século XX, fiz uma pesquisa e redigi um artigo sobre os eventos do ano de 1968 no mundo todo.⁴² Foi mais uma oportunidade para escrever um texto para uso didático, atividade que – como já foi ressaltado – é das mais relevantes para a educação. O mesmo vale para o verbete “juventude”, preparado para um dicionário.⁴³ Ainda por encomenda, escrevi um capítulo sobre cultura e política a partir dos anos 1960 para uma coleção sobre o Brasil republicano.⁴⁴

³⁹ Marcelo Ridenti “A guerrilha de Antonio Callado”. In: Beatriz Kushnir (org.). *Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 23-53.

⁴⁰ Marcelo Ridenti. “Resistência cultural: os anos de ditadura” e “Gianfrancesco Guarnieri – histórias do grupo do Arena”. In: Zélio Alves Pinto (org.). *História e personagens*. São Paulo: ed. SENAC/ Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.122-125 e 206-209.

⁴¹ Marcelo Ridenti. “Revolução brasileira na canção popular”. In: Paulo Sérgio Duarte; e Santuza Naves (org.). *Do samba-canção à tropicália*. Relume Dumará/ Faperj, 2003, p.115-126.

⁴² Marcelo Ridenti. “1968: rebeliões e utopias”. In: Reis Filho, Daniel Aarão et alli (org.). *O século XX*. Volume 3, *O Tempo das dúvidas – do declínio das utopias às globalizações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.133-159.

⁴³ Marcelo Ridenti. “Juventude”. Verbetes. In: Francisco Carlos Teixeira da Silva et alii (org.). *Dicionário crítico do pensamento da direita – idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro, Mauad, 2000, p.266-267.

⁴⁴ Marcelo Ridenti. “Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança”. In: Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. *O Brasil republicano*, vol. 4 – *O tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 135-166.

Nesse capítulo, retomo vários escritos anteriores, com base em um artigo que sintetiza minhas pesquisas recentes, escrito a pedido de Miguel Chaia, editor da revista *São Paulo em Perspectiva*.

Trata-se de “Intelectuais e romantismo revolucionário”, no qual pondero sobre a trajetória de setores da intelectualidade brasileira dita de esquerda, a partir dos anos 1960, marcados pelo *romantismo revolucionário*. Porém, com o avanço *desigual e combinado* do capitalismo, viriam a impor-se a *atomização reificada da sociedade do espetáculo* e o esvaziamento do *ensaio geral de socialização da cultura*. Esse processo tenderia a institucionalizar profissionalmente o meio intelectual e a afastá-lo do compromisso com as causas críticas da ordem.⁴⁵ Depois publiquei o artigo, um pouco modificado, na forma de capítulo do livro que organizei com Elide Rugai Bastos e Denis Rolland como parte do acordo Capes-Cofecub.⁴⁶ Esse texto revela algumas influências em meus estudos sobre cultura e intelectuais: Antonio Candido, Fredric Jameson, Raymond Williams, Guy Debord, Russell Jacoby etc.

Outro trabalho coletivo significativo, organizado junto com Daniel Aarão Reis Filho, foi o volume 5 da *História do marxismo no Brasil*, que trata de partidos e organizações de esquerda até os anos 1960 (o volume 6, em preparação, trata do tema a partir de então). Publiquei nesse livro um capítulo sobre a Ação Popular (AP), que vinha esboçando desde 1997, mas só concluí em 2002, com base em ampla pesquisa de documentos inéditos da AP, então

⁴⁵ Marcelo Ridenti. “Intelectuais e romantismo revolucionário”. *São Paulo em Perspectiva* – Revista da Fundação SEADE. Volume 15/ no.2/ abril-junho 2001, p.13-19.

⁴⁶ Marcelo Ridenti. “Cultura e política brasileira: enterrar os anos 60?” In: Elide Rugai Bastos, Marcelo Ridenti e Denis Rolland (org.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 197-212. O artigo e o livro saíram também em francês: “Culture et politique brésiliennes : faut-il enterrer les années 60 ?” In Denis Rolland, Elide Rugai Bastos e Marcelo Ridenti (org.). *Intellectuels et politique, Brésil-Europe, XIXe.-XXe siècles*. Paris: L’Harmattan, 2003, p.181-197.

recém-doados pelo ex-dirigente Duarte Pereira ao Arquivo Edgard Leuenroth. O estudo ganhou corpo e rendeu um ensaio bastante longo.⁴⁷

O capítulo aborda a trajetória da AP, de suas raízes no cristianismo, particularmente na Juventude Universitária Católica no final dos anos 1950 e início dos 1960, passando pela influência da revolução cubana, até a adesão ao marxismo-leninismo em 1968, a integração da maioria ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em 1973, e a dissolução do que restara da organização no início da década de 1980. A AP abraçaria em 1968 uma interpretação maoísta do marxismo, tida como o melhor caminho para construir o futuro, a partir do resgate da comunidade perdida pela realidade social do presente. O maoísmo, tal como foi interpretado por certos setores políticos no Brasil na segunda metade dos anos 1960, tinha uma série de características que o tornavam particularmente atraente para uma organização de origem católica, como a AP: uma formulação teórica que negava o idealismo, combatendo explicitamente as formulações humanistas, propondo a passagem da ideologia à ciência, do ilusório ao verdadeiro; uma proposta de igualitarismo pela integração na produção, buscando romper com a origem pequeno-burguesa da maioria dos militantes e com as barreiras entre trabalho intelectual e manual; direito à rebelião, valorizando as ações populares num contexto de crise do marxismo tradicional, especialmente o soviético; vivência de missão e sacrifício em nome de uma causa social; endeusamento da figura e dos escritos de Mao etc. Os vários depoimentos e documentos utilizados apontam para afinidades entre as fases cristã e marxista da AP, sem que isso queira dizer que a organização tenha sido na essência sempre a mesma coisa. Ela mudou ao longo do tempo, mas a análise de sua atuação

⁴⁷ Marcelo Ridenti. “Ação Popular: cristianismo e marxismo”. In: Daniel Aarão Reis Filho e Marcelo Ridenti (org.). *História do marxismo no Brasil*, 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: ed. da UNICAMP, 2002, p.213-282.

diferenciada permite identificar uma certa matriz romântica, que assumiu formas distintas na ação política e no pensamento de seus integrantes em diferentes conjunturas.

Ainda sobre o tema de partidos e movimentos de esquerda, escrevi um texto sobre Marighella, a ALN e o PCB para um seminário realizado na UNESP/Marília, lembrando os 80 anos do PCB em 2002. Ele viria a ser publicado no ano seguinte.⁴⁸ Também organizei um número dos *Cadernos AEL* sobre o tempo da ditadura, no qual incluí uma longa bibliografia comentada sobre as esquerdas armadas.⁴⁹

Na condição de editor, ajudei a organizar vários volumes da revista *Idéias*, do IFCH/UNICAMP a partir de 2001. O principal problema da revista, quando assumi sua direção, era o atraso na periodicidade. Assim, distribuímos a tarefa de organizar números temáticos para vários colegas do IFCH. Leila Ferreira encarregou-se de um dossiê sobre “a questão ambiental e as Ciências Sociais”, Armando Boito Jr. fez um outro, intitulado “neoliberalismo e lutas sociais no Brasil”, Ricardo Antunes e Maria Aparecida Moraes organizaram “o avesso do trabalho”, e eu mesmo editei e fiz a apresentação para dois números, um com artigos esparsos que em boa parte já estavam encaminhados quando assumi a revista, e outro com um dossiê sobre “terrorismo e guerra” – baseado num seminário realizado no IFCH – que finalmente colocou a periodicidade da revista em dia no segundo semestre de 2003.⁵⁰

Nos últimos anos, tenho exercido com mais frequência outras atividades que dão trabalho, mas também prazer, e trazem conhecimento,

⁴⁸ Marcelo Ridenti. “Nota sobre o PCB, suas dissidências armadas e Carlos Marighella”. In: Mazzeo, Antonio Carlos; Lagoa, Maria Izabel (orgs.). *Corações Vermelhos: os comunistas Brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 207-215.

⁴⁹ Marcelo Ridenti. “As esquerdas em armas contra a ditadura (1964-1974): uma bibliografia”. *Cadernos AEL – Tempo de ditadura*, v. 8, n.14-15, 2001, p.257-294.

⁵⁰ *Idéias – revista do IFCH/UNICAMP – dossiê “Terrorismo e guerra”*. Ano 10(2). 2003. 190 p.

como escrever resenhas, apresentações e orelhas de livros. As resenhas têm saído em revistas acadêmicas, políticas e também na imprensa, no *Jornal do Brasil*, *Folha Ilustrada*, *Caderno de Resenhas*, revista *Reportagem* etc. Esporadicamente, tenho escrito artigos para a imprensa impressa e virtual, além de participar de programas de rádio e de televisão.⁵¹ São atividades que possibilitam expor idéias além dos muros da universidade. É também por isso – e ainda pela amizade e proximidade política com os companheiros de empreitada, como Ricardo Antunes – que participo da revista *Margem Esquerda*, fundada em 2003, editada pela Boitempo.

Enfim, para não tornar o texto por demais enfadonho, não é o caso de tratar agora das outras publicações enumeradas na segunda parte do Memorial. Ademais, como é de praxe, seguem cópias de todos os meus escritos em anexo.

Sintonias no exterior

Não valeria a pena demorar demais nas experiências acadêmicas no exterior; mas cabe comentar brevemente alguns estágios realizados. Em 1991, fui à Argentina participar de um colóquio sobre o socialismo na Universidade de Buenos Aires, onde tive a oportunidade de conhecer Michael Löwy, cujos livros adotava em meus cursos de Sociologia e, depois, viria a tornar-se um interlocutor constante em Paris. Em Buenos Aires, pude conviver com alguns colegas brasileiros, como Afrânio Catani e Paulo Martinez (ocorreria aproximação semelhante com outros colegas, nas demais participações em congressos no exterior e no Brasil). Florestan Fernandes integrou a comitiva e riu muito quando lhe contei que o gato da professora argentina que me

⁵¹ Ver detalhes sobre todas essas atividades na segunda parte do Memorial.

hospedava, sentindo-se traído por ceder o quarto dele para mim, resolveu marcar território e urinar em minha mala, impregnando todas as vestes com seu cheiro.

Em março de 1994, ganhei uma bolsa de estudos da LASA (*Junior Lecture Fellowship*) para ir ao congresso da organização em Atlanta e passar uma semana na Universidade de Notre Dame, no Instituto Kellogg, então dirigido por Guillermo O'Donnell. Eles me receberam bem naquela universidade católica, detentora de uma enorme biblioteca sobre a América Latina, tão completa que tinha até mesmo exemplares de meus livros, recém lançados. Passei os dias levantando material por lá. Outro contato importante em bibliotecas deu-se na Universidade de Pittsburgh, onde dei uma palestra em setembro de 1995, após apresentar trabalho no Congresso da LASA, em Washington. O bibliotecário, um senhor argentino muito simpático, contou que vem todos os anos ao Brasil para comprar livros; ele visita alternadamente o Rio de Janeiro e São Paulo, pois descobriu o descompasso entre as duas cidades: muito do que se publica no Rio não chega a São Paulo, e vice-versa. Enquanto isso, as principais universidades dos EUA vão comprando tudo que lhes parece minimamente interessante do que se edita aqui.

Participei de Congressos da LASA em Los Angeles (1992), Atlanta (1994), Washington (1995) e Chicago (1998), e da BRASA em Washington (1997), além do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, promovido pela Universidade de Lisboa, na Fundação Gulbenkian (1994), onde conheci colegas portugueses muito prestigiados no Brasil, como Boaventura de Sousa Santos. Nos congressos realizados nos EUA, travei contato com pesquisadores de temas afins aos meus – Anthony Pereira, Christopher Dunn, Charles Perrone, Ken Serbin e outros.

No início de 1997, passei um mês em Paris, como parte do convênio CAPES-Cofecub sobre estudos do socialismo, que envolvia a troca anual de visitas entre professores franceses e brasileiros, coordenado na UFF por Daniel Aarão Reis Filho. Ministrei duas conferências para pós-graduação: uma no seminário de Sonya Dayan, na Universidade Paris VII; outra no seminário de Michael Löwy, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). Nos dois casos, falei sobre a Ação Popular e seu romantismo revolucionário, esboçando o texto que viria a redundar anos depois, bastante ampliado, num capítulo do já mencionado volume 5 da *História do marxismo no Brasil*. A estada na França também possibilitou considerável avanço para a pesquisa sobre a participação política dos artistas. Por exemplo, fui a Grignan especialmente para entrevistar Sérgio Ferro, arquiteto e pintor brasileiro, hoje professor de história da arte em Grenoble. Ele deu precioso depoimento sobre o período em que militou na Ação Libertadora Nacional.

Também foi de muita valia para a pesquisa visitar a exposição *Face à l'Histoire, 1933-1996*, realizada no *Centre Pompidou-Beaubourg*, em Paris. A enorme exposição traçava um painel da relação entre arte, artistas e política, destacando “o artista moderno diante do acontecimento histórico” em todo o mundo, desde 1933. Por fim – e talvez o mais importante – a missão de trabalho foi útil pela bibliografia levantada na *Bibliothèque Nationale François Mitterand*, na Biblioteca do *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine* e na Biblioteca da EHESS, especialmente nessa última, onde o acesso foi facilitado graças à apresentação dos professores Michael Löwy e Daniel Pécaut.⁵² Em maio de 1998, retornei a Paris, durante uma

⁵² Doeí a essas bibliotecas, na ocasião, exemplares de *O fantasma da revolução brasileira*. Pelo menos uma estudante francesa veio a conhecer-me por intermédio da leitura do livro doado ao Instituto de Altos Estudos da América Latina: Maud Chirio – doutoranda da *École Normale Supérieure* – procurou-me no início de 2004 para co-orientar sua pesquisa sobre as esquerdas brasileiras no tempo da ditadura.

semana, para participar do Congresso de 150 anos do *Manifesto Comunista*, realizado na *Bibliothèque Nationale François Mitterand*, em que expus um trabalho sobre o tema, numa mesa composta também por Rossana Rossanda e Suzanne de Brunhoff, com público amplo.

Voltei novamente a Paris para um estágio de Pós-doutoramento na EHESS, de dezembro de 1999 a fevereiro de 2000, realizando pesquisa sobre cultura e política, com apoio da Fapesp. Em primeiro lugar, levantei material em arquivos franceses – especialmente na *Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine* (BDIC), situada na Universidade de Paris X, em Nanterre, e no *Centre d'Études et de Recherches sur les Mouvements Trotskistes et Révolutionnaires Internationaux* (CERMTRI) – sobre partidos e movimentos de esquerda brasileiros nos anos 1960/70. Encontrei material razoável, provavelmente deixado na França por exilados brasileiros, caso de publicações em francês da resistência no exílio. Uma parte dessa documentação serviu de fonte para meu referido capítulo sobre a esquerda de origem católica, por exemplo, um longo depoimento do militante e líder camponês da Ação Popular, Manoel da Conceição. Também achei alguns documentos e entrevistas, como as de Glauber Rocha e de Chico Buarque, em publicações de exilados (caso do *Front Brésilien d'Informations*), que se transformaram em citações para meu livro *Em busca do povo brasileiro*. Também aproveitei a estada em Paris para fazer a revisão desse texto para publicação e acrescentar um índice remissivo.⁵³

Em segundo lugar, foi possível levantar amplo material e bibliografia sobre os artistas contemporâneos diante dos acontecimentos sociais e políticos, especialmente nos anos 1960, tendo por referência o movimento de 1968. Foi dada especial atenção ao movimento *situacionista* francês e

⁵³ Marcelo Ridenti. *Op. cit.* ver nota 36.

internacional, e à relação entre vida, política e arte. Foram úteis nesse aspecto as pesquisas em bibliotecas como as da BDIC, da EHESS, da *Documentation Française* etc. Frequentei especialmente a nova *Bibliothèque Nationale François Mitterand*, a mais moderna, confortável e informatizada da França, que tem em seu acervo tudo que já se publicou naquele país, além de algo de outras nações – provavelmente a única a rivalizar em qualidade e quantidade com as grandes bibliotecas norte-americanas. Como resultado dessa pesquisa sobre cultura e política, redigi um artigo ainda inédito e inconcluso sobre os situacionistas e um outro sobre o 1968 francês, já publicado.⁵⁴

Em terceiro lugar, participei de inúmeros seminários que ampliaram horizontes intelectuais e acadêmicos. Por exemplo, assisti à primeira unidade (3 aulas) do seminário de Sociologia da Arte que Pierre Bourdieu ministrava semanalmente no *College de France*. Também participei do seminário semanal de Alain Touraine sobre “sociologia dos movimentos sociais” na EHESS, bem como dos seminários de Michael Löwy na mesma instituição, onde ainda assisti a uma ou outra aula ministrada por professores como Gisèle Sapiro,⁵⁵ Jacques Leenhardt – que no passado trabalhou com Lucien Goldmann – Daniel Pécaut, Annie Verger etc.

Estive também nas reuniões de professores e pesquisadores do Grupo de Reflexão sobre o Brasil Contemporâneo, do Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain (CRBC) da EHHSS. Os seminários do grupo são coordenados por Marion Aubrée e Afrânio Garcia. Semanalmente são

⁵⁴ Marcelo Ridenti. “Intelectuais, artistas e estudantes: Paris, 1968”. In: Reis Filho, Daniel Aarão (org.). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 247-270.

⁵⁵ Sapiro acabara de publicar um livro de sucesso, em que aborda as relações dos escritores com a política na França entre 1940 e 1953, a partir de uma perspectiva teórica e metodológica inspirada em Pierre Bourdieu. Em abril de 2000, tive a oportunidade de convidá-la para falar de seu livro na UNICAMP, tendo como debatedor Marco Aurélio Garcia. Ver Gisèle Sapiro. *La Guerre des écrivains – 1940-1953*. Paris: Fayard, 1999, 801 p.

convidados pesquisadores para expor e debater seus trabalhos. Nesse seminário, no dia 5 de janeiro de 2000, fiz uma exposição sobre “os artistas e a política no Brasil – anos 1960/70”.

O estágio em Paris permitiu muitos contatos – por exemplo, com Denis Rolland (Universidade de Strasburgo) – que redundaram na proposta aprovada de um acordo Capes-Cofecub, vigente de 2001 a 2002, depois renovado para 2003-2004, cujo tema é “Intelectuais, cultura e política: França, Europa e Brasil, Séculos XIX e XX”. Participam vários professores, como Denis Rolland (coordenador da equipe francesa), Michael Löwy, Elene Varikas, Idelette Muzart, Andrée Bachoud, entre outros. Do lado brasileiro, coordeno a equipe composta especialmente por professores da UNICAMP, mas também da USP e da UFF. Esse acordo tem dado frutos. Por seu intermédio, já recebemos no Brasil os professores Jean-François Sirinelli, Michael Löwy, Denis Rolland, Idelette Muzart e Andrée Bachoud, além dos doutorandos Marie-Jo Ferreira e Devrig Molles. Por sua vez, realizaram missões de trabalho ou pós-doutoramento na França os professores Wilma Peres Costa, Elide Rugai Bastos, Walquíria Leão Rego, Márcio Naves, Rubem Murilo Leão Rego, Daniel Aarão Reis e Celso Frederico, além de mim mesmo. Até o momento, cinco alunos da UNICAMP ganharam bolsas-sanduíche pelo projeto: Samira Feldmann, Thiago Losso, Henrique Amorim, José Benvides Queiroz e Renata Gonçalves. As atividades da equipe deram origem a seminários e a um livro já referido, publicado no Brasil e na França em 2003.⁵⁶

Por intermédio desse convênio, passei três semanas em Paris no final de 2001. Além de levantar material de pesquisa sobre cultura e política, dei duas palestras no seminário de pós-graduação de Afrânio Garcia na EHESS, fiz

⁵⁶ Ver nota 46.

uma apresentação no seminário de Michael Löwy e outra no *Pôle Brésil*, coordenado por Idelette Muzart na Universidade de Paris X, em Nanterre. Planejamos ainda, Denis Rolland, Elide Rugai Bastos e eu, um seminário internacional do grupo, que viria a realizar-se na UNICAMP em setembro de 2002.

Outra atividade acadêmica no exterior digna de nota ocorreu durante o X Congresso da Federação Internacional de Estudos sobre América Latina e Caribe (FIEALC), realizado em Moscou, de 25 a 29 de julho de 2001. Tive então a oportunidade de estar novamente em Moscou depois de vinte anos: 1981-2001, do socialismo real de Brejnev ao capitalismo selvagem de Putin... Participei da mesa “A crise da ideologia socialista e suas repercussões na América Latina”. Na ocasião, conheci Tziv Tal, da Universidade de Tel Aviv, que procurou estabelecer contato, pois está pesquisando o cinema argentino e sua politização, tema correlato ao de meu último livro individual, que ele leu no exterior.

A exposição mais interessante foi do experiente pesquisador russo Kiva Maidanik – um tipo muito simpático e bem-informado, que já esteve duas vezes na UNICAMP, e em nada lembra os burocratas-pesquisadores da extinta URSS, defensores de um marxismo-leninismo fossilizado (também havia alguns dessa espécie no Congresso). Ele falou da esquerda latino-americana vista da Rússia, fazendo um balanço desde a visita de Fidel Castro à URSS em 1963 (que qualificou como a última manifestação de massas socialista espontânea naquele país), até os dias de hoje, em que Cuba e Nicarágua viraram as bestas-feras para os neoliberais russos.

Ainda mais informativa foi a conversa que tivemos depois com Kiva durante o intervalo e o almoço, em que contou como é a vida hoje na Rússia (ele vive com cerca de 80 a 100 dólares por mês, como pesquisador...).

Segundo ele, uma enquete indicou que cerca de 80% do dinheiro em circulação na Rússia passa por Moscou – governada por um prefeito do tipo “rouba mas faz”, mas que daria garantias sociais aos mais pobres. De modo que não é nada surpreendente a vitalidade aparente da população e da economia em Moscou (com comércio ativo nas ruas, pessoas aparentemente saudáveis e uma profusão de lojas, restaurantes, carros modernos e propaganda nas ruas que fazem lembrar qualquer outra capital europeia importante). Enquanto isso, a economia no interior estaria sucateada, segundo ele. O que foi confirmado pela maioria dos russos com quem conversei – de resto, abrindo parênteses, aprendi muito nessa viagem também fora do congresso, conversando horas a fio sobretudo com jovens estudantes russos que falam línguas estrangeiras, inclusive o português; fiquei particularmente amigo de três estudantes de diplomacia que dominam a língua portuguesa (a cada ano, saem dessa Universidade de elite sete pessoas aptas ao serviço diplomático que falam bem nossa língua; ao passo que na recepção oferecida pela embaixada do Brasil constatei que nossos diplomatas quase nada falam de russo, mesmo estando lá há anos) .

A participação no Congresso deu oportunidade de entrar em contato com inúmeros pesquisadores de temas afins aos que pesquiso. Além dos que mencionei, cito estudiosos da Internacional Comunista, como os russos Lazar e Victor Kheyfets (pai e filho, a quem visitei depois de terminado o Congresso, já em férias, em São Petesburgo), que publicaram em russo um dicionário com os nomes e breve descrição das atividades de todos os latino-americanos com atuação na Internacional Comunista, dentre os quais, mais de oitenta brasileiros.

Particularmente importante do ponto de vista institucional, para a UNICAMP, foi o contato que travei com a pesquisadora Svetlana Rosental,

que apresentou no Congresso um trabalho sobre “A América Latina nos fundos do arquivo do Comintern”. Ela é a responsável por esse tema no Arquivo do Estado russo. Sabendo disso, pedi a ela uma entrevista e fui bem recebido no referido arquivo. Lá ela me contou que foi pessoalmente responsável pela seleção minuciosa dos documentos referentes ao Brasil nos fundos do arquivo do Comintern, a pedido da direção do PCB, intermediado na época pelo próprio PCUS, no poder. Como é sabido, os microfilmes desse material foram doados ao Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP, depois da extinção do PCB.

Para encerrar o tema dos estágios no exterior, vale mencionar a participação no XV Congresso Mundial de Sociologia, realizado em Brisbane, Austrália, de 7 a 13 de julho de 2002. Apresentei trabalho no Comitê de Pesquisa 37 – Sociologia das Artes. Foi meu primeiro congresso da Associação Internacional de Sociologia (ISA). Confesso certa decepção: ele apresenta alcances e limites similares aos de outros congressos menos renomados. A qualidade das comunicações é muito desigual e a participação acaba valendo mais pelos contatos estabelecidos com pesquisadores estrangeiros.

Tive entretanto a oportunidade de assistir a uma série de sessões gerais com sociólogos de renome como Goran Therborn, Alain Touraine, Jeffrey Alexander (Universidade Yale), Michel Wierviorca (EHESS), etc.

Próximas paradas ...

Cabe agora registrar uma nota sobre os próximos projetos e os que estão em andamento. Estou pesquisando para escrever um artigo que realize uma síntese da apreensão da “revolução brasileira” pelas lentes do cinema de ficção: diversos cineastas vêm-se referindo ao tema em seus filmes, dos anos

1960 a nossos dias, atestando a mudança do imaginário coletivo sobre as lutas dos anos 1960/70 no Brasil. Até o início da década de 1970, os filmes abordavam os dilemas de intelectuais diante da derrota sofrida em 1964 e da necessidade de combater a ditadura; a partir dos anos 1980 os filmes que se referem à memória daquele período apreendem-na de diversas formas (já ofereci uma disciplina optativa na UNICAMP sobre o tema, buscando aprimorar a articulação das atividades didáticas com as de pesquisa)⁵⁷.

Também investigarei a memória sobre a guerrilha e a revolução a partir de uma comparação entre o filme *Ação entre amigos*, de Beto Brant (1998), e a película mexicana *Amores Perros (Amores Brutos)*, de Alejandro Gonzales Iñárritu (2000). São filmes dirigidos por jovens latino-americanos, com diversas afinidades, como a ênfase na violência em si mesma e no comportamento pessoal desiludido, ressentido e vingativo de ex-guerrilheiros,

⁵⁷ Eis uma lista dos filmes direta ou indiretamente ligados ao tema da revolução brasileira: *5 vezes favela* (Marcos Farias, Joaquim P. de Andrade, Cacá Diegues, Leon Hirzman, Miguel Borges) – 1961; *Os fuzis* (Ruy Guerra) – 1963; *Deus e o diabo na terra do sol* (Glauber Rocha) – 1963; *Ganga Zumba, rei de Palmares* (Carlos Diegues) – 1963; *O desafio – no Brasil depois de abril* (Paulo César Saraceni) – 1965; *Terra em transe* (Glauber Rocha) – 1966; *Fome de Amor* (Nelson Pereira dos Santos) – 1967; *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (Glauber Rocha) – 1968; *O bandido da luz vermelha* (Rogério Sganzerla) – 1968; *Brasil, ano 2000* (Walter Lima Jr) – 1968; *O bravo guerreiro* (Gustavo Dahl) – 1968; *As armas* (Astolfo Araújo) – 1969; *Macunaíma* (Joaquim Pedro de Andrade) – 1969; *O dragão das 7 cabeças* (Glauber) – 1969; *Os herdeiros* (Cacá Diegues) – 1969; *Vozes do medo* (Roberto Santos, Maurice Capovilla, Aloysio Raolino e outros) – 1970; *Os deuses e os mortos* (Ruy Guerra) – 1970; *Pindorama* (Jabor) – 1970; *Cabeças cortadas* (Glauber) – 1970; *Os inconfidentes* (Joaquim Pedro de Andrade) – 1971; *A queda* (Guerra e N. Xavier) – 1976; *À flor da pele* (Francisco Ramalho Jr.), baseado em peça de Consuelo de Castro – 1976; *Memórias do medo* (Alberto Graça) – 1979; *Paula, a história de uma subversiva* (Francisco Ramalho Jr.) – 1979; *O torturador* (Antonio Calmon) – 1979; *Pra frente Brasil* (Roberto Faria) – 1981; *Eles não usam black-tie* (Hirzman) – 1981; *O bom burguês* (Oswaldo Caldeira) – 1982; *Cabra marcado para morrer* (Eduardo Coutinho) – 1984; *Jango* (Silvio Tendler) – 1984; *Nunca fomos tão felizes* (Murilo Sales) – 1984; *Que bom te ver viva* (Lúcia Murat) – 1988; *Corpo em delito* (Nuno César Abreu) – 1990; *Alma Corsária* (Carlos Reichenbach) – 1994; *As meninas* – 1995; *Lamarca* (Sérgio Resende); *O que é isso companheiro* (Bruno Barreto) – 1997; *Ação entre amigos* (Beto Brant) – 1998; *Dois córregos* (Carlos Reichenbach) – 1999. Estão em fase de produção outros filmes que abordam em sua ficção o tema da guerrilha brasileira, como *Vôo cego rumo ao sul* (Hermano Penna); *Cabra-cega* (Toni Venturi); e *Conspiração do silêncio* (Ronaldo Duque).

o que é indissociável da perda de referência nos filmes do contexto histórico dos anos 1960/70, sem contar o privilégio estético da velocidade e da ação em tramas policiais violentas, revelando um mundo fragmentado, mercantilizado e brutalizado em nossos dias, sem lugar para qualquer utopia.

Com temática próxima, pretendo fazer um novo balanço sobre o significado cultural e político das lutas das esquerdas armadas no Brasil – que dará origem a um capítulo para o volume VI da obra coletiva *História do Marxismo no Brasil*, como já se expôs. Ademais, nessa vertente de pesquisa, preparo um artigo que analisa diversas obras e depoimentos sobre as ações armadas de esquerda nos anos 1960 e 1970, buscando mostrar em que medida se pode falar propriamente em resistência armada contra a ditadura, e em que medida certo discurso da resistência tem servido para legitimar opções políticas posteriores de ex-guerrilheiros. Por outro lado, surge uma corrente de interpretação historiográfica que – malgrado sua intenção desmistificadora – ao recusar a idéia de que a esquerda armada fez parte da resistência à ditadura, acaba sendo incorporada política e ideologicamente pelos que isentam a sociedade civil de cumplicidade com os militares, ou até pelos que justificam o golpe em nome da democracia.

Outra pesquisa, já referida de passagem, amplia para o cenário internacional a análise das utopias anos 1960 e sua herança. Com base em material levantado em Paris, pretendo tratar da visão de mundo e da ação política dos chamados situacionistas, cujo teórico mais consistente e representativo foi Guy Debord – os situacionistas procuravam romper as fronteiras entre arte, política e vida cotidiana, por intermédio da ação revolucionária.

Ainda se esboça um novo projeto: refazer a trajetória dos ex-guerrilheiros brasileiros dos anos 1960/70, após serem libertados ou voltarem

do exílio. O ponto de partida são os processos do BNM: tentarei descobrir o destino dos processados pela ditadura. Já foram dados os primeiros passos, por intermédio de contatos com acusados de ligação com a ALN. Pode-se constatar que vários militantes no combate à ditadura obtiveram sucesso individual nas carreiras profissionais e muitas vezes também nas carreiras políticas, ainda que os projetos revolucionários dos anos 1960 tenham sido derrotados. Vários militantes do período integraram o governo federal nas gestões de José Sarney, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Lula da Silva, sem contar sua participação em prefeituras e governos estaduais de vários partidos a partir de 1982.

Ou seja, uma geração de militantes políticos e intelectuais de esquerda chegou aos governos e tem ocupado postos no aparelho de Estado, institucionalizando-se e dando poucas evidências do interesse em mudar a ordem estabelecida. Talvez se possa supor que as contra-elites gestadas ao longo das lutas dos anos 1960 e da resistência nos 1970, sobretudo originárias das classes médias, vieram a juntar-se a outra contra-elite, vinda dos movimentos sociais do final dos anos 1970 e início dos 1980, para esboçar a constituição de uma esfera pública no Brasil – mais do que a almejada conquista do socialismo, que possivelmente tenha servido como cimento ideológico para os agentes sociais.

Contudo, nesse processo, enquanto se abria uma porta para a esfera pública, de outro lado destravava-se a porteira do patrimonialismo/corporativismo (por exemplo, Lula simbolizou uma série de lutas por conquistas de cidadania, mas ao mesmo tempo ganhou uma boa aposentadoria por ter ficado preso cerca de um mês no início dos anos 1980...). Mais grave, foram-se constituindo interesses materiais dos operadores da mediação entre o fundo público e sua apropriação por

diferentes setores da sociedade, especialmente aqueles ligados à iniciativa privada. Mas aqui a reflexão já vai além dos limites deste Memorial.

Para completar o álbum: figurinhas e gigantes

Também cabe registrar brevemente a participação em bancas de mestrado (48 bancas), doutorado (26), livre-docência (2), e seleção de docentes (16). Esse tipo de atividade tem exigido cada vez mais nos últimos anos, dentro e fora da UNICAMP – tenho lido mais originais de alunos, incluindo meus orientandos, do que qualquer outra coisa. Com base nessa atividade, daria até para escrever um livrinho, parodiando Umberto Eco: *Como (não) fazer uma tese*. Seria um texto bem-humorado, aconselhando os alunos a não cometerem pecados que são recorrentes nas teses, tais como: cair na vulgarização do conhecimento, incorrer na técnica de modelos (seja ela baseada em Bourdieu, Marx, Althusser, Foucault ou qualquer outro), exceder o limite aceitável de erros de português – a começar pela crase e pela concordância –, esquecer que “ilustrar uma idéia não é demonstrá-la”, como já ensinava Durkheim,⁵⁸ fazer teses que pretendem dar conta de todos os problemas possíveis sobre o tema, sem uma delimitação adequada, incorrer em reducionismo (estreiteza na escolha e no olhar sobre o objeto), equivocarse em citações aleatórias, fazer um nariz de cera teórico como enfeite no início da tese e assim por diante.

Sou assessor científico de várias universidades, revistas, editoras e outras instituições acadêmicas, como CNPq, CAPES e FAPESP – dando em média dois ou três pareceres por mês. Venho organizando e/ou participando de mesas-redondas, cursos, palestras, bancas, simpósios e seminários em

⁵⁸ Émile Durkheim. *As regras do método sociológico*. 9ª.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 118.

instituições como USP, UNESP, UNICAMP, UEL, UFF, UFRGS, UERJ, UFRJ, UFSCar, ANPOCS, SBPC, SBS, ANPUH etc. Tenho obtido auxílios para pesquisa e participação em eventos de agências como CNPq, CAPES, FAPESP, FUNDUNESP, FAEP/FUNCAMP e LASA.

Como num álbum de figurinhas de times de futebol, é possível que um Memorial acadêmico trate quase exclusivamente das conquistas, deixando as derrotas de lado. Entretanto, para evitar que ele se transforme numa peça de autopromoção, cabe dizer que também tive derrotas na vida e na carreira. Por exemplo, coube enfrentar: alguns pareceres negativos para projetos e publicações; sabotagem a um ou outro empreendimento no âmbito administrativo da Universidade; não entrar na USP, num concurso para docência realizado em 1995 que me deu uma dupla frustração, o resultado em si e a percepção de que houve problemas no processo seletivo – independentemente da qualificação da vencedora, uma colega de quem gosto e a quem respeito profissionalmente.⁵⁹ Como já dizia alguma avó inspirada pelo conselheiro Acácio, “as derrotas ensinam e fazem parte da vida”, acadêmica e também pessoal: já tive de enfrentar, por exemplo, o luto após a morte de pessoas queridas, o fim de um casamento etc.

Outro dia assisti a um filme francês que tinha uma *boutade* sobre a premiação de escritores e intelectuais: “prêmio é como hemorróidas: com o tempo, qualquer bundão ganha um”. Para não fugir à regra, em 2002 ganhei da União Brasileira dos Escritores um tal “Prêmio João Ribeiro – 44º aniversário da UBE”, conferido pelo livro *Em busca do povo brasileiro*. Não faço a menor idéia da importância do prêmio, mas não consigo deixar de lembrar da tirada do filme quando penso nele. Melhor recompensa foram as

⁵⁹ No final, salvaram-se todos: depois do episódio, já fiz parte de duas bancas em concursos para seleção de docentes de Sociologia na USP, além de outras de mestrado e doutorado.

quatro vezes em que os alunos de Ciências Sociais me homenagearam em formaturas na UEL, na UNESP e na UNICAMP.

Invertendo o sinal, mesmo correndo o risco de um certo cabotinismo, não posso deixar de afirmar que me orgulho de – no país das elites do jeitinho, dos favores, do tráfico de influências e da preguiça – estar fazendo uma carreira construída passo a passo, com seriedade e dedicação, sem concessões intelectuais ou políticas, valorizando a esfera pública. Posso dizer que não vale para o meu caso a constatação de Max Weber, segundo a qual “nenhum professor universitário gosta de lembrar as discussões que se travaram quando de sua nomeação, porque elas raramente são agradáveis”.⁶⁰

Talvez as pendengas jurídicas referidas no início do Memorial não sejam tão insignificantes como pensava há vinte e cinco anos; é louvável o trabalho de jovens juristas que se somam a velhos batalhadores pelas conquistas democráticas. Por outro lado, sinto-me caminhando contra o vento conservador que varreu as Ciências Sociais. Como tenho lenço, documento e vários colegas que seguem na mesma direção, vale a pena ir levando – embora já sem a ilusão de que as coisas que escrevo possam ter mais permanência ou significado social que os escritos de um advogado, afogado em seus processos. Em todo caso, a carreira de sociólogo já atingiu um ponto de não-retorno há um bom tempo, não me arrependo de segui-la. Tirante certo aperto no orçamento doméstico, mesmo levando uma vida sóbria com toda a família – que agora conta com a Tânia e o pequeno Arthur, que alegram a existência, assim como o Marco e o Gueme, já moços –, pode-se dizer que o retorno tem sido satisfatório: parece que meu trabalho goza de certo prestígio com colegas, alunos e tem até alguns leitores em círculos inesperados.

⁶⁰ Max Weber. *Ciência e política: duas vocações*. 3ª. ed. São Paulo: Cultrix, s.d. p. 22

Por falar em círculos inesperados, depois de praticamente ter finalizado a redação deste Memorial, no final de maio de 2004, resolvi vencer preconceitos com a *internet* e consultar o *google*: descobri que há mais de seiscentas entradas para Marcelo Ridenti. Só tive tempo e paciência para consultar cento e poucas citações. Vão desde artigos, resenhas e outros textos de minha autoria – cuja difusão por esse meio eu desconhecia – até assinatura de manifestos, composição de corpo editorial de revistas, notícia de participação em seminários e outros eventos públicos, passando por orientação de teses, composição de bancas, citação de meus livros em matérias e resenhas na imprensa e em revistas acadêmicas do Brasil e do exterior, oferta de venda de meus trabalhos em livrarias e até num sebo. O conjunto das entradas eletrônicas – renováveis e efêmeras – compunha um mosaico caótico, autêntico Memorial pós-moderno. Lembrei da canção de Caetano Veloso nos anos 1960, atônito diante de uma banca de revista: “quem lê tanta notícia?”. E aquilo era só a pré-história da multiplicidade infinita de exposição (e fragmentação) do conhecimento pela *internet* e outros meios de comunicação neste início do século XXI.

Era o que cabia dizer neste Memorial, oportunidade para um breve balanço de vida acadêmica neste início de século, aos 45 anos de idade, quase 21 como professor e pesquisador, perto dos 28 dentro da Universidade Pública. Quem se interessar por mais detalhes encontrará no próximo tópico uma enumeração das atividades acadêmicas realizadas.

Em suma, não saberia dizer se sou uma figurinha fácil (como sugere a pesquisa pela *internet*) ou difícil – como talvez seja desejável – no álbum da intelectualidade. Certamente, ela não é carimbada, ufa! Não é possível tornar-me outro Florestan Fernandes; quem sabe um “brasileiro, de estatura mediana...”, como na canção de Edu Lobo? Nem precisa de tanto: bastaria

ser um anão da metáfora de Goldmann, exposta num escrito que indico aos alunos. Ao referir-se à obra de Marx, ele retoma a velha sabedoria popular: “talvez sejamos anões ao lado dos gigantes do passado. Mas quando um anão sobe nos ombros de um gigante, conseguirá ver mais longe”.⁶¹ Não é fácil fazer escaladas nas costas de gigantes e ainda por cima vencer o medo de altura, os eventuais problemas de visão e safar-se das névoas que embaralham o horizonte. Nosso ofício é tentar.

“Mas basta de lero-lero/ vida noventa e zero”.

Campinas, 31 de maio de 2004

⁶¹ Lucien Goldmann. A reificação das relações sociais. In: José de Souza Martins e Marialice Foracchi, *Sociologia e sociedade – leituras de introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 164.

II. ATIVIDADES ACADÊMICAS

Resumo:

Marcelo Ridenti, paulistano de 1959, é graduado em Ciências Sociais (1982), e em Direito (1983), na USP. Aprovado em concurso público, foi docente de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL), de agosto de 1983 a julho de 1990. Em 1986, ganhou bolsa da ANPOCS para o projeto sobre as esquerdas armadas no Brasil. No mesmo ano, passou a ser bolsista da CAPES, em PICD. Em agosto de 1989, sob orientação de Heloísa Fernandes, defendeu tese de doutorado em Sociologia na USP, sobre *as raízes sociais das esquerdas armadas no Brasil, 1964-1974*. Em agosto de 1990, ingressou no Departamento de Sociologia da UNESP, em Araraquara, após aprovação em concurso público. Em setembro de 1991, mediante concurso, efetivou-se no cargo de Prof. Assistente, atuando na graduação e na pós-graduação em Sociologia. Foi vice-chefe de Departamento de 1991 a 1993 e chefe nos biênios 1994/95 e 96/97. Aprovado em concurso, transferiu-se para o Departamento de Sociologia da UNICAMP, em julho de 1998, com atividades na graduação e pós-graduação. Em setembro de 1999, defendeu tese de livre-docência em Sociologia no IFCH da UNICAMP: *Em busca do povo brasileiro: romantismo revolucionário de artistas e intelectuais, pós-1960*. Já orientou 14 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado concluídas (outras 6 de mestrado e 2 de doutorado estão em andamento). De março de 1999 a abril de 2001, assumiu a coordenação do Programa de Mestrado em Sociologia na UNICAMP. É pesquisador 1C do CNPq. Vem obtendo auxílios para pesquisa e participação em eventos junto a: CNPq, CAPES, FAPESP (também é assessor científico dessas três agências, entre outras), FUNDUNESP, FAEP/FUNCAMP, LASA, COFECUB. Tem integrado bancas de concursos públicos para mestrado (48 bancas), doutorado (26), seleção de docentes (16), etc. Vem organizando e/ou participando de mesas-redondas, cursos, palestras, simpósios e seminários, realizados no Brasil (em instituições como USP, UNESP, UNICAMP, UEL, UFF, UFRGS, UERJ, UFRJ, UFSCar, ANPOCS, SBPC, SBS, ANPUH, etc.), ou no exterior (eventos na Universidade de Buenos Aires, na Universidade de Paris VII, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, na Universidade de Lisboa, na Universidade de Pittsburgh, na Universidade de Notre Dame, na ISA, na LASA e na BRASA). Publicou os livros: *Política pra quê? Atuação partidária no Brasil contemporâneo* (Atual Ed., 1992), *O fantasma da revolução brasileira* (Ed. UNESP/FAPESP, 1993), *Classes sociais e representação* (Cortez, 1994), *Professores e ativistas da esfera pública* (Cortez, 1995), *Em busca do povo brasileiro* (Record, 2000), *História do Marxismo no Brasil, V* (org. com Daniel A. Reis, Ed. UNICAMP, 2002); *Intelectuais: sociedade e política* (org. com Elide R. Bastos e Denis Rolland, Cortez, 2003) etc. Publicou artigos nas revistas *Ciências Sociais Hoje* (ANPOCS, 1987) *Tempo Social* (USP, 1990), *Perspectivas* (UNESP, 1991 e 1995), *Cadernos de Pesquisa* (FCC, 1995), *Estudos de Sociologia* (UNESP, 1997), *Idéias* (UNICAMP, 2000), *São Paulo em Perspectiva* (SEADE, 2001), *Margem Esquerda* (2004), dentre outras, além de inúmeros capítulos de livros (coletâneas).

I. DADOS PESSOAIS

Nome: Marcelo Siqueira Ridenti

Nascimento: 26 de março de 1959, em São Paulo, SP

Nacionalidade: brasileira

Filiação: Antonio Ridenti e Maria Stella Siqueira Ridenti

Profissão: professor livre docente do Departamento de

Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP

Regime de Trabalho: Dedicção Exclusiva

Regime Jurídico: efetivo

2. FORMAÇÃO E TÍTULOS ACADÊMICOS

2.1. Formação escolar anterior à Universidade

2.1.1. Curso Primário: Grupo Escolar “Portugal”, em São Paulo, SP, concluído em 1969.

2.1.2. Curso Ginásial: Colégio Estadual “Professor Antônio Alves Cruz”, em São Paulo, SP, concluído em 1973.

2.1.3. Curso Colegial: Colégio “Objetivo”, em São Paulo, SP, concluído em 1976.

2.2. Graduação

2.2.1. Bacharel em Ciências Sociais - Universidade de São Paulo (USP), 1982.

2.2.2. Bacharel em Direito - USP, 1983.

2.3. Pós-graduação

2.3.1. Doutor em Sociologia – USP, agosto de 1989. Tese: *O fantasma da revolução brasileira – raízes sociais das esquerdas armadas, 1964-1974*; nota: dez, com distinção e louvor; orientadora: Heloísa Fernandes, demais componentes da Banca Examinadora: Octávio Ianni, Francisco de Oliveira, Sedi Hirano e Daniel Aarão Reis Filho.

2.3.2. Livre Docente em Sociologia – UNICAMP, setembro de 1999. Tese: *Em busca do povo brasileiro – romantismo revolucionário de artistas e intelectuais, pós-1960*. Notas: Memorial: dez; Prova Didática: 9,5; Tese: dez (Média: 9,83). Banca Examinadora: Jorge Miglioli (Presidente), Caio Navarro de Toledo, Celso Frederico, Sedi Hirano e Daniel Aarão Reis Filho.

2.3.3. Estágio de Pós-doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, dezembro de 1999/ fevereiro de 2000.

3. PUBLICAÇÕES

. no exterior:

. Ridenti, Marcelo S; Rolland, Denis; Rugai Bastos, Elide (orgs.). *Intellectuels et politique, Brésil-Europe, XIXe.-XXe siècles*. Paris : L'Harmattan, 2003. 259 p.

. Ridenti, Marcelo S. “Culture et politique brésiliennes : faut-il enterrer les années 60?” In: Ridenti, Marcelo S; Rolland, Denis; Rugai Bastos, Elide (org.). *Intellectuels et politique, Brésil-Europe, XIXe.-XXe siècles*. Paris : L'Harmattan, 2003, p.181-197.

. Ridenti, Marcelo S. “Succès au Brésil de la lecture du Manifeste communiste faite par Marshall Berman”. Anais do Encontro Internacional *Le Manifeste communiste, 150 ans après*. 4e. Dossier: p. 76-79. Paris, fevereiro de 1998.

. Ridenti, Marcelo S. “Notas sobre as novas classes médias e a esquerda brasileira, 1964-1994”. In: Lima, Marinús Pires de & Almeida, Ana Maria Nunes de (orgs.). *Dinâmicas multiculturais, novas faces, outros olhares*. Lisboa: Ed. do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, novembro de 1996, p. 377-388.

. no Brasil:

3.1. Livros

3.1.1. Individuais

3.1.1.1. Ridenti, Marcelo S. *Política pra quê? Atuação partidária no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Atual, 1992 (10ª ed., 2001), 114 p.

3.1.1.2. Ridenti, Marcelo S. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. UNESP/FAPESP, 1993 (1ª reimpressão, 1996), 284 p.

3.1.1.3. Ridenti, Marcelo S. *Classes sociais e representação*. São Paulo: Cortez, 1994 (2ª ed. 2001), 118 p.

3.1.1.4. Ridenti, Marcelo S. *Professores e ativistas da esfera pública*. São Paulo: Cortez, 1995, 86 p.

3.1.1.5. Ridenti, Marcelo S. *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000, 458 p.

3.1.2. Organizador

3.1.2.1. Ridenti, Marcelo S. (org.), *Resistência e transformação - Seminário Temático V*, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara, 1993, 97p.

3.1.2.2. Ridenti, Marcelo; Bastos, Elide Rugai (orgs.). *Catálogo de dissertações, 1976-2000*. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, UNICAMP, 2001.

3.1.2.3. Ridenti, Marcelo S. (org.). *Cadernos AEL – Tempo de ditadura*, v. 8, n.14-15, 2001, 304 p.

3.1.2.4. Ridenti, Marcelo; Reis Filho, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil*, 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: ed. da UNICAMP, 2002. 282 p.

3.1.2.5. Ridenti, Marcelo S.; Bastos, Elide Rugai; Rolland, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003, 256 p.

3.1.2.6. Ridenti, Marcelo S. (org.). *Idéias – revista do IFCH/UNICAMP – dossiê “Terrorismo e guerra”*. Ano 10(2). 2003. 190 p.

3.2. Capítulos de livros (artigos em coletâneas)

3.2.1. Ridenti, Marcelo S. “A resistência armada à ditadura militar no Brasil, 1964-1974”. In: Ridenti, Marcelo S. *Resistência e transformação - Seminário Temático V*: p. 37-42, FCL, UNESP, Araraquara, 1993, p. 37-42.

3.2.2. Ridenti, Marcelo S. “Historiografia da esquerda – O fantasma da revolução brasileira”. In: Araújo, Ângela (org.) *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo: Scritta, 1997, p. 27-36.

3.2.3. Ridenti, Marcelo S. “Que história é essa?”. In: Reis, Daniel A. et alii. *Versões e ficções - o seqüestro da História*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 11-30.

3.2.4. Ridenti, Marcelo S. “O romantismo revolucionário nos anos 60”. In: Almada, Izaías et alii. *Tiradentes, um presídio da ditadura – memórias de presos políticos*. São Paulo: Scipione, 1997, p. 414-422.

3.2.5. Ridenti, Marcelo S. “O sucesso no Brasil da leitura do Manifesto Comunista feita por Marshall Berman”. In: Reis Filho, Daniel Aarão (org.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Contraponto/ Fund. Perseu Abramo, 1998, p. 187-207.

3.2.6. Ridenti, Marcelo S. “Um romantismo revolucionário em Florestan Fernandes?”. In: Martinez, Paulo (org.) *Florestan Fernandes: o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo Ed./Centro Universitário Maria Antônia, Universidade de São Paulo. 1998, p. 169-176.

3.2.7. Ridenti, Marcelo S. “Recapitulando 1968 no Brasil”. In: Garcia, Marco Aurélio; Vieira, Maria Alice (orgs.). *Rebeldes e contestadores – 1968: Brasil/França/Alemanha*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 55-60.

3.2.8. Ridenti, Marcelo S. “O paraíso perdido de Benjamim Zambraia: sociedade e política em Chico Buarque”. In: Segatto, José Antonio; Baldan, Ude (orgs.). *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999, p. 167-200.

3.2.9. Ridenti, Marcelo S. “Intelectuais, artistas e estudantes: Paris, 1968”. In: Reis Filho, Daniel Aarão (org.). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 247-270.

- 3.2.10. Ridenti, Marcelo S. “Juventude”. Verbete. In: Teixeira da Silva, Francisco Carlos et alii (orgs.). *Dicionário crítico do pensamento da direita – idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, p.266-267.
- 3.2.11. Ridenti, Marcelo S. “1968: rebeliões e utopias”. In: Reis Filho, Daniel Aarão et alii (orgs.). *O século XX. Volume 3, O Tempo das dúvidas – do declínio das utopias às globalizações* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.133-159.
- 3.2.12. Ridenti, Marcelo S. “Ensaio geral de socialização da cultura: o epílogo tropicalista”. In: Carneiro, Maria Luiza Tucci (org.). *Minorias Silenciadas*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 377-401.
- 3.2.13. Ridenti, Marcelo S. “A guerrilha de Antonio Callado”. In: Kushnir, Beatriz (org.). *Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 23-53.
- 3.2.14. Ridenti, Marcelo S. “Ação Popular: cristianismo e marxismo”. In: Reis Filho, Daniel Aarão e Ridenti, Marcelo (orgs.). *História do marxismo no Brasil, 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas: ed. da UNICAMP, 2002, p.213-282.
- 3.2.15. Ridenti, Marcelo S. “Resistência cultural: os anos de ditadura”. In: Pinto, Zélio Alves (org.). *História e personagens*. São Paulo: ed. SENAC/ Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.122-125.
- 3.2.16. Ridenti, Marcelo S. “Gianfrancesco Guarnieri – histórias do grupo do Arena”. In: Pinto, Zélio Alves (org.). *História e personagens*. São Paulo: ed. SENAC/ Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.206-209.
- 3.2.17. Ridenti, Marcelo S. “Cultura e política brasileira: enterrar os anos 60?” In: Ridenti, Marcelo; Bastos, Elide Rugai; Rolland, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 197-212.
- 3.2.18. Ridenti, Marcelo S. “Nota sobre o PCB, suas dissidências armadas e Carlos Marighella”. In: Mazzeo, Antonio Carlos; Lagoa, Maria Izabel (orgs.). *Corações Vermelhos: os comunistas Brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 207-215.
- 3.2.19. Ridenti, Marcelo S. “Revolução brasileira na canção popular”. In: Duarte, Paulo Sérgio; Naves, Santuza C. (orgs.). *Do samba-canção à tropicália*. Relume Dumará/ Faperj, 2003, p.115-126.
- 3.2.20. Ridenti, Marcelo S. “Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança”. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano, vol. 4 – O tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 135-166.
- 3.2.21. Ridenti, Marcelo S. “As utopias de esquerda tornadas espetáculo”. In: Navarro de Toledo, Caio (org.). *A utopia na construção do socialismo*. São Paulo: Xamã (no prelo).
- 3.2.22. Ridenti, Marcelo S. “Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para os pesquisadores”. In: Motta, Rodrigo Patto

Sá; Reis Filho, Daniel Aarão; Ridenti, Marcelo (orgs). *30 anos do golpe de 1964*. São Paulo: ed. Fundação Perseu Abramo (no prelo).

3.3. Artigos em publicações acadêmicas

3.3.1. Ridenti, Marcelo S. “Anotações sobre o estado capitalista contemporâneo”. *Boletim*, Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 6: p. 49-64, julho de 1983.

3.3.2. Ridenti, Marcelo S. “Sobre o estado: representação, exploração, revolução”. *Boletim*, CLCH-UEL, Londrina, 7: p. 5-16, dezembro de 1983.

3.3.3. Ridenti, Marcelo S. “A vanguarda armada e as massas na revolução que não ocorreu”. *Ciências Sociais Hoje - anuário de Antropologia, Política e Sociologia da ANPOCS*, São Paulo, Vértice/ANPOCS: p. 170-213, 1987.

3.3.4. Ridenti, Marcelo S. “Composição e bases sociais da esquerda armada (anotações sobre a esquerda armada brasileira e sua representação de classe, 1964-1974)”. *Boletim*, CLCH-UEL, Londrina, 14: p. 18-41, julho de 1988.

3.3.5. Ridenti, Marcelo S. “As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo”. *Tempo Social*, Revista de Sociologia, USP, São Paulo, 2 (2): p. 113-128, 2o. sem. 1990.

3.3.6. Ridenti, Marcelo S. “A canção do homem enquanto seu lobo não vem”. *Perspectivas*, Revista de Ciências Sociais, UNESP, São Paulo, 14: p. 1-40, 1991.

3.3.7. Ridenti, Marcelo S. “Comentário sobre sindicalismo e estado no Brasil”. *Teoria e Pesquisa*, UFSCar, São Carlos, 1: p. 11-13, julho de 1992.

3.3.8. Ridenti, Marcelo S. “ANDES: representação sindical e política de professores universitários”. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 93: p. 72-80, maio de 1995.

3.3.9. Ridenti, Marcelo S. Comentário sobre a dissertação de Luís Rogério da Silva, “Luta pela terra em São José da Boa Morte”. *Pós-História*, Revista de Pós-graduação em História. UNESP, Assis, 3: p. 215-219, 1995.

3.3.10. Ridenti, Marcelo S. “O impacto da crise do socialismo no Partido Comunista do Brasil, 1988-1992”. *Perspectivas*, Revista de Ciências Sociais, UNESP, São Paulo, 17-18: p. 75-94, 1994/1995.

3.3.11. Ridenti, Marcelo S. “O paraíso perdido de Benjamim Zambraia: sociedade e política em Chico Buarque”. *Estudos Avançados*. Coleção Documentos. Série Teoria Política - 33, 19 p. São Paulo, fevereiro de 1997.

3.3.12. Ridenti, Marcelo S. “Ecos de Trotsky na esquerda armada brasileira”. *Estudos de Sociologia*, Revista do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia. FCL, UNESP. Araraquara, 2: p. 93-95, 1997.

3.3.13. Ridenti, Marcelo S. Comentário sobre a dissertação de Reginaldo Dias, “A experiência da Ação Popular no Paraná”. *Pós-História*, Revista de Pós-graduação em História. UNESP, Assis, 6: p. 211-213, 1998.

3.3.14. Ridenti, Marcelo S. “Refazendo a esquerda”. *Lutas Sociais*. Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais – Programa de estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, 5: p. 175-177, 2º semestre de 1998.

3.3.15. Ridenti, Marcelo S. “Entre a força da ação e o peso da estrutura - uma interpretação dos pressupostos teóricos de *Capitalismo e social-democracia*, de Adam Przeworski”. *Idéias*, Revista do IFCH, UNICAMP, Campinas, 6(2)/7(1):173-189, 1999/2000.

3.3.16. Ridenti, Marcelo S. “Intelectuais e romantismo revolucionário”. *São Paulo em Perspectiva* – Revista da Fundação SEADE. Volume 15/ no.2/ abril-junho 2001, p.13-19.

3.3.17. Ridenti, Marcelo S. “As esquerdas em armas contra a ditadura (1964-1974): uma bibliografia”. *Cadernos AEL – Tempo de ditadura*, v. 8, n.14-15, 2001, p.257-294.

3.3.18. Ridenti, Marcelo S. “A ditadura revisitada”. In Dossiê Golpe de 64. *Margem Esquerda*. n. 3. São Paulo, abril de 2004, p.55-60.

3.4. Resumos de trabalhos

3.4.1. Ridenti, Marcelo S. Composição e bases sociais da esquerda armada no Brasil, 1964-1974. *Resumos*, IV Seminário de Pesquisa da UEL. Londrina e região: p. 50, dezembro de 1987.

3.4.2. Ridenti, Marcelo S. Composição, bases sociais e representação de classe das esquerdas armadas no Brasil, 1964-1974. *Ciência e Cultura*, SBPC, 40 (7): p. 284, julho de 1988.

3.4.3. Ridenti, Marcelo S. O fantasma da revolução brasileira: raízes sociais das esquerdas armadas, 1964-1974 (resumo da tese de doutorado em Sociologia, USP, 1989). *BIB* (Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais - órgão da ANPOCS). Rio de Janeiro, 29: p. 81-82, 1o. semestre de 1990.

3.4.4. Ridenti, Marcelo S. Sonho de guerrilha camponesa numa noite de verão do diabo: Brasil, 1964-1974. *Resumos*, XVIII Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia. Havana: p. 12 e 172, 28 a 31 de maio de 1991.

3.4.5. Ridenti, Marcelo S. Política e cultura brasileira nos anos 60. *Ciência e Cultura*, SBPC, 43 (7): p. 498-499, julho de 1991.

3.4.6. Ridenti, Marcelo S. As classes médias e a esquerda brasileira. *Resumos*, II Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Humanas, Letras e Artes, UNESP, Aguas de São Pedro, 5 a 8 de agosto de 1991.

- 3.4.7. Ridenti, Marcelo S. A representação política de esquerda das novas classes médias na sociedade brasileira contemporânea. III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. In: *Dinâmicas multiculturais, novas faces, outros olhares*. Fundação G. Gulbenkian, Ed. Cosmos, Lisboa: p. 71-72, 4 a 7 de julho de 1994.
- 3.4.8. Ridenti, Marcelo S. Ativistas da esfera pública: entre o corporativismo e a transformação. *Caderno de Resumos do XVIII Simpósio Nacional de História*, ANPUH, Recife: p. 79. 23 a 28 de julho de 1995.
- 3.4.9. Ridenti, Marcelo S. Entre o corporativismo e a transformação: o caso da ANDES. *Catálogo de Resumos*, VII Congresso Brasileiro de Sociologia, Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Rio de Janeiro, 4 a 6 de setembro de 1995.
- 3.4.10. Ridenti, Marcelo S. Do cristianismo ao maoísmo: a Ação Popular no Brasil. Resumos do XIV *Encontro Regional de História - Sujeito na História: práticas e representações*. ANPUH, Núcleo Regional de São Paulo: p. 172. 8 a 11 de setembro de 1998.
- 3.4.11. Ridenti, Marcelo S. Romantismo revolucionário: artistas e intelectuais no Brasil dos anos 60/70. Resumos do Seminário Internacional Arte e Cultura na Sociedade Contemporânea. IFCH, UNICAMP, 22 a 24 de setembro de 1999.
- 3.4.12. Ridenti, Marcelo S. Dos anos 60 aos 90: artistas e intelectuais em busca da brasilidade”. Programa e resumos. XX Simpósio Nacional de História. História: fronteiras. Florianópolis. ANPUH/UFSC, 25 a 30 de julho de 1999.
- 3.4.13. Ridenti, Marcelo S. Antena parabólica do subdesenvolvimento: a mirada tropicalista da História do Brasil. V Congresso Internacional da BRASA. Recife, PE: p. 68-9, 18 a 21 de junho de 2000.
- 3.4.14. Ridenti, Marcelo S. O fantasma da revolução brasileira: raízes sociais das esquerdas armadas (1964-1974). Resumo da tese de doutorado. *Catálogo de resumos: teses e dissertações: pesquisas no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth*. 2^a. ed. rev. aum. p. 124. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2002.
- 3.4.15. Ridenti, Marcelo S. Em busca do povo brasileiro: romantismo revolucionário de artistas e intelectuais (pós-1960). *Catálogo de resumos: teses e dissertações: pesquisas no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth*. 2^a. ed. rev. aum. p. 125. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2002.
- 3.4.16. Ridenti, Marcelo S. Os anos 1960 e suas ruínas no meio intelectual brasileiro. XI Congresso Brasileiro de Sociologia – Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). UNICAMP, Campinas, SP: p. 247, 1 a 5 de setembro de 2003.

3.5. Resenhas

3.5.1. Ridenti, Marcelo S. Imagem questionada (resenha do livro *Movimento estudantil e ditadura militar, 1964-1968*, de João Roberto Martins Filho. Campinas: Papyrus, 1987). *Eureka*, Revista de Ciência e Cultura da UEL, Londrina, 5: p.6, outubro de 1988.

3.5.2. Ridenti, Marcelo S. A revolução sob a estrela do desencontro (resenha do livro *A revolução faltou ao encontro*, de Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Brasiliense, 1990). *Leia*, São Paulo, 141: p. 37, ano XII, 1990.

3.5.3. Ridenti, Marcelo S. Resenha do livro *Imprensa política e ideologia*, de Pedro Roberto Ferreira. São Paulo: Moraes, 1989. *Semina*, Revista Cultural e Científica da UEL, Londrina, vol. 12, 3: p. 181-182, 1991.

3.5.4. Ridenti, Marcelo S. História de uma herança (resenha da obra *História do marxismo no Brasil, I. O impacto das revoluções*, de João Quartim de Moraes et alii. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991). *Teoria e Debate*, São Paulo, 17: p. 77, 1o. trimestre de 1992.

3.5.5. Ridenti, Marcelo S. Jenny Marx: vítima do diabo? (Resenha do livro *Jenny Marx, a mulher do diabo*, de Françoise Giroud. Rio de Janeiro: Record, 1996). *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, (4) 2: p. 529-531, 2. semestre de 1996.

3.5.6. Ridenti, Marcelo S. Resenha de *Gavetas Vazias*, de Tânia Pellegrini. (São Carlos: EDUFSCAR, 1996). *Idéias*, Revista do IFCH, UNICAMP, Campinas, 3 (2): p. 163-167, jul./dez. 1996.

3.5.7. Ridenti, Marcelo S. O combatente sonhador (resenha de *Vale a pena sonhar*, de Apolonio de Carvalho. Rio de Janeiro: Rocco, 1997). *Teoria e Debate*, São Paulo, 36: p. 74, out/nov/dez 1997.

3.5.8. Ridenti, Marcelo S. Resenha de *Combate nas trevas*, de Jacob Gorender (5ª ed. revista, ampliada e atualizada. São Paulo, Atica, 1998). *Crítica Marxista*: v. 1, tomo 6: p. 160-1. São Paulo: Xamã, 1998.

3.5.9. Ridenti, Marcelo S. Resenha de *Três devotos, uma fé, nenhum milagre* (São Paulo, Ed. UNESP, 1999) de Maria Orlanda Pinassi. *Crítica Marxista*: v. 1, tomo 6: p. 183-185. São Paulo: Xamã, 2000.

3.5.10. Ridenti, Marcelo S. Meninos, vivi. Resenha dos livros *Europa, 1935 – uma aventura de juventude*, de Moacir Werneck de Castro (Rio de Janeiro: Record, 2000), *Herança de um sonho, memórias de um comunista*, de Marco Antonio Tavares Coelho (Rio de Janeiro: Record, 2000), *Memórias de um autodidata o Brasil*, de Maurício Tragtenberg (São Paulo: Escuta, 1999), e *Na Tribuna da Imprensa – crônicas sobre a Constituinte de 1946*, de Carlos Lacerda, org. de Sérgio Braga (Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2000). *Folha de S. Paulo, Jornal de Resenhas*, p. 7, São Paulo, 9 de setembro de 2000.

3.5.11. Ridenti, Marcelo S. Intelectuais à antiga. Resenha dos livros *Maurício Tragtenberg: uma vida para as ciências humanas*, org. por Doris Accioly e Silva e Sonia Alem Marrach (São Paulo: UNESP, 2001), *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*, org. por Marcos Silva (Bauru, Edusc,

2001), *Mario Pedrosa e o Brasil*, org. por José Castilho Marques Neto (São Paulo: Perseu Abramo, 2001), *A grande esperança em Celso Furtado*, org. por Luiz Carlos Bresser Pereira e José Márcio Rego (São Paulo: Ed. 34, 2001). *Folha de S. Paulo, Jornal de Resenhas*, p. 7, São Paulo, 9 de março de 2002.

3.5.12. Ridenti, Marcelo S. Resenha de *Para ler Raymond Williams* (São Paulo: Paz e Terra, 2001) de Maria Elisa Cevasco. *Crítica Marxista*: no. 15. São Paulo: Boitempo, outubro de 2002. p.151-154.

3.5.13. Ridenti, Marcelo S. O fantasma da ditadura. Resenha de *As ilusões armadas – A ditadura envergonhada, vol.1 e A ditadura escancarada, vol.2* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), de Elio Gaspari. *Reportagem – revista da Oficina de Informações*. Ano IV, nº 43, abril de 2003, p. 47-49.

3.5.14. Ridenti, Marcelo S. Teoria para quê? Resenha sobre a revista *Margem Esquerda* n. 1 (São Paulo: Boitempo Editorial). *Reportagem – revista da Oficina de Informações*. Ano IV, nº 45, junho de 2003, p. 44.

3.5.15. Ridenti, Marcelo S. A esquerda em meio século de ação política. Resenha de *A vingança da história* (São Paulo: Boitempo, 2003), de Emir Sader. *Idéias, Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 de setembro de 2003.

3.5.16. Ridenti, Marcelo S. Nossa sociologia. Resenha dos livros *O que ler na ciência social brasileira (1970-2002)*, org. por Sergio Miceli (São Paulo: Sumaré/ANPOCS, 2003); *Roteiro bibliográfico do pensamento político-social brasileiro (1870-1965)*, de Wanderley Guilherme dos Santos (Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2002); *Lazer e ciências sociais*, org. por Heloísa T. Bruhns (São Paulo: Chronos, 2002). *Folha de S. Paulo, Jornal de Resenhas*, p.7, São Paulo, 13 de setembro de 2003.

3.5.17. Ridenti, Marcelo S. O mito do gosto inato. Resenha de *O amor pela arte – os museus de arte na Europa e seu público* (São Paulo: EDUSP, 2003), de Pierre Bourdieu e Alain Darbel. *Folha de S. Paulo, Jornal de Resenhas*, p. 2, São Paulo, 11 de outubro de 2003.

3.5.18. Ridenti, Marcelo S. Gaspari demonstra o sabido sempre negado. Resenha de *A ditadura derrotada* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003), de Elio Gaspari. *Folha de S. Paulo, Ilustrada*, p. E3. São Paulo, 15 de novembro de 2003.

3.5.19. Ridenti, Marcelo S. No tempo do Arena. Resenha de *Teatro de Arena: uma estética da resistência* (São Paulo: Boitempo, 2004), de Izaías Almada. *Jornal do Brasil, Caderno Idéias*, p.1. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2004.

3.6. Prefácios e contracapas

3.6.1. Ridenti, Marcelo S. Texto para a terceira capa (“orelha”) do livro *Mulheres que foram à luta armada*, de Luiz Maklouf Carvalho. São Paulo: Globo, 1998.

3.6.2. Ridenti, Marcelo S. Prefácio do livro *Marighella, o homem por trás do mito*, organizado por Cristiane Nova e Jorge Nóvoa. São Paulo: Ed. UNESP, p.13-20, 1999.

3.6.3. Ridenti, Marcelo S. Prefácio do livro *Mortos e desaparecidos políticos: reparação ou impunidade?*, organizado por Janaína Teles. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, p.15-20, 2000.

3.6.4. Ridenti, Marcelo S. Texto para a terceira capa (“orelha”) do livro *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil – o treinamento guerrilheiro*, de Denise Rollemberg. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

3.6.5. Ridenti, Marcelo S. Prefácio do livro de Márcia Fantinatti, *O Movimento Docente na Universidade Pública*. Campinas: Ed. Alínea, 2001.

3.6.6. Ridenti, Marcelo S. Texto para a terceira capa (“orelha”) e contracapa do livro de Murilo Leal, *A esquerda da esquerda – trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

3.7. Publicações na imprensa impressa e virtual

3.7.1. Ridenti, Marcelo S. “Os conservadores não mudaram”. Entrevista a Cláudia de Souza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, domingo, 30 de outubro de 1994, p. 13.

3.7.2. Ridenti, Marcelo S. “Documentos para a história da *guerra suja*”. Artigo para jornal. Rio de Janeiro: *O Globo*, 09 de abril de 1998, p. 8.

3.7.3. Ridenti, Marcelo S. “O ano que (ainda) não terminou”. Artigo sobre os 30 anos de 1968. São Paulo: *Jornal da UNESP*. Ano XIII, no. 124, maio de 1998, p. 2.

3.7.4. Ridenti, Marcelo S. “Resistência cultural: os anos de ditadura”. *Caderno Paulista n. 12 – Rebeliões e o povo*, p.1-3. Série 500 anos de Brasil. Encarte do *D. O. Leitura*, ano 18, nº 4. São Paulo, abril de 2000.

3.7.5. “Ensaísta rastreia utopias passadas e presentes” (matéria de Jadyr Pavão com base em entrevista). *Jornal Valor*, 1 de agosto de 2000, p. D-12.

3.7.6. Entrevista para o site *Brasil Leitura* (5 páginas) www.brasilleitura.com.br – matéria “As crenças de uma juventude” (por Rodrigo de Oliveira). Agosto de 2000.

3.7.7. Ridenti, Marcelo S. “Quem tem medo das ossadas?”. Artigo para jornal sobre os 10 anos da abertura da vala de Perus. Rio de Janeiro: *O Globo*, 4 de setembro de 2000, p.7.

3.7.8. Ridenti, Marcelo S. “Brasilidade encarnada: artistas da revolução”. Artigo para o site *Gramsci e o Brasil* - www.artnet.com.br/gramsci. Outubro de 2000.

3.7.9. Ridenti, Marcelo S. “A Arena de Guarnieri”. *Caderno Paulista n. 19 – O teatro político*, p.6-7. Série 500 anos de Brasil. Encarte do *D. O. Leitura*, ano 18, nº 11. São Paulo, novembro de 2000.

3.7.10. Ridenti, Marcelo S. “Revolução e romantismo dão samba?” – entrevista a Carlos Castelo Branco. *Caros Amigos*, ano IV, no. 47, p.42-3, fevereiro de 2001.

3.7.11. Ridenti, Marcelo S. “Revolução brasileira na música”. Artigo para jornal. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, Caderno B, p.4, 8 de maio de 2001.

3.7.12. Ridenti, Marcelo S. “Por uma cultura nacional e popular: *Brasiliense*, anos 60”. *D.O. Leitura*. São Paulo, ano 19, nº 7, p. 11-15, julho de 2001.

3.7.13. Ridenti, Marcelo S. “A memória, a mídia e a história em revista”. *Caderno Paulista n. 27*. Série História em Movimento. Encarte do *D. O. Leitura*, p. 1-8, São Paulo, julho de 2001.

3.7.14. Ridenti, Marcelo S. “A guerrilha de Antonio Callado”. Entrevista com Antonio Callado. São Paulo: *Valor Econômico*, Caderno Fim de Semana, p.21-23, 26 a 28 de outubro de 2001.

3.7.15. Ridenti, Marcelo S. “Em busca do projeto intelectual brasileiro. O sonho acabou?” Entrevista a Álvaro Kassab, *Jornal da UNICAMP*, Campinas, 16 a 22 de dezembro de 2002. Ano XVII, n.202, p. 6-7.

3.7.16. Ridenti, Marcelo S. “Sociólogos mapeiam as utopias possíveis”. Entrevista, com outros nove intelectuais, a Álvaro Kassab. *Jornal de UNICAMP*, Campinas, 8 a 14 de setembro de 2003. Ano XVII, n.228, p. 5-8.

3.7.17. Ridenti, Marcelo S. “Quatro visões do golpe”. Entrevista, com outros três intelectuais, a Álvaro Kassab. *Jornal de UNICAMP*, Campinas, 29 de março a 4 de abril de 2004. Ano XVIII, n.246, p. 10-11.

3. 8. Outras

3.8.1. Co-tradutor do artigo de Ernest Mandel, em inglês, “O neoliberalismo e a alternativa socialista na atualidade”, In: Vigevani, Tullo et alii, *Liberalismo e socialismo*, São Paulo, Ed. UNESP, 1995, p. 115-128.

3.8.2. Co-autor do livro *O ensino noturno na UNESP*. Bernardo, Maristela (org.). Pró-Reitoria de Graduação, UNESP, São Paulo, 1996, 275 p.

3.8.3. Mini-currículo. In: Bezerra, Holien Gonçalves (coord.). *Quem é quem na História?* Pesquisadores e pesquisa no Brasil. (apoio: UFG, CNPq, ANPUH). Goiânia, CEGRAF, 1996, p. 163, 229, 238, 256.

3.8.4. Registro em catálogo de entrevistas concedidas ao programa radiofônico *Certas Palavras*. In: Ferreira, Claudiney José; Vasconcellos, Jorge Marques de (orgs.). *Acervo Certas Palavras – programa de livros e idéias; catálogo 1981-1996*. Campinas, Ed. da UNICAMP, IEL, 1997, p. 172 (entrevista 629); p. 191 (entrevista 713).

3.8.5. Tradutor da resenha “Em busca da alternativa social”, de Michael Löwy, em francês, sobre o livro de Alain Bihr, *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise* (São Paulo: Boitempo, 1998). *Praga, estudos marxistas*, n. 8. São Paulo: HUCITEC, agosto de 1999.

3.8.6. Co-tradutor do artigo em francês de Jean-François Sirinelli, A sociedade intelectual francesa no limiar de um novo século. In: Ridenti, Marcelo S. et alii (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo, Cortez, 2003, p.185-196.

3.8.7. “Margem Esquerda”, artigo para a *Revista de Direito e Política*, vol. 0, ano 1, julho a setembro de 2003, p. 67-68.

3.8.8. Artistas e política nos anos 1960. In: Cardenuto Filho, Reinaldo (org.). *Golpe de 1964: amarga memória*. Centro Cultural São Paulo. São Paulo, 2004. p. 6-10

4. APROVAÇÃO EM CONCURSOS

4.1. 1o. lugar em concurso público para professor auxiliar de Sociologia. Depto de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina (UEL). Média 9,5, outubro de 1984.

4.2. 1o. lugar em concurso público para professor do Depto de Sociologia da Fac. de Ciências e Letras (FCL), Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara (CAr). Média 10,0, junho de 1990.

4.3. 1o. lugar em concurso público para Provedor de Cargo de Professor Assistente do Depto de Sociologia. FCL, UNESP, CAr. Média 10,0, setembro de 1991.

4.4. 2o. lugar em concurso público para seleção de Professor Doutor do Depto de Sociologia. IFCH, UNICAMP. Média 9,5. Outubro de 1997.

5. ATIVIDADES DE PESQUISA

5.1. “Raízes sociais das esquerdas armadas no Brasil, 1964-1974” - pesquisa realizada entre 1984 e 1989, com apoio da CAPES e da ANPOCS, que deu origem à tese de doutorado na USP.

5.2. “Um estudo sobre as novas classes médias e sua representação no meio universitário”. Pesquisa realizada na UNESP, com apoio do CNPq, 1991-1994.

5.3. “Os artistas na política brasileira, 1961-1994”. Pesquisa realizada na UNESP e na UNICAMP, com apoio do CNPq, 1994-2000.

5.4. “Artistas e intelectuais a partir dos anos 60: em busca da revolução?” Pesquisa em andamento, com apoio do CNPq - Projeto Integrado de Pesquisa (com duas bolsas de Iniciação Científica e uma de Produtividade em Pesquisa).

OBS.:

I. Classificado como Pesquisador 1C pelo CNPq

II. foram realizadas também pesquisas que deram origem a publicações (ver item 3, acima), e participações em Congressos (abaixo, itens 10 e 11), dentre as quais:

- a) em 1991/92, pesquisa sobre a atividade político-partidária na sociedade brasileira contemporânea;
- b) em 1992/93, pesquisa sobre o impacto da crise do socialismo no Partido Comunista do Brasil;
- c) em 1994, pesquisa sobre a historiografia da esquerda brasileira;
- d) em 1992/94, retomada de vários trabalhos e estudos teóricos realizados a partir dos anos 1970 e decorrer da década 1980, centrados no tema das classes sociais e de sua representação social e política;
- e) em 1996/97 (retomada em 2001), pesquisa sobre o ideário da Ação Popular, do cristianismo ao maoísmo;
- f) de dezembro de 1999 a fevereiro de 2000: pesquisa na França sobre Cultura e política nos anos 60;
- g) em novembro/dezembro de 2001: pesquisa na França sobre os situacionistas e o movimento de 1968;
- h) em 2002: pesquisa bibliográfica sobre as publicações que tratam das lutas contra a ditadura militar no Brasil;
- i) em 2003/2004: pesquisa sobre a apreensão da “revolução brasileira” pelas lentes do cinema de ficção, com ênfase na memória nos dias de hoje sobre a guerrilha e a revolução, por exemplo, a partir de uma comparação entre o filme *Ação entre amigos*, de Beto Brant (1998), e a película mexicana *Amores Perros (Amores Brutos)*, de Alejandro Gonzales Iñárritu (2000), ambos dirigidos por jovens latino-americanos, com diversas afinidades, como a ênfase na violência em si mesma e no comportamento pessoal desiludido, ressentido e vingativo de ex-guerrilheiros, o que é indissociável da perda de referência nos filmes do contexto histórico dos anos 1960/70.
- j) em 2004, pesquisa para um novo balanço sobre o significado cultural e político das lutas da esquerda armada no Brasil – que dará origem a um capítulo para o volume VI da obra coletiva *História do Marxismo no Brasil*
- k) em 2004, pesquisa com o objetivo de refazer a trajetória dos ex-guerrilheiros brasileiros dos anos 1960/70, após serem libertados ou voltarem do exílio.

6. ATIVIDADES DIDÁTICAS

6.1. Em cursos de **graduação**

6.1.1. Na **UEL** (agosto de 1983 a julho de 1990)

6.1.1.1. aulas para o Curso de Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado), das disciplinas:

- . Introdução à Sociologia: 1984, 1985, 1989, 1990.
- . Teoria Sociológica I: 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1989, 1990.
- . Sociologia do Conhecimento: 1986, 1987.

6.1.1.2. aulas para outros cursos, das disciplinas:

- . Introdução à Sociologia para: Direito, Economia, Serviço Social e Letras - 1983, 1984, 1985, 1989.
- . Teorias Sociológicas para: Comunicação Social - 1984, 1985, 1986, 1987.
- . Sociologia aplicada à Administração - para Administração de Empresas: 1983 (2º semestre), 1984 (1º e 2º sem.).

6.1.2. Na **UNESP**, Campus de Araraquara (agosto de 1990 a junho de 1998)

6.1.2.1. aulas para o curso de graduação em Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado), das disciplinas:

- . Sociologia I / Sociologia Geral: 1992 (1º sem.), 1993 (1º e 2º sem.), 1995 (1º e 2º sem.).
- . Sociologia II / Sociologia Diferencial: 1990 (2º sem.), 1991 (1º e 2º sem.), 1994 (1º e 2º sem.), 1996 (2º sem.).
- . Estrutura Social do Brasil: 1990 (2º sem.), 1991 (1º sem.).
- . Teorias Sociológicas: 1992 (1º sem.).
- . Tópicos Especiais em sociologia da cultura - Cultura, sociedade e política brasileira pós-64: 1997 (2º sem.)

6.1.2.2. aulas para outros cursos:

- . Sociologia para o curso de Economia: 1998 (1º sem.).

6.1.3. Na **UNICAMP** (desde julho de 1998)

6.1.3.1. aulas para o Curso de Ciências Sociais das disciplinas

- . Sociologia de Durkheim: 1999 (1º semestre, noturno)
- . Sociologia de Weber: 2000 (1º semestre, diurno); 2002 (1º semestre, diurno); 2003 (1º semestre, diurno)
- . Estrutura e estratificação social: 2000 (2º semestre, noturno)
- . Sociologia do Desenvolvimento: *(Sub)Desenvolvimento e Revolução Brasileira pelas lentes do cinema*: 2001 (2º semestre, noturno)
- . Sociologia de Marx: 2003 (2º semestre, noturno)

6.1.3.2. aulas para outros cursos:

. Sociologia para o curso de História: 1998 (2º sem.)

6.2. Em cursos de pós-graduação

6.2.1. Pós-graduação em Sociologia (mestrado e doutorado), **UNESP**, Campus de Araraquara, da disciplina:

. Teorias Sociológicas: 1992 (2º. sem.), 1993 (1º. sem.), 1996 (1º. sem.), 1997 (1º. sem.).

6.2.2. Mestrado em Sociologia, **UNICAMP**:

. Pensamento Social no Brasil (HS262 12 12): 1999 (2º sem.).

. Sociologia da Cultura III: 2001 (1º semestre); 2002 (2º sem.); 2004 (1º sem.).

6.2.3. Doutorado em Ciências Sociais, **UNICAMP**:

. Tópicos Avançados em Cultura e Política IV (HS689): 1999 (2º sem.); 2001 (1º semestre); 2002 (2º sem.); 2004 (1º sem.).

7. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

7.1. Iniciação Científica

7.1.1. Concluídas:

7.1.1.1. Bolsas **CNPq**

. Sandra K. Akamine, **PIBIC/CNPq**, março 1992/janeiro 1993.

. Maria Amália de Almeida Cunha, **PIBIC/CNPq**, fevereiro de 1993/julho de 1994.

. Renato Pirani, **PIBIC/CNPq**, agosto de 1995/março de 1996.

. Cláudia de Oliveira Ferreira, **PIBIC/CNPq**, agosto de 1995/julho de 1996 /julho de 1997/ fevereiro de 1998.

. Ricardo José Sorge, **PIBIC/CNPq**, abril de 1996/julho de 1997/julho de 1998.

. Rodolfo de Santis Neves, Projeto Integrado de Pesquisa **CNPq**, março de 1996/fevereiro de 1998/ fevereiro de 1999.

- . José Vicente Mazon, Projeto Integrado de Pesquisa **CNPq**, março de 1996/fevereiro de 1998/ fevereiro de 1999.
- . Marina Soler Jorge, Projeto Integrado de Pesquisa **CNPq**, março de 1999/fevereiro de 2000.
- . Giovana Lopes, **PIBIC/CNPq**, setembro de 1999/julho 2000.
- . Paulo Renato da Silva, Projeto Integrado de Pesquisa **CNPq**, março de 1999/novembro de 2000.
- . Rosangela de Jesus Silva, **PIBIC/CNPq**, novembro de 1999/julho 2000/ julho 2001.
- . Vivian Scatolin, Projeto Integrado de Pesquisa **CNPq**, março de 2000/fevereiro de 2003.
- . Juliana Andrade, Projeto Integrado de Pesquisa **CNPq**, novembro de 2000/fevereiro de 2003.

7.1.1.2. Bolsas **PAE** (Programa de Apoio ao Estudante - Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da **UNESP**)

- . Maria Amália de A. Cunha, **PAE**, março 1992/fevereiro 1993.
- . Gilberto de Assis Barbosa dos Santos, **PAE**, março 1992/fevereiro 1993/fevereiro 1994.
- . Fátima Regina Amâncio, **PAE**, março 1992/fevereiro 1993.
- . Samuel Silva dos Santos, **PAE**, março 1993/fevereiro 1994.
- . Carlos Eduardo Araújo da Silva, **PAE**, março de 1993/fevereiro 1994.
- . Ana Paula Leoni Ramos, **PAE**, março de 1995/fevereiro de 1996.
- . Natália Aparecida Morato Fernandes, **PAE**, março de 1995/fevereiro de 1996.
- . Ricardo José Sorge, **PAE**, março de 1995/fevereiro de 1996.
- . Júlio César Corrêa, **PAE**, abril de 1996/fevereiro de 1997.
- . Paula Cristiane Altran, **PAE**, abril de 1997/fevereiro de 1998.

7.1.1.3. Bolsas do Serviço de Apoio ao Estudante (**SAE**), da **UNICAMP**:

- . Rosangela de Jesus Silva, agosto / outubro 1999.

7.1.2. Em andamento:

7.1.2.1. Bolsas **CNPq**

. Livia S. Fortes. Projeto Integrado de Pesquisa **CNPq**, março de 2003/fevereiro de 2006.

. Júlia Moretto Amâncio. Projeto Integrado de Pesquisa **CNPq**, março de 2003/fevereiro de 2006.

7.2. Monografias de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais

7.2.1. Concluídas:

. Sandra Kazuko Akamine, “O movimento estudantil no Brasil nos anos 50 e 60”, monografia em Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara (CAr), 1992.

. Gilberto de Assis Barbosa dos Santos, “O movimento tenentista”, monografia em Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara (CAr), 1994.

. Clóvis Santa Fé Júnior, “Consciência política e cultura nos anos 80: a crítica social de uma facção do rock brasileiro”, monografia em Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara (CAr), 1997.

. Rodolfo de Santis Neves, “Os intelectuais na participação política dos anos 60”, monografia em Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara (CAr), 1998.

. José Vicente Mazon, “Chico Buarque: a construção artística da realidade social”, monografia em Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara (CAr), 1998.

7.3. Mestrado

7.3.1. Dissertações concluídas:

7.3.1.1. **Luiz Fernando da Silva.** *O pensamento social brasileiro entre 1960 e 1980: análise de um grupo de marxistas acadêmicos.* Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara (CAr), bolsa CAPES. Defendida em Araraquara, 27 de outubro de 1995. (Atualmente é professor da UNESP, em Bauru)

7.3.1.2. **Rosivaldo Pellegrini.** *Doutrina organizacional na empresa: informatização, “política de méritos” e taylorismo.* Sociologia, UNESP, CAr, bolsa CAPES. Defendida em Araraquara, 26 de abril de 1996. (Atualmente é professor da UEL, em Londrina)

7.3.1.3. **Mariangela de Lello Vicino.** *Imprensa e política no movimento estudantil: a trajetória do CAASO no período 1953-1963.* Sociologia, UNESP, CAr, bolsa CNPq. Defendida em Araraquara, 19 de dezembro de 1996.

7.3.1.4. **Naldson Ramos da Costa.** *Trabalhadores urbanos em Rondonópolis: história, luta e organização, 1985-1991.* Sociologia, UNESP,

CAr, bolsa PICD-CAPES. Defendida em Araraquara, 30 de outubro de 1997. (atualmente professor na Universidade Federal de Mato Grosso)

7.3.1.5. **Márcio Gutuzo Saviani.** *Catadores de cidadania: um estudo das condições de vida e de trabalho dos catadores de papel na cidade de Londrina - PR.* Sociologia, UNESP, CAr. Bolsa CAPES. Defendida em Araraquara, 24 de maio de 2000.

7.3.1.6. **Claudete Gomes Soares.** *Teologia da Libertação no Brasil – aspectos de uma crítica político-teológica à sociedade capitalista.* Bolsa CAPES. Sociologia, UNICAMP. Defendida em Campinas, 31 de agosto de 2000.

7.3.1.7. **Joana D’Arc de Souza Lima.** *Trajetória artística e política de uma neovanguarda das artes plásticas no Brasil: 1968-1971.* Bolsa CAPES. Sociologia, UNESP, Araraquara. Defendida em Araraquara, 30 de novembro de 2000.

7.3.1.8. **Telma Fernandes Barrionuevo Gil.** *Impactos da reestruturação produtiva à saúde e à segurança – percepções de petroleiros em São Paulo.* Bolsa CAPES. Sociologia, IFCH, UNICAMP. Defendida em Campinas, 4 de dezembro de 2000.

7.3.1.9. **Suely Aparecida Martins.** *Caminhos e descaminhos da socialização política na Pastoral da Juventude: o caso de Londrina.* Bolsa CAPES. Sociologia. IFCH, UNICAMP. Defendida em Campinas. 5 de dezembro de 2000 (Atualmente é professora da Universidade Estadual do Oeste Paranaense, UNIOESTE).

7.3.1.10. **Clóvis Santa Fé Júnior.** *O rock “politizado” brasileiro dos anos 80.* Bolsa FAPESP. Sociologia. UNESP, CAr. Defendida em Araraquara, 12 de junho de 2001.

7.3.1.11. **Marina Soler Jorge.** *Cinema Novo e EMBRAFILME: cineastas e Estado pela consolidação da indústria cinematográfica brasileira.* Bolsa FAPESP. Programa de mestrado em Sociologia. IFCH, UNICAMP. Defendida em Campinas, 27 de março de 2002.

7.3.1.12. **José Vicente Mazon.** *Chico Buarque – A construção artística da realidade social.* Bolsa FAPESP. Sociologia, UNESP, CAr. Defendida em Araraquara, 8 de outubro de 2002.

7.3.1.13. **Daniela Ribas Ghezzi.** *“De um porão para o mundo” – a vanguarda paulista e a produção independente de LP’s através do selo Lira Paulistana nos anos 80 – um estudo dos campos fonográfico e musical.* Bolsa CNPq. Sociologia, IFCH, UNICAMP. Defendida em Campinas, 24 de setembro de 2003.

7.3.1.14. **Santiane Arias.** *A revista Estudos Sociais e a experiência de um “marxismo criador”.* Bolsa FAPESP. Sociologia, IFCH, UNICAMP. Defendida em Campinas, 9 de dezembro de 2003.

7.3.2. Em andamento:

. Mariângela Ribeiro. A narrativa social nas canções dos festivais de música popular brasileira, 1965-1975. Bolsa FAPESP. Ingressante em março de 2002.

. Rodrigo Czajka: a Revista Civilização Brasileira, 1965-1968. Bolsa CNPq. Ingressante em março de 2003.

. Maria Cláudia Badan Ribeiro: Carlos Eugênio Paz e suas memórias da ALN. Bolsa Capes. Ingressante em março de 2003.

. Lenir Viscovini.: Política cultural nos governos do PT em Santo André. Bolsa Capes. Ingressante em março de 2003.

. Antonio Pádua de Lima Brito: O movimento armorial. Bolsa Capes. Ingressante em março de 2003.

. Robson dos Santos. Análise dos aspectos sociais dos contos e crônicas de Graciliano Ramos. Ingressante em março de 2004.

7.4. Doutorado

7.4.1. Teses concluídas

7.4.1.1. **Luiz Fernando da Silva.** *Sociedade civil e democracia política no Brasil – aventuras e desventuras no pensamento marxista entre 1980 e 1995.* Doutorado em Sociologia. FCL, UNESP, CAr. Bolsista CAPES. Defendido em Araraquara, 20 de novembro de 2000 (Atualmente é professor da UNESP, em Bauru).

7.4.1.2. **Izildo Corrêa Leite.** *Desconhecimento, piedade e distância: representações da miséria e dos miseráveis em segmentos sociais não atingidos pela pobreza.* Doutorado em Sociologia. FCL, UNESP, CAr. Bolsista CAPES. Defendido em Araraquara, 21 de junho de 2002 (Atualmente é professor de Sociologia na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória).

7.4.1.3. **Márcia Maria Corsi Moreira Fantinatti.** *A nova Rede Globo: trabalhadores e movimentos sociais nas telenovelas de Benedito Ruy Barbosa.* Bolsista CNPq. Doutorado em Ciências Sociais. IFCH, UNICAMP. Defendido em Campinas, 26 de fevereiro de 2004.

7.4.2. Em andamento

7.4.2.1. Clóvis Santa Fé Jr. O rock no campo da música popular brasileira. Ingressante em março de 2003.

7.4.2.2. Claudete Gomes Soares. A questão dos negros no Partido dos Trabalhadores. Ingressante em março de 2004.

7.4.2.3. Maud Chirio – doutoranda da École Normale Supérieure em Paris – procurou-me no início de 2004 para co-orientar sua pesquisa sobre as esquerdas brasileiras no tempo da ditadura.

8. AUXÍLIOS E BOLSAS DE ESTUDO

8.1. Para pós-graduação e pesquisa

8.1.1. Projeto “A luta armada no Brasil, 1964-1974”, aprovado no “Concurso Anual de dotações para pesquisa da ANPOCS - 1986”.

8.1.2. Bolsista da CAPES, em PICD, de março de 1986 a fevereiro de 1989, para pós-graduação em Sociologia na Universidade de São Paulo.

8.1.3. Projeto de pesquisa “Um estudo sobre as novas classes médias e sua representação no meio universitário”, CNPq - bolsa de pesquisa, abril de 1992/março de 1994.

8.1.4. LASA JUNIOR LECTURING FELLOWSHIP, 1994 (bolsa para jovens pesquisadores da Latin American Studies Association), para visitar o *Kellogg Institute*, Universidade de Notre Dame, de 4 a 9 de março de 1994, e participar do XVII Congresso da LASA, de 10 a 12 de março de 1994, em Atlanta.

8.1.5. Projeto de pesquisa “Um estudo sobre as classes médias no meio artístico de esquerda”, CNPq - bolsa de pesquisa, março de 1994/fevereiro de 1996.

8.1.6. Projeto de pesquisa “Os artistas na política brasileira: do CPC a FHC”, FUNDUNESP, bolsa de auxílio à pesquisa, outubro de 1995-outubro de 1996.

8.1.7. Projeto Integrado de pesquisa “Os artistas na política brasileira, 1961-1994”, CNPq, março de 1996/fevereiro de 1998, renovado para março 1998/fevereiro 2000/ fevereiro 2003.

8.1.8. Projeto Integrado de pesquisa “Artistas e intelectuais a partir dos anos 60: em busca da revolução?”, CNPq, março de 2003/ fevereiro de 2006.

8.2. Para estágios e eventos científicos no exterior

8.2.1. Auxílio da FUNDUNESP (passagem aérea), para apresentar trabalho e participar do Simpósio Internacional “Passado, presente y perspectivas del socialismo”, Universidade de Buenos Aires, B. Aires, 30 de setembro a 3 de outubro de 1991.

8.2.2. Auxílio da FAPESP (diárias) e do CNPq (passagem aérea), para apresentar trabalho e participar do XVII Congresso da Latin American Studies Association (LASA), Los Angeles, 24 a 27 de setembro de 1992.

8.2.3. Auxílio da LASA (passagem e diárias), para apresentar trabalho e participar do XVIII Congresso da LASA, Atlanta, 10 a 12 de março de 1994.

8.2.4. Auxílio da CAPES (passagem aérea), para apresentar trabalho e participar do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Lisboa, 4 a 7 de julho de 1994.

8.2.5. Auxílio da FAPESP (passagem e diárias), para apresentar trabalho e participar do XIX Congresso da LASA, Washington, 28 a 30 de setembro de 1995.

8.2.6. Bolsa para missão de trabalho na Universidade de Paris VII (ensino e pesquisa), Acordo CAPES/COFECUB n. 173/95, Paris, 17 de janeiro a 21 de fevereiro de 1997.

8.2.7. Auxílio da CAPES (passagem aérea) e da FUNDUNESP (diárias), para apresentar trabalho e participar do IV Congresso da Brazilian Studies Association (BRASA), Washington, 12 a 15 de novembro de 1997.

8.2.8. Auxílio da FAEP/FUNCAMP para apresentar trabalho e participar do XX Congresso da LASA, Chicago, 24 a 26 de setembro de 1998.

8.2.9. Auxílio da FAPESP para pesquisa em Paris, estágio de pós-doutorado, EHESS, 9 de dezembro de 1999 a 28 de fevereiro de 2000.

8.2.10. Auxílio da FAEP/FUNCAMP para apresentar trabalho e participar do X Congresso da Federación Internacional de Estudios sobre América Latina y el Caribe (FIEALC), Moscou, 25 a 29 de junho de 2001.

8.2.11. Bolsa para missão de trabalho na École des Hautes Études en Sciences Sociales (ensino e pesquisa), Acordo CAPES/COFECUB n. 357/01, Paris, 16 de novembro a 06 de dezembro de 2001.

8.2.12. Auxílio da CAPES (passagem aérea), e da FAEP/FUNCAMP (diárias), para apresentar trabalho e participar do XV Congresso Mundial de Sociologia, promovido pela International Sociological Association (ISA), realizado em Brisbane, Austrália, 7 a 13 de julho de 2002.

8.3. Para publicação

8.3.1. Auxílio da FAPESP, cobrindo parte dos custos gráficos da edição do livro *O fantasma da revolução brasileira* (Ed. UNESP), março-agosto de 1993.

8.3.2. Auxílio da CAPES e da FUNCAMP/FAEP para cobrir parte dos custos gráficos da edição do livro *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.

8.4. Para realização de eventos acadêmicos

8.4.1. Auxílio da ANPOCS (passagens e diárias), para o Encontro Intermediário do GT Partidos e Movimentos de Esquerda, objetivando a elaboração do vol. I da *História do Marxismo no Brasil* (Ed. Paz e Terra, 1991). Rádio Hotel, Serra Negra, SP, 27 e 28 de agosto de 1990.

8.4.2. Auxílio do CNPq e da ANPOCS (passagens e diárias), para a realização do curso “Passado e presente da esquerda brasileira”. Depto de C. Sociais da UEL e GT Part. e Mov. de Esquerda da ANPOCS. Londrina, 15 a 19 de outubro de 1990.

8.4.3. Auxílio do Plano PAC da UNESP (passagens e diárias), para organizar o Seminário “O marxismo e as esquerdas na história da sociedade brasileira”, FCL, UNESP, CAr, Araraquara, 13 a 17 de maio de 1991.

8.4.4. Auxílio FUNCAMP/FAEP e CAPES, para organizar o Seminário Internacional “Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França”, IFCH, UNICAMP, 4 e 5 de setembro de 2002.

9. OUTRAS ATIVIDADES ACADÊMICAS E ADMINISTRATIVAS

9.1. Atividades funcionais

9.1.1. Professor Auxiliar do Departamento de Ciências Sociais, CLCH, UEL, Londrina, de 24.08.83 a 07.08.1989.

9.1.2. Prof. Adjunto do Departamento de Ciências Sociais, CLCH, UEL, Londrina, de 08.08.1989 a 31.07.1990.

9.1.3. Prof. Assistente Doutor do Departamento de Sociologia da FCL, UNESP, Campus de Araraquara (CAr), de 01.08.1990 a 30.06.1998.

9.1.4. Prof. Assistente Doutor do Departamento de Sociologia do IFCH, UNICAMP, a partir de 01.07.1998.

9.2. Chefia e coordenação

9.2.1. Vice-chefe do Departamento de Ciências Sociais, CCLH, UEL, Londrina, janeiro-julho de 1990.

9.2.2. Vice-chefe do Departamento de Sociologia, FCL, UNESP, Araraquara, 1991, 1992/1993.

9.2.3. Coordenador do Grupo de Trabalho (GT) Partidos e Movimentos de Esquerda, da ANPOCS, outubro de 1989/ outubro de 1993.

9.2.4. Chefe do Departamento de Sociologia, FCL, UNESP, Araraquara, 1994/1995 e 1996/1997.

9.2.5. Coordenador do Programa de Mestrado em Sociologia do IFCH/UNICAMP, de março de 1999 a abril de 2001.

9.2.6. Coordenador geral da pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP (substituto do titular afastado, Prof. Renato Ortiz), fevereiro a abril de 2001.

9.2.7. Diretor Adjunto do Arquivo Edgard Leuenroth – IFCH, UNICAMP, de outubro de 2000 a setembro de 2003.

9.2.8. Coordenador brasileiro do Acordo CAPES-COFECUB n. 357/01/03 (Intelectuais, cultura e política: França, Europa e Brasil, séculos XIX e XX); responsável na França: prof. dra. Andr ee Bachoud, Universidade de Paris VII, bi enio 2001-2002; prof. Dr. Denis Rolland, Universit e de Strasbourg, bi enio 2003-2004.

9.2.9. Coordenador do Curso de Ciências Sociais, IFCH, UNICAMP, de 1 de agosto de 2002 a 30 de setembro de 2003.

9.2.10. Diretor do Arquivo Edgard Leuenroth – IFCH, UNICAMP, desde outubro de 2003.

9.3. Participação em publicações acadêmicas

9.3.1. Membro do Conselho Editorial da *Perspectivas*, Revista de Ciências Sociais da UNESP (dezembro de 1991/dezembro de 1998), e parecerista desde 1991.

9.3.2. Membro do Conselho Editorial e parecerista de *Nas Trilhas da Pesquisa*, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia Rural e Urbana da UNESP, 1992/1993.

9.3.3. Membro do Conselho Editorial e parecerista de *Seminários Temáticos*, publicação do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia Rural e Urbana da UNESP, 1992/1993.

9.3.4. Parecerista da *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, desde 1997.

9.3.5. Parecerista de *Tempo Social*, Revista de Sociologia, USP, São Paulo, desde 1997.

9.3.6. Parecerista da *Revista Brasileira de História*, da ANPUH, São Paulo, desde maio de 1998.

9.3.7. Parecerista da revista *Mediações*, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, desde maio de 1998.

9.3.8. Parecerista da *Revista de Sociologia e Política*, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná (UFPR), desde maio de 1998. Membro do Conselho Editorial desde junho de 2003.

9.3.9. Parecerista da revista *Educação & Sociedade*. Centro de Estudos Educação e Sociedade – CEDES. Instituto de Educação, UNICAMP, desde setembro de 1999.

9.3.10. Parecerista da revista *Estudos de Sociologia*. FCL, UNESP, Araraquara, desde 1999.

9.3.11. Parecerista da revista *Estudos Históricos*, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, desde abril de 2001.

9.3.12. Editor da revista *Idéias*, IFCH-UNICAMP, a partir de março de 2001.

9.3.13. Parecerista da *Revista de Letras* da UNESP, desde setembro de 2002.

9.3.14. Membro do Comitê de Redação e fundador da revista *Margem Esquerda*, São Paulo: Boitempo, desde 2003.

9.3.15. Membro da Comissão Editorial da *Revista de Direito e Política*, do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública (IBAP), desde 2003.

9.4. Órgãos Colegiados

9.4.1. Membro do Conselho do Departamento de Sociologia, FCL, UNESP, Araraquara, dezembro de 1990 a dezembro de 1997.

9.4.2. Membro Suplente da Congregação da FCL, UNESP, Araraquara, dezembro de 1990 a dezembro de 1993.

9.4.3. Membro Titular da Congregação da FCL, UNESP, Araraquara, janeiro de 1994 a dezembro de 1997.

9.4.4. Membro Titular do Conselho de Curso de Pós-graduação em Sociologia (mestrado e doutorado), FCL, UNESP, Araraquara, fevereiro de 1996 a fevereiro de 1998.

9.4.5. Membro da Comissão de Graduação do Curso de Ciências Sociais (representante do Departamento de Sociologia), IFCH, UNICAMP, outubro de 1998 a fevereiro de 1999.

9.4.6. Membro da Comissão de Pós-graduação do IFCH da UNICAMP, março de 1999/abril 2001.

9.4.7. Representante dos professores livre-docentes na Congregação do IFCH da UNICAMP, março de 2000/março 2002.

9.4.8. Membro da Comissão Central de Graduação da UNICAMP, agosto de 2002/setembro de 2003.

9.5. Comissões técnicas e acadêmicas

9.5.1. Membro da Comissão de Biblioteca, da Biblioteca Central da UEL, Londrina, agosto de 1985 a julho de 1990.

9.5.2. Membro da Comissão de Contratação de Docentes da FCL, UNESP, Araraquara, julho de 1991 a julho de 1992.

9.5.3. Membro da Comissão Organizadora do “Seminário Internacional sobre Liberalismo e Socialismo”, conforme portaria de 21 de outubro de 1991, da direção da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília. (evento realizado em abril de 1993)

9.5.4. Membro da Comissão de Ensino da FCL, UNESP, Araraquara, outubro 1992/dezembro 1993.

9.5.5. Membro do Grupo de Estudo do Ensino Noturno na UNESP, Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, 1993/1995.

9.5.6. Membro da Subcomissão de formação do professor da Comissão Central de Graduação da UNICAMP, novembro de 1998 – fevereiro de 1999.

9.5.7. Membro da Comissão para implantação do Museu de Ciências da UNICAMP, desde março de 2004.

10. ESTÁGIOS E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS NO EXTERIOR

10.1. Mesa sobre “Luta de Classes na América Latina”, expondo o trabalho “As esquerdas armadas no Brasil, 1964-1974”. Simpósio Internacional “Pasado, presente y perspectivas del socialismo”, **Universidade de Buenos Aires**, Buenos Aires, 30 de setembro a 3 de outubro de 1991.

10.2. Mesa sobre “A esquerda brasileira diante das transformações no socialismo mundial”, apresentando o trabalho “Os comunistas brasileiros e a crise do socialismo”. XVII Congresso Internacional da **LASA, Los Angeles**, 24 a 27 de setembro de 1992.

10.3. Estágio no **Kellogg Institute**, Universidade de Notre Dame (*LASA junior lecturing fellowship* - bolsa para jovens pesquisadores da Latin American Studies Association), 4 a 9 de março de 1994.

10.4. Mesa sobre “As classes sociais e sua representação política na América Latina: tendências para o novo milênio”, apresentando o trabalho “Apontamentos sobre a representação política das classes médias no limiar do século XXI”. XVIII Congresso Internacional da **LASA, Atlanta**, 10 a 13 de março de 1994.

10.5. Comunicação “A representação política de esquerda das novas classes médias na sociedade brasileira contemporânea”, Grupo de Trabalho “Classes sociais, estratificação e mobilidade social”. III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Instituto de Ciências Sociais, **Universidade de Lisboa**. Fundação G. Gulbenkian, Lisboa, 4 a 7 de julho de 1994.

10.6. Mesa sobre “História e historiografia da esquerda brasileira”, apresentando o trabalho “Notas sobre a historiografia da esquerda brasileira, 1964-1974”. XIX Congresso Internacional da **LASA, Washington**, 28 a 30 de setembro de 1995.

10.7. Palestra “*Revolutionary Romanticism in Brazil, 1964-1974*”, parte das *Lecture Series*, University Center for International Studies - Center for Latin American Studies, **University of Pittsburgh**, Pittsburgh, 3 de outubro de 1995.

10.8. Conferência “*Du christianisme au maoïsme: L'Action Populaire au Brésil (une étude sur les croyances politiques et religieuses)*”, no seminário de pós-graduação da professora Sonya Dayan, sobre *Crenças e Política*. Centre de Sociologie des Pratiques et des Représentations Politiques, **Universidade de Paris VII, Jussieu**, Paris, 23 de janeiro de 1997.

10.9. Conferência sobre “*L’Action Populaire au Brésil, 1962-1974*”, no seminário de pós-graduação do professor Michael Löwy, sobre *Religion et Politique en Amérique Latine*. **École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris**, 24 de janeiro de 1997.

10.10. Missão de trabalho na **Universidade de Paris VII** (ensino e pesquisa), Acordo **CAPES/COFECUB** n. 173/95, Paris, 17 de janeiro a 21 de fevereiro de 1997.

10.11. Mesa sobre “Oposição/repressão durante o regime militar brasileiro (1964-1985)”, apresentando o trabalho “Aspectos do romantismo revolucionário nos anos 60”. IV Congresso da **BRASA, Washington**, 12 a 15 de novembro de 1997.

10.12. Mesa “*Bourgeois et prolétaires*”: 150 ans après, quels rapports de classe dans le monde actuel? - *Rencontre Internationale Le Manifeste communiste, 150 ans après*. **Espaces Marx. Bibliothèque Nationale de France et Sorbonne**. Paris, 13 a 16 de maio de 1998.

10.13. Mesa “Resistência e transformação durante a ditadura militar no Brasil”, apresentando o trabalho “O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo”. XXI Congresso Internacional da **LASA, Chicago**, 24 a 26 de setembro de 1998.

10.14. Estágio de Pós-doutoramento na **École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris**, dezembro de 1999/ fevereiro de 2000, realizando pesquisa sobre cultura e política nos anos 60.

10.15. Conferência sobre “Artistas e política nos anos 60-70: em busca do povo brasileiro”, no *Groupe de Réflexion sur le Brésil Contemporain*, do *Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain*. **École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris**, 5 de janeiro de 2000.

10.16. Simpósio “La crisis de la Ideologia socialista y sus repercusiones en América Latina”, apresentando o trabalho “Os comunistas brasileiros diante da crise do socialismo: aspectos das permanências e mudanças”. X Congresso da Federación Internacional de Estudios sobre América Latina y el Caribe (**FIEALC**), **Moscú**, 25 a 29 de junho de 2001.

10.17. Duas conferências sobre “*La trajectoire des intellectuels et des artistes de gauche au Brésil depuis les années 1960*”, no seminário de pós-graduação do professor Afrânio Garcia sobre *Anthropologie Politique du Brésil – circulation internationale des universitaires et représentation de la culture nationale*. **École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris**, 20 de novembro e 18 de dezembro de 2001.

10.18. Conferência sobre “*La JUC et les origines religieuses du mouvement brésilien Ação Popular*”, no seminário de pós-graduação do professor Michael Löwy sobre *Religion et Politique en Amérique Latine*. **École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris**, 23 de novembro de 2001.

10.19. Conferência “Intellectuels, artistes et politique au Brésil: 1960-1990”, no quadro dos *Rencontres Brésiliennes de Nanterre*, seminário do *Pôle Brésil* do *Centre de Recherches Universitaires Interdisciplinaires sur le Brésil*,

École Doctorale “Lettres, Langues, Spetacles”. **Universidade de Paris X, Nanterre**, 29 de novembro de 2001.

10.20. Missão de trabalho na **École des Hautes Études en Sciences Sociales** (ensino e pesquisa), Acordo CAPES/COFECUB n. 357/01, Paris, 16 de novembro a 18 de dezembro de 2001.

10.21. Participação no Comitê de Pesquisa 37 – Sociologia das Artes, apresentando o trabalho “Culture and politics in Brazil: political involvement of artists and intellectuals, 1958-2001”. XV Congresso Mundial de Sociologia, International Sociological Association (ISA), **Brisbane**, Austrália, 7 a 13 de julho de 2002.

11. Participação em EVENTOS CIENTÍFICOS NACIONAIS

11.1. Mesas-redondas

11.1.1. Coordenador de mesas-redondas

11.1.1.1. “Crise do socialismo - crise do marxismo”. Seminário “O marxismo e as esquerdas na história da sociedade brasileira”. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, campus de Araraquara (CAr), 14 de maio de 1991.

11.1.1.2. “A teoria da revolução no Brasil”. Seminário “70 anos de fundação do Partido Comunista no Brasil - história, memória e projeto político”. Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, Universidade de Campinas (UNICAMP), 2 a 4 de junho de 1992.

11.1.1.3. “Estado e bem público: socialismo, estado de bem estar e neo-liberalismo”. Seminário Internacional “Liberalismo e Socialismo: velhos e novos paradigmas”. UNESP, Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa e Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 13 a 15 de abril de 1993.

11.1.1.4. “Qual socialismo? Os dilemas da esquerda brasileira”. VII Congresso Estadual dos Sociólogos de São Paulo, Associação e Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo e IFCH da UNICAMP, Campinas, 27 a 29 de setembro de 1993.

11.1.1.5. “Avanços e limites da construção democrática (1964-1994)”, promovida pela Sociedade Brasileira de Sociologia na 46a. Reunião Anual da SBPC, UFES, Vitória, 19 de julho de 1994.

11.1.1.6. “O mundo do trabalho: mudanças e desafios”, dentro do Ciclo de Debates “Trabalho e trabalhadores: mudanças e desafios”, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, UNESP, Araraquara, 19 de outubro de 1994.

11.1.1.7. “Sindicalismo, corporativismo e democracia”, VII Congresso Brasileiro de Sociologia, Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Rio de Janeiro, 4 a 6 de setembro de 1995.

11.1.1.8. “Globalização e classes sociais”, VIII Congresso Estadual dos Sociólogos, Associação e Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo e PUC-SP, São Paulo, 10 de outubro de 1995.

11.1.1.9. “Relações de produção e ser social”, Seminário “Socialismo do futuro”, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, UNESP, Araraquara, 12 de setembro de 1996.

11.1.1.10. “Anos 60 e 70: democracia, música e política”, I Congresso de Iniciação Científica, Aperfeiçoamento e Especialização da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, 18 de setembro de 1996.

11.1.1.11. “As lutas políticas durante o regime militar”, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São José do Rio Pardo, 12 de novembro de 1996.

11.1.1.12. “Cinema e sociedade na América Latina”, com o professor e cineasta Nelson Pereira dos Santos. Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia e pela área de extensão da FCL, UNESP, Araraquara, 26 de novembro de 1996.

11.1.1.13. “América Latina: cultura e política”. XX Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS). São Paulo, 01 de setembro de 1997.

11.1.1.14. “O Manifesto Comunista e a revolução”. Simpósio 150 anos do Manifesto Comunista. Departamento de História da USP. São Paulo, 29 de abril de 1998.

11.1.1.15. “A herança de 1968 no mundo”. Seminário 1968, 30 anos depois. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, SESC Vila Mariana, 5 de junho de 1998.

11.1.1.16. Mesa-redonda: “Florestan Fernandes: o sentido das coisas”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 14 de abril de 1999.

11.1.1.17. Mesa: “Experiências e perspectivas do Programa de Mestrado em Sociologia da UNICAMP: 25 anos”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 6 de outubro de 1999.

11.1.1.18. Mesa: “História do marxismo no Brasil – visões do Brasil”, GT História dos Partidos e Movimentos de Esquerda. XV Encontro Regional de História – História no ano 2000: Perspectivas. ANPUH-SP, Departamento de História da FFLCH da USP, São Paulo, 5 de setembro de 2000.

11.1.1.19. Mesa “Intelectuais e esquerda”. Seminário Internacional “Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França”, IFCH, UNICAMP, 4 e 5 de setembro de 2002.

11.1.1.20. Mesa “Terrorismo”. Seminário da Revista *Idéias*, IFCH, UNICAMP, 1 de outubro de 2002.

11.1.2. Expositor em mesas-redondas

11.1.2.1. Mesa “Revoluções”, na X Semana de História (Revoluções, Utopias). Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis, 13 de abril de 1989.

11.1.2.2. Mesa “A participação social do jovem”, apresentando o trabalho “Considerações sobre os jovens e a revolução brasileira, 1964-1974”. 30a. Semana da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, 18 a 20 de outubro de 1989.

11.1.2.3. Mesa sobre “a crise do socialismo”. XVI Simpósio Nacional de História, ANPUH, Rio de Janeiro, UERJ, 22 de julho de 1991.

11.1.2.4. Mesa sobre “O Movimento Estudantil”, parte da Programação dos 40 anos do CAASO, Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira, USP, São Carlos, 27 de abril de 1993.

11.1.2.5. Mesa-redonda “As transformações do socialismo mundial e a esquerda brasileira”. 45ª Reunião Anual da SBPC, UFPe, Recife, 16 de julho de 1993.

11.1.2.6. Mesa sobre “O movimento estudantil”, parte do “Ciclo de Debates Históricos” promovido pelo Diretório Central dos Estudantes da UNICAMP, Campinas, 14 de abril de 1994.

11.1.2.7. Mesa “Avanços e limites da construção democrática (1964-1994)”, promovida pela Sociedade Brasileira de Sociologia na 46a. Reunião Anual da SBPC, UFES, Vitória, 19 de julho de 1994.

11.1.2.8. Mesa “Historiografia da esquerda”, seminário “20 anos do AEL”, promovido pelo Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP, Campinas, 24 de agosto de 1994.

11.1.2.9. Mesa “Os 30 anos do golpe de 1964”, Semana de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André, 21 de outubro de 1994.

11.1.2.10. Mesa “Identidade e representação de classe no Brasil”. Seminário “Questões da sociologia e da sociedade brasileira”, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 10 de novembro de 1994.

11.1.2.11. Mesa “Os estudantes e a política: 1962-1992”. XVIII Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História (ANPUH), Recife, 28 de julho de 1995.

11.1.2.12. Mesa “Sindicalismo, corporativismo e democracia”, apresentando trabalho sobre a “ANDES: entre o corporativismo e a transformação”, VII Congresso Brasileiro de Sociologia, Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Rio de Janeiro, 4 a 6 de setembro de 1995.

11.1.2.13. Mesa “Estratégias da mentira oficial: torturados, mortos e desaparecidos”, Seminário “A revolução possível”, IFCH, UNICAMP, 25 a 29 de março de 1996.

11.1.2.14. Mesa “Universidade: ciência, cultura e política”, apresentando o trabalho “Um romantismo revolucionário em Florestan Fernandes?”. Seminário “Florestan Fernandes: intelectual militante”. Centro Universitário Maria Antonia, USP, São Paulo, 15 de agosto de 1996.

11.1.2.15. Mesa “Tempos de ditadura militar: resistência e cultura”. Ciclo de Debates “75 anos do Partido Comunista no Brasil: Política e Cultura”. Centro de Documentação e Memória da UNESP e Instituto Astrojildo Pereira. São Paulo, 30 de setembro de 1997.

11.1.2.16. Mesa “Che Guevara e o guevarismo”. *Semana “Che” – anos 60: quando éramos todos revolucionários*. FCL, UNESP, Araraquara, 09 de outubro de 1997.

11.1.2.17. Mesa “Cinema, história, ficção: *O que é isso, companheiro?*”. XXI Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 21 a 25 de outubro de 1997.

11.1.2.18. Mesa “A luta armada no Brasil”. Simpósio Internacional “História e revolução”. Departamento de História, FFLCH da USP, 3 de novembro de 1997.

11.1.2.19. Mesa “25 anos da morte de Alexandre Vannucchi Leme”. Departamento de História da USP. São Paulo, 17 de março de 1998.

11.1.2.20. Mesa “Classes sociais e luta de classes”. Encontro Internacional 150 anos do Manifesto Comunista. PUC/SP. São Paulo, 29 de abril de 1998.

11.1.2.21. Mesa “Sucessos da liberdade: música engajada e Tropicália”. XVI Semana de História: Emergências da liberdade. FCL, UNESP, Assis, 26 a 28 de maio de 1998.

11.1.2.22. Mesa “Refazer a esquerda”. Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais. PUC/SP. São Paulo, 19 de junho de 1998.

11.1.2.23. Mesa “1968 – memória e cinema 30 anos depois”. Cinemateca Brasileira. São Paulo, 29 de junho de 1998.

11.1.2.24. Mesa “Cristianismo e marxismo: o romantismo revolucionário da Ação Popular”. XIV Encontro Regional de História, realizado na PUC-SP. Associação Nacional de História (ANPUH) – Núcleo Regional de São Paulo, 8 de setembro de 1998.

11.1.2.25. Mesa “150 anos do Manifesto Comunista”. Sindicato dos Trabalhadores do Serviço de Água e Esgoto do Município de Jacareí. Jacareí, 11 de novembro de 1998.

11.1.2.26. Mesa “1968: a eclosão da rebeldia”. FFC, UNESP, Marília, 17 de novembro de 1998.

11.1.2.27. Mesa “Dos anos 60 aos 90: artistas e intelectuais em busca da brasilidade”. XX Simpósio Nacional de História. ANPUH. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 25 a 30 de julho de 1999.

- 11.1.2.28. Mesa “A trajetória do movimento sindical de professores”. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES, Secretaria Regional Rio. UERJ. Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1999.
- 11.1.2.29. Mesa “The Relics of Brazil: Tropicalismo and the Historical Gaze”. V Congresso da *Brazilian Studies Association* (BRASA), Recife, 18-21 de junho de 2000.
- 11.1.2.30. Mesa “Romantismo revolucionário brasileiro: os anos 60 em 2000”. FNAC, São Paulo, 15 de agosto de 2000.
- 11.1.2.31. Mesa “Romantismo revolucionário brasileiro: os anos 60 em 2000”. Espaço Unibanco de Cinema. Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2000.
- 11.1.2.32. Mesa “Os Centros Populares de Cultura e os impasses político-ideológicos dos anos 60”. XV Encontro Regional de História – História no ano 2000: Perspectivas. ANPUH-SP, Departamento de História da FFLCH da USP, São Paulo, 8 de setembro de 2000.
- 11.1.2.33. Mesa “Cultura e TV” – 23ª Semana de Comunicação, FAAP, 21 de setembro de 2000.
- 11.1.2.34. Mesa “Romantismo revolucionário brasileiro: os anos 60 em 2000”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 26 de setembro de 2000.
- 11.1.2.35. Mesa “Política: continuidade/ruptura”. Terceira Jornada Multidisciplinar O Futuro: continuidade/ruptura. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Bauru, 6 de outubro de 2000.
- 11.1.2.35. Mesa “Arte e cultura popular”. IV Encontro Interno de Pesquisa em Artes e Mídias. Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 7 de dezembro de 2000.
- 11.1.2.36. Mesa “A canção engajada”. Seminário Da bossa nova à tropicália. Núcleo de Estudos Musicais. Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 10 de maio de 2001.
- 11.1.2.37. Mesa “Cultura, movimentos sociais e participação política da juventude”. Comissão de Educação da Câmara Municipal de São Paulo. São Paulo, 2 de junho de 2001.
- 11.1.2.38. Mesa “As dissidências armadas”. Seminário 80 anos de movimento comunista no Brasil. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP, campus de Marília. 15 de maio de 2002.
- 11.1.2.39. Mesa “O PCB e a cultura brasileira”. Seminário 80 anos de fundação do PCB. Departamento de História, FFLCH da USP. São Paulo, 14 de junho de 2002.
- 11.1.2.40. Mesa “Intelectuais e sociedade”. I Encontro de alunos de Humanidades. IFCH, UNICAMP, 30 de setembro de 2002.

11.1.2.41. Mesa “Perspectivas para o mercado de trabalho do sociólogo”. IX Encontro Estadual de Coordenadores de Curso de Ciências Sociais do estado de São Paulo. São João da Boa Vista, FEOB, 6 de junho de 2003.

11.1.2.42. Mesa “História, política e teoria social: os movimentos sociais dos anos 60 e a gênese de novas perspectivas na Sociologia”. XI Congresso Brasileiro de Sociologia – Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). UNICAMP, Campinas, SP, 1 a 5 de setembro de 2003.

11.1.2.43. Mesa “A utopia na construção do socialismo”. 3º Colóquio Marx-Engels. IFCH, UNICAMP, Campinas, 7 de novembro de 2003.

11.1.2.44. Mesa “Luta armada”, apresentando o trabalho “Luta armada contra o regime militar: resistência e ideologia da resistência”. Seminário 40 anos do golpe militar: 1964-2004. CPDOC/FGV, APERJ, UFRJ, UFF. Rio de Janeiro/Niterói, 23 de março de 2004.

11.1.2.45. Mesa no Seminário “Autoritarismo nas margens da República, 1964-1984”, apresentando a palestra “Resistência e mistificação da resistência”. Programa de Pós-graduação em História da UFMG, Belo Horizonte, 1 de abril de 2004.

11.1.2.46. Mesa “Censura no teatro e na literatura”, no seminário “Vetar! Proibir! Censurar! A arte sob a ditadura”, abordando o tema no campo da literatura e do teatro. Itaú Cultural e Centro Universitário Maria Antonia. São Paulo, 19 de maio de 2004.

11.2. Palestras e Conferências

11.2.1. “Análises políticas em Ciências Sociais”, Semana de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, UEL, Londrina, 2 a 9 de maio de 1988.

11.2.2. “A esquerda armada pós-64 no Brasil”, Simpósio Internacional “Trotsky, passado e presente do socialismo”, Departamento de História, USP, São Paulo, 14 de setembro de 1990.

11.2.3. “A esquerda brasileira depois do golpe de 1964”, palestra aos alunos do curso de Odontologia da FEFI de Londrina, 21 de setembro de 1990.

11.2.4. “A resistência da esquerda armada brasileira, 1964-1974”, Seminário “O marxismo e as esquerdas na história da sociedade brasileira”, FCL, UNESP, Campus Araraquara, 13 a 17 de maio de 1991.

11.2.5. “Romantismo e revolução: a utopia dos anos 60”, seminário do evento “América 92: encontro de dois mundos”, Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (PROLAM), USP, São Paulo, 18 de maio de 1992.

11.2.6. “O fantasma da revolução brasileira”, palestra na Universidade Estadual de Londrina, 3 de novembro de 1993.

11.2.7. “As esquerdas e o golpe de 1964”, conferência no DAJA, UNESP, Campus Araraquara, 9 de novembro de 1993.

11.2.8. Conferência “O fantasma da revolução brasileira”, Departamento de Política, PUC-SP, São Paulo, 11 de novembro de 1993.

11.2.9. Palestra “O fantasma da revolução brasileira”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Campus de Rio Claro, 7 de abril de 1994.

11.2.10. “Classes médias, da oposição à ditadura até o PT, 1964-1994”, palestra na Universidade Federal de São Carlos, 13 de abril de 1994.

11.2.11. “30 anos do golpe de 1964, lembrar para não esquecer”. Ciclo de Palestras, DAJA, UNESP, Campus Araraquara, 27 de abril de 1994.

11.2.12. Conferência “O fantasma da revolução brasileira”, Curso de Pós-graduação em História, UNESP, campus de Assis, 1 de setembro de 1994.

11.2.13. “Classes sociais e representação”, palestra na Universidade Estadual de Londrina, 2 de setembro de 1994.

11.2.14. “Atuação partidária no Brasil de hoje”, palestra na EEPSP Prof. Francisco Gonçalves Vieira, Caieiras, São Paulo, 6 de outubro de 1994.

11.2.15. “Os professores e a construção da esfera pública na sociedade brasileira”, Conferência na III Semana de Estudos Pedagógicos: O pedagogo e o professor em questão. Centro Universitário de Corumbá, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 5 de dezembro de 1994.

11.2.16. “Atuação partidária no Brasil contemporâneo”. Palestra no Colégio Ateneu, São Caetano do Sul, 23 de maio de 1995.

11.2.17. Palestra “Professores e ativistas da esfera pública”, Semana de Ciências Sociais, UEL, Londrina, 8 de novembro de 1995.

11.2.18. Palestra “Cultura e política no Brasil pós-64”. II Seminário de Sociologia e Política, FCL, UNESP, Araraquara, 24 a 26 de setembro de 1996.

11.2.19. Palestra “Do cristianismo ao maoísmo: a Ação Popular”. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 9 de janeiro de 1997.

11.2.20. Conferência “O paraíso perdido de Benjamim Zambraia: sociedade e política em Chico Buarque”. Grupo de Teoria Política, Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, 21 de março de 1997.

11.2.21. Palestra “Os artistas em oposição ao regime militar”. Seminário “Direitos Humanos no limiar do século XXI - módulo 2: Minorias Silenciadas”. Centro Universitário Maria Antonia, USP, São Paulo, 06 de maio de 1997.

11.2.22. Conferência “Ensaio geral de socialização da cultura: o epílogo tropicalista”. Núcleo de estudos de ideologias e lutas sociais. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. São Paulo, 20 de maio de 1997.

- 11.2.23. Conferência “Atuação partidária no Brasil contemporâneo”. FEFIARA, Araraquara, 18 de junho de 1997.
- 11.2.24. Palestra “Romantismo e a teoria do foquismo”. Sindicato dos Professores de Londrina, Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, 25 de setembro de 1997.
- 11.2.25. Palestra “Che Guevara e o romantismo revolucionário nos anos 60”. Seminário “Ernesto ‘Che’ Guevara – presença e permanência”. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e Centro de Estudos Marxistas da UNICAMP. Campinas, 08 de outubro de 1997.
- 11.2.26. Palestra “Che Guevara e o romantismo revolucionário nos anos 60”. Seminário “Marcas da História: lutas, utopias e realidades”. Departamento de História. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 20 a 24 de outubro de 1997.
- 11.2.27. Palestra “A esquerda brasileira nos anos 60 e 70”. Ciclo de Estudos “Ciências Sociais e reflexão filosófica”. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 5 de novembro de 1997.
- 11.2.28. Palestra “Revolta de 1968 em Paris e sua influência no Movimento Estudantil no Brasil”. Semana de Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 1 de setembro de 1998.
- 11.2.29. Palestra “Literatura e política: *Benjamim*, de Chico Buarque de Hollanda”. Departamento de Letras, UFSCar, São Carlos, 14 de junho de 2000.
- 11.2.30. Palestra “Ditadura militar e resistência no Brasil”. Ciclo de Palestras *Brasil, além dos 500 anos – rever para crer*. Departamento de Cultura da Prefeitura de Jaguariúna. 01 de julho de 2000.
- 11.2.31. Palestra “Artistas da revolução: do CPC à era da tv”. Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, Franca, 21 de agosto de 2000.
- 11.2.32. Palestra “Artistas da revolução: do CPC à era da tv”. Terceira Jornada Multidisciplinar O Futuro: continuidade/ruptura. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Bauru, 5 de outubro de 2000.
- 11.2.33. Palestra “Artistas da revolução: do CPC à era da tv”. FCL, UNESP - campus de Assis, 9 de novembro de 2000.
- 11.2.34. Palestra “Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da tv”. FCL, UNESP, Araraquara, 21 de novembro de 2000.
- 11.2.35. Palestra “Cultura: Nação”. Simpósio Cultura, Espaço, Tempo. SESC, Bauru, 24 de novembro de 2000.
- 11.2.36. Palestra “Visões do Paraíso Perdido”. Departamento de História e Programa de Estudos Pós-graduados em História. PUC-SP, São Paulo, 28 de novembro de 2000.

11.2.37. Palestra “Movimentos Sociais no Brasil nas décadas de 60 e 70”. Curso de História, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Artes e Educação, da Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo, 27 de setembro de 2002.

11.2.38. Palestra (*workshop*) “Em busca do povo brasileiro”. Núcleo de Estudos Contemporâneos da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 13 de dezembro de 2002.

11.2.39. Palestra “20 anos de redemocratização”. Biblioteca do Paraná. Curitiba, 15 de maio de 2003.

11.2.40. Palestra “1968 e sua herança”. UFPR, Curitiba, 29 de maio de 2003.

11.2.41. Palestra “Cultura e política no Brasil pós-1960”. 3ª Semana de Ciências Sociais. FEOB, São João da Boa Vista, 5 de junho de 2003.

11.2.42. “Trabalhadores da esfera pública”. Conferência no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Profissão do Programa Estudos Pós-graduados em Serviço Social da PUC-SP. São Paulo, 12 de novembro de 2003.

11.2.43. “Artistas e política nos anos 1960”. Palestra no Centro Cultural São Paulo, parte do evento “Golpe de 1964: amarga memória”. São Paulo, 9 de março de 2004.

11.2. 44. Palestra “Cultura e Engajamento na História Brasileira Pós 1960”, para 30 novos funcionários no cargo de Animador Cultural. SESC Vila Mariana. São Paulo, 12 de março de 2004.

11.3.45. “Pensando 1964”, parte do Ciclo de Palestras no Centro Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro, 24 de março de 2004.

11.2.46. “Política e cultura: os artistas no combate à ditadura”. Palestra no III Encontro de História da UniABC, Brasil, 1964: 40 anos. Santo André, 30 de março de 2004.

11.2.47. Palestra no Ciclo de Palestras “Pensando 1964”, Centro Cultural Banco do Brasil. São Paulo, 2 de abril de 2004.

11.2.48. Palestra “O golpe de 1964 na cultura brasileira”. Departamento de História. PUC/Campinas. Campinas, 13 de maio de 2004.

11.3. Aulas e cursos extracurriculares

11.3.1. A esquerda armada nos anos 60. Aula do curso “Partidos e movimentos de esquerda no Brasil”, II Regional da ANPUH-RJ. UFF, Niterói, 13 a 16 de maio de 1987.

11.3.2. A esquerda brasileira e a luta armada nos anos 60. Aula do curso “Tópicos da história da esquerda brasileira”, 42a. Reunião Anual da SBPC, UFRGS, Porto Alegre, 8 a 13 de julho de 1990.

11.3.3. Romantismo e revolução, a utopia dos anos 60. Aula inaugural para o curso de Ciências Sociais da UEL, Londrina, 14 de agosto de 1990.

11.3.4. A agitação política e cultural no Brasil nos anos 60. Aula do curso “Passado e presente da esquerda brasileira”, Departamento de Ciências Sociais da UEL e GT Partidos e Movimentos de Esquerda da ANPOCS, Londrina, 19 de outubro de 1990.

11.3.5. Curso de 40 horas sobre “História da esquerda brasileira e materialismo histórico”, Secretaria Municipal de Formação Política do Partido dos Trabalhadores de Londrina, 2o. semestre de 1990.

11.3.6. Divergências e convergências das esquerdas brasileiras nos anos 60. Aula do curso “Aspectos da história da esquerda na sociedade brasileira”, 43a. Reunião Anual da SBPC, UFRJ, Rio de Janeiro, 14 a 19 de julho de 1991.

11.3.7. Aula introdutória do curso “Impactos do Marxismo no Brasil”, 44a. Reunião Anual da SBPC, USP, São Paulo, 13 a 17 de julho de 1992.

11.3.8. Cultura e política brasileira nos anos rebeldes. Aula do curso “Os anos rebeldes - um balanço”, PROLAM, USP, São Paulo, 5 a 19 de outubro de 1992.

11.3.9. Aula sobre atuação partidária de esquerda no Brasil de hoje, curso “Questões sobre o socialismo contemporâneo: política e história”, 45ª Reunião Anual da SBPC, UFPe, Recife, 11 a 16 de julho de 1993.

11.3.10. Coordenador do curso “História do pensamento marxista no Brasil: influências externas”. VII Congresso Estadual dos Sociólogos de São Paulo, Associação e Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo e IFCH da UNICAMP, Campinas, 27 a 29 de setembro de 1993.

11.3.11. “Classes sociais e representação”, aula em seminário do PROLAM, USP, São Paulo, 2 de maio de 1994.

11.3.12. Duas aulas (módulo de 08 horas) sobre História e Historiografia da esquerda brasileira, como parte do curso de extensão universitária “História, Historiadores, Historiografia”. Departamento de História, PUC-SP, São Paulo, 30 de maio e 6 de junho de 1995.

11.3.13. Aula sobre a esquerda armada brasileira nos anos 60 e 70, parte do curso “Partidos e movimentos de esquerda no Brasil: estudos de caso”. XVIII Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História (ANPUH), Recife, 27 de julho de 1995.

11.3.14. Curso de pós-graduação lato sensu, nível de especialização “História do Brasil: permanência e/ou mudanças”, módulo de 32 horas-aula sobre a história recente do Brasil. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo, 14 de setembro a 5 de outubro de 1996.

11.3.15. Duas aulas (módulo de 08 horas) sobre História e Historiografia da esquerda brasileira, como parte do curso de extensão universitária “História, Historiadores, Historiografia”. Departamento de História, PUC-SP, São Paulo, 23 e 30 de novembro de 1996.

11.3.16. Três aulas (módulo de 06 horas) sobre “As teorias sociológicas aplicadas ao Direito”. Escola de Magistrados da Justiça Federal da 3a. Região. São Paulo, 19 a 21 de março de 1997.

11.3.17. “Nostalgia do Brasil: política e sociedade em Chico Buarque”, aula do Curso de Extensão Universitária “Literatura e Sociedade”, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, 8 de maio de 1997.

11.3.18. Curso de 09 horas-aula sobre “A década de 60”. Plano Especial de Treinamento (PET), da CAPES, Curso de Letras da FCL, UNESP, Araraquara, 07, 14 e 21 de maio de 1997.

11.3.19. Quatro aulas (módulo de 16 horas) sobre movimentos sociais, culturais e políticos no Brasil contemporâneo, como parte do curso de extensão universitária “História, Sociedade e Cultura”. Departamento de História, PUC-SP, São Paulo, 26 de abril, 10, 17 e 24 de maio de 1997.

11.3.20. Curso de 09 horas-aula sobre Sociedade, política e cultura nos anos 60. Plano Especial de Treinamento (PET), da CAPES, Curso de Ciências Sociais da FCL, UNESP, Araraquara, 12, 19 e 20 de junho de 1997.

11.3.21. Curso “História e historiografia da esquerda brasileira pós-64” (08 horas-aula). XIX Simpósio Nacional de História. ANPUH, UFMG, Belo Horizonte, 21 a 25 de julho de 1997.

11.3.22. Três aulas (módulo de 15 horas) sobre “as esquerdas na sociedade brasileira, dos anos 50 aos 80”. Disciplina “Tópicos especiais sobre a sociedade contemporânea”. Curso de Especialização em Sociologia e Sociologia da Educação. Universidade Estadual de Londrina, 26 e 27 de setembro de 1997.

11.3.23. Oficina “A esquerda brasileira pós-1964” (módulo de 04 horas). Seminário “Marcas da História: lutas, utopias e realidades”. Departamento de História. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 20 a 24 de outubro de 1997.

11.3.24. Aulas sobre “Literatura e resistência política: dos anos sessenta aos noventa” (módulo de 06 horas). Curso de Extensão “Literatura e História: uma relação em três tempos”. Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de São José do Rio Pardo. São José do Rio Pardo, 29 de novembro de 1997.

11.3.25. Aulas sobre “O regime militar e os partidos políticos” (módulo de 15 horas). Curso de Especialização em História do Brasil. Universidade do Sagrado Coração. Bauru, 23 e 24 de outubro de 1998.

11.3.26. Aulas sobre “A oposição política e cultural ao regime militar” (módulo de 15 horas). Curso de Especialização em História do Brasil. Universidade do Sagrado Coração. Bauru, 6 e 7 de novembro de 1998.

11.3.27. Aula sobre “Cultura e política durante a ditadura militar, 1964-1985”. IX Curso de Capacitação de Promotoras Legais Populares. Instituto Brasileiro de Advocacia Pública; União de Mulheres de São Paulo; Movimento do Ministério Público Democrático. Realizado no Espaço da

Cidadania da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo. São Paulo, 15 de março de 2003.

11.3.28. Aula sobre “Cultura e política durante a ditadura militar, 1964-1985”. X Curso de Capacitação de Promotoras Legais Populares. Instituto Brasileiro de Advocacia Pública; União de Mulheres de São Paulo; Movimento do Ministério Público Democrático. Realizado no Espaço da Cidadania da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo. São Paulo, 13 de março de 2004.

11.4. Comunicações Coordenadas

11.4.1. “Pátria ou morte? Sobre os textos de Jamil - VPR 1969/1970”. X Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), GT Partidos e Movimentos de Esquerda, Campos do Jordão, SP, 21 a 24 de outubro de 1986.

11.4.2. Mesa de comunicação coordenada “Esquerdas e democracia”, II Regional da ANPUH-RJ. Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 13 a 16 de maio de 1987.

11.4.3. “Composição e bases sociais da esquerda armada: sua representação de classe”. XI Encontro Anual da ANPOCS, GT Partidos e Movimentos de Esquerda, Águas de São Pedro, SP, 20 a 23 de outubro de 1987.

11.4.4. “Composição e bases sociais da esquerda armada no Brasil, 1964-1974”. IV Seminário de pesquisa da UEL, Londrina e região, 6 a 11 de dezembro de 1987.

11.4.5. “Composição, bases sociais e representação de classe das esquerdas armadas no Brasil, 1964-1974”. Sessão de comunicação coordenada sobre “Classes sociais: teoria e pesquisa”, 40a. Reunião Anual da SBPC, USP, São Paulo, 10 a 16 de junho de 1988.

11.4.6. “Bases sociais da luta armada: observações e dados sobre a agitação cultural e política nos anos 60”. XII Enc. Anual da ANPOCS, GT Partidos e Movimentos de Esquerda, Águas de São Pedro, SP, 25 a 28 de outubro de 1988.

11.4.7. “A guerrilha brasileira nos anos de chumbo: luta, conspiração e morte”. XIII Encontro Anual da ANPOCS, GT Partidos e Movimentos de Esquerda Caxambu, MG, 23 a 27 de outubro de 1989.

11.4.8. “A questão da cidadania e a revolução brasileira nos anos 60”. 42a. Reunião Anual da SBPC, UFRGS, Porto Alegre, 8 a 13 de julho de 1990.

11.4.9. “Política e cultura brasileira nos anos 60”. Sessão de comunicação coordenada sobre “Movimentos de esquerda”, 43a. Reunião Anual da SBPC, UFRJ, Rio de Janeiro, 14 a 19 de julho de 1991.

11.4.10. “As classes médias e a esquerda brasileira”. II Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em C. Humanas, Letras e Artes, UNESP, Águas de São Pedro, 5 a 8 de agosto de 1991.

11.4.11. “O impacto da crise do socialismo no PC do B, 1988-1992”. XVI Enc. Anual da ANPOCS, GT Partidos e Movimentos de Esquerda, Caxambu, MG, 20 a 23 de outubro de 1992.

11.4.12. “Ativistas da esfera pública”. Sessão de comunicação coordenada intitulada “Ativistas da esfera pública: entre o corporativismo e a transformação”. XVIII Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História (ANPUH), Recife, 28 de julho de 1995.

11.4.13. “Os artistas na política brasileira, 1961-1994”. Seminário de Pesquisadores da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Car. Araraquara, 19 e 20 de agosto de 1997.

11.4.14. “Romantismo revolucionário: artistas e intelectuais no Brasil dos anos 60/70”. Grupo de Trabalho “Políticas Culturais, Produção e Indústria Cultural”. Seminário Internacional Arte e Cultura na Sociedade Contemporânea. IFCH, UNICAMP, 22 a 24 de setembro de 1999.

11.4.15. “Cultura e política: enterrar os anos 60?”. Seminário Temático Cultura e Arte na Sociedade Contemporânea. XXV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 16 a 20 de outubro de 2001.

11.5. Debatedor em eventos acadêmicos

11.5.1. Debatedor do texto “A participação do movimento estudantil no combate revolucionário de 1968”, de João Roberto Martins Filho (UFSCar). GT Partidos e Movimentos de Esquerda. XII Enc. Anual da ANPOCS, Águas de São Pedro, 25 a 28 de outubro de 1988.

11.5.2. Debatedor do depoimento de Salomão Malina sobre “A política do Partido Comunista Brasileiro (1945-1991)”. IFCH, Arquivo E. Leuenroth, UNICAMP, 21 de agosto de 1991.

11.5.3. Debatedor do texto “O Partido dos Trabalhadores e o Socialismo”, de Rubens Pinto Lyra (UFPb). GT Partidos e Movimentos de Esquerda. XV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 15 a 18 de outubro de 1991.

11.5.4. Debatedor da palestra de Armando Boito Jr. sobre “Sindicalismo e Estado no Brasil”. Fórum de Debates do Programa de Pós-graduação em C. Sociais da UFSCar, São Carlos, 28 de abril de 1992.

11.5.5. Debatedor da conferência sobre “A estrutura sindical no Brasil”, proferida por A. Boito Jr. Ciclo de Estudos sobre Movimento Operário e Sindicalismo no Brasil. FCL, UNESP, Campus de Araraquara, 11 de junho de 1992.

11.5.6. Debatedor da mesa “A centralidade do mundo do trabalho frente às transformações contemporâneas”. Grupo de Trabalho “A centralidade do trabalho e seus desafios”. II Congresso Latino-americano de Sociologia do Trabalho. Águas de Lindóia, 1 a 5 de dezembro de 1996.

11.5.7. Debatedor do seminário “Imagens da ditadura II”. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Sociologia, FCL, Car. Araraquara, 11 de abril de 1997.

11.5.8. Debatedor da mesa “As lutas de 1968 no Brasil: testemunhos” de Flávio Tavares e Vladimir Palmeira. Seminário 1968, 30 anos depois. Fundação Perseu Abramo, IFCH, UNICAMP. Campinas, 3 de junho de 1998.

11.5.9. Debatedor da mesa “As lutas de 1968 no Brasil: testemunhos” de Roque Aparecido da Silva, Vladimir Palmeira e Walnice Nogueira Galvão. Seminário 1968, 30 anos depois. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, SESC Vila Mariana, 4 de junho de 1998.

11.5.10. Debatedor da mesa sobre o livro de Maria Orlanda Pinassi, *Três devotos, uma fé, nenhum milagre: Nitheroy, Revista Brasiliense de Ciências e Artes* (São Paulo: Ed. UNESP, 1999). Teses em Debate – Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM). São Paulo, 20 de maio de 1999.

11.5.11. Debatedor do Grupo de Trabalho “Políticas Culturais, Produção e Indústria Cultural”. Seminário Internacional Arte e Cultura na Sociedade Contemporânea. IFCH, UNICAMP, 22 a 24 de setembro de 1999.

11.5.12. Debatedor da mesa redonda “Sociologia das artes plásticas no Brasil”. XXV Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 16 a 20 de outubro de 2001.

11.5.13. Debatedor do Grupo de Trabalho Pensamento Social no Brasil – sessão “sociedade e cultura política no Brasil contemporâneo”. XI Congresso Brasileiro de Sociologia – Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). UNICAMP, Campinas, SP, 1 a 5 de setembro de 2003.

11.6. Difusão acadêmica em meios de comunicação de massa.

11.6.1. Debate sobre o Movimento Estudantil na crise do governo Collor. **Programa EPTV Comunidade** (30 minutos), TV Globo de São Carlos e região, 29 de agosto de 1992.

11.6.2. Participação no **Programa Radiofônico “Certas Palavras”** (30 minutos), rádio CBN, entrevistado sobre o livro *Política pra quê? Atuação partidária no Brasil contemporâneo* (Atual Ed., 1992). São Paulo, 20 de março de 1993.

11.6.3. Participação no **Programa Radiofônico “Certas Palavras”** (30 minutos), rádio CBN, entrevistado sobre o livro *O fantasma da revolução brasileira* (Ed. UNESP/FAPESP, 1993). São Paulo, 2 de novembro de 1993.

11.6.4. Debate sobre “As perspectivas após as eleições gerais de 1994”, **Programa EPTV Comunidade** (30 minutos), TV Globo de São Carlos e região, 26 de novembro de 1994.

11.6.5. Participação no **Programa Radiofônico “Uma janela para o mundo”** (30 minutos), rádio USP. Tema: sociedade e política em Chico Buarque. São Paulo, 22 de março de 1997.

11.6.6. Participação no **Programa Radiofônico “Studio 1200”**. Tema: livro *Versões e ficções, o seqüestro da História* (Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997). rádio Cultura AM, São Paulo, julho de 1997.

11.6.7. Participação no **Programa Radiofônico “Sintonia CBN”** (90 minutos), em debate com intelectuais e políticos sobre o Ato Institucional no. 5. Rádio CBN. São Paulo, 13 de dezembro de 1998.

11.6.8. Entrevista (bloco de 10 minutos) sobre o Ato Institucional no. 5 e a ditadura militar, no Programa **Opinião Nacional, TV Cultura**. São Paulo, 14 de dezembro de 1998.

11.6.9. Participação no **Programa Radiofônico “Cultura Brasileira”** (60 minutos), sobre os 20 anos da Anistia. Rádio Cultura AM, São Paulo, 16 de junho de 1999.

11.6.10. Reportagem sobre o lançamento no Rio de Janeiro do livro *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da tv*. **Programa de TV Cine Jornal**. Canal Brasil, NET, 2 de setembro de 2000.

11.6.11. Entrevista de 30 minutos ao **Programa Radiofônico “Sintonia CBN”**, sobre cidadania hoje e o livro *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da tv*. Rádio CBN. São Paulo, 9 de setembro de 2000.

11.6.12. Entrevista ao **Programa de TV de Nei Gonçalves Dias** sobre o livro *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da tv*. Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), 4 de outubro de 2000.

11.6.13. Entrevista no **Programa Radiofônico “Clip”**, produção de Marcelo Bittencourt (3 entradas de cerca de 10 minutos cada no dia 17 de outubro de 2000, e 3 entradas no dia 24 de outubro de 2000), sobre o livro *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da tv*. Rádio USP, outubro de 2000.

11.6.14. Entrevista sobre o livro *Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à era da tv*. **Programa Radiofônico**, rádio Cultura FM de Brasília, 9 de novembro de 2000.

11.6.15. Participação no **Programa de TV “Gerações”**. Tema: anos 60 (cerca de 30 minutos). Apresentação: Ferreira Gullar. STV – Rede Sesc-Senac de Televisão. Gravado em 15 de agosto, exibido pela primeira vez em 4 de setembro de 2002.

11.6.16. Entrevista ao **Programa Radiofônico “Biblioteca Sonora”** (cerca de 30 minutos), produção de Marcelo Bittencourt, sobre o livro organizado por Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho, *História do marxismo no Brasil*, 5. Partidos e organizações até os anos 60. Campinas: ed. da UNICAMP, 2002, particularmente o capítulo sobre a Ação Popular. Rádio USP, 25 de novembro de 2002.

11.6.17. Entrevista ao **Jornal da Band** sobre os 40 anos do golpe de 1964. TV Bandeirantes, São Paulo, março de 2004.

11.6.18. Entrevista ao **Programa de TV “Supertudo”** sobre o impacto na cultura do golpe de 1964. TVE. Rio de Janeiro, 27 de março de 2004.

11.6.19. Entrevista ao **Programa especial de TV “Contos da Resistência”**, episódio 2. Brasília, TV Câmara, março/abril de 2004.

11.6.20. Entrevista a Nora di Pacce, correspondente no Brasil da Radio Nederland (Holanda). **Programa Radiofônico** sobre os 40 anos do golpe de 1964. 31 de março de 2004.

11.6.21. Entrevista ao **Programa Radiofônico “Eldorado à noite”**, sobre censura no período da ditadura militar. Rádio Eldorado AM, São Paulo, 18 de maio de 2004.

11.7. Outras Comunicações

11.7.1. Mesa-redonda “Cem dias do Plano Collor”, CLCH, UEL, Londrina, 20 de junho de 1990.

11.7.2. Mesa sobre o filme *Kaos*, dos irmãos Taviani, Centro de Estudos Maurício de Medeiros, Clínica Colina Verde, Londrina, 10 de agosto de 1990.

11.7.3. Mesa sobre o filme *Cria Cuervos*, de Carlos Saura. Centro de Estudos Maurício de Medeiros, Clínica Colina Verde, Londrina, 30 de novembro de 1990.

11.7.4. Exposição sobre o livro *Política pra quê?* (Atual Ed., 1992), UNESP, Campus de Araraquara (CAr), 12 de maio de 1993.

11.7.5. Mesa-redonda com artistas sobre o livro *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da tv*. Teatro Agora. São Paulo, 30 de outubro de 2000.

11.7.6. Debatedor do filme *Rocha que voa*, de Erik Rocha. Casa de Cultura do Lago, UNICAMP, Campinas, 11 de setembro de 2002.

11.7.7. Debatedor do filme *O que é isso, companheiro?*, de Bruno Barreto. Secretaria da Cultura. Prefeitura Municipal de Campinas, 27 de novembro de 2002.

11.7.8. Debatedor do espetáculo teatral “Memórias do Mar Aberto”, de Consuelo de Castro. Teatro Sérgio Cardoso. São Paulo, 4 de março de 2004.

12. ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS ACADÊMICOS

12.1. “As eleições presidenciais de 1989 e o futuro da sociedade brasileira” (Projeto “O homem, a sociedade e a política no Brasil de hoje”). Evento de extensão universitária, UEL, Londrina, setembro/dezembro de 1989.

12.2. Projeto “O homem, a sociedade e a política no Brasil de hoje”, ciclo de debates mensais, UEL, Londrina, março/junho de 1990.

12.3. Curso “Foucault e Modernidade”, ministrado pelo prof. Sérgio Adorno (USP), no Departamento de C. Sociais da UEL, junho de 1990.

12.4. Encontro Intermediário do GT Partidos e Movimentos de Esquerda, da ANPOCS, para elaboração do vol. I da *História do Marxismo no Brasil* (Ed. Paz e Terra, 1991), Serra Negra, SP, 27 e 28 de agosto de 1990.

12.5. Curso “Passado e presente da esquerda brasileira”, promovido pelo Departamento de C. Sociais da UEL e GT Partidos e Movimentos de Esquerda da ANPOCS, Londrina, 15 a 19 de outubro de 1990.

12.6. Seminário “O marxismo e as esquerdas na história da sociedade brasileira”, FCL, UNESP, Araraquara, 13 a 17 de maio de 1991.

12.7. Comunicação coordenada “Movimentos de Esquerda”, 43a. Reunião Anual da SBPC, UFRJ, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1991.

12.8. Curso “Aspectos da história da esquerda na sociedade brasileira”, 43a. Reunião Anual da SBPC, UFRJ, Rio de Janeiro, 14 a 19 de julho de 1991.

12.9. Sessão de comunicação coordenada sobre “Movimentos de esquerda”, 43a. Reunião Anual da SBPC, UFRJ, Rio de Janeiro, 14 a 19 de julho de 1991.

12.10. Mesa sobre “Crise do Socialismo”, XVI Simpósio Nacional de História, ANPUH, UERJ, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1991.

12.11. Trabalhos do GT Partidos e Movimentos de Esquerda no XV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 15 a 18 de outubro de 1991.

12.12. Curso “Impactos do marxismo no Brasil”, 44a. Reunião Anual da SBPC, USP, São Paulo, 13 a 17 de julho de 1992.

12.13. Curso “Os anos rebeldes - um balanço”, promovido pelo PROLAM-USP e GT Partidos e Movimentos de Esquerda, USP, São Paulo 5 a 19 de outubro de 1992.

12.14. Trabalhos do GT Partidos e Movimentos de Esquerda no XVI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 20 a 23 de outubro de 1992.

12.15. Membro da Comissão Organizadora do “Seminário Internacional sobre Liberalismo e Socialismo”, Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, abril de 1993.

12.16. Mesa-redonda “As transformações do socialismo mundial e a esquerda brasileira”. 45ª Reunião Anual da SBPC, UFPE, Recife, 16 de julho de 1993.

12.17. Curso “Questões sobre o socialismo contemporâneo: política e história”, 45ª Reunião Anual da SBPC, UFPE, Recife, 11 a 16 de julho de 1993.

12.18. Curso “História do pensamento marxista no Brasil: influências externas”. VII Congresso Estadual dos Sociólogos de São Paulo. Associação e Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo e IFCH da UNICAMP, Campinas, 27 a 29 de setembro de 1993.

12.19. Painel sobre “As classes sociais e sua representação política na América Latina: tendências para o novo milênio”. XVIII Congresso Internacional da LASA, Atlanta, 10 a 13 de março de 1994.

12.20. Seminário “Questões da sociologia e da sociedade brasileira”, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 8 a 10 de novembro de 1994.

12.21. Seminário “Questões da História e do pensamento sociológico”, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 20 e 21 de junho de 1995.

12.22. Coordenação da Comissão Organizadora do “Seminário Internacional de Sociologia e Política”, promovido pelos Departamentos de Sociologia e de Antropologia, Política e Filosofia, FCL, UNESP, Araraquara, 28 a 31 de agosto de 1995.

12.23. Sessão de comunicação coordenada “Ativistas da esfera pública: entre o corporativismo e a transformação”. XVIII Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História (ANPUH), Recife, 28 de julho de 1995.

12.24. Seminário “Cultura e História”, ministrado pelo prof. dr. João Medina, da Universidade de Lisboa. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Departamento de Sociologia. FCL, UNESP, Araraquara, 12 e 13 de setembro de 1995.

12.25. Sessão sobre “História e historiografia da esquerda brasileira”. XIX Congresso Internacional da LASA, Washington, 28 a 30 de setembro de 1995.

12.26. Membro da Comissão Organizadora do evento “Florestan Fernandes: intelectual militante”. Centro Universitário Maria Antonia, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, São Paulo, 12 a 16 de agosto de 1996.

12.27. Seminário “Socialismo do futuro”, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, UNESP, Araraquara, 12 de setembro de 1996.

12.28. Coordenação da Comissão Organizadora do “II Seminário de Sociologia e Política”, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Departamentos de Sociologia e de Antropologia, Política e Filosofia, FCL, UNESP, Araraquara, 24 a 26 de setembro de 1996.

12.29. Coordenador do seminário “Cinema e sociedade na América Latina”, ministrado pelo professor e cineasta Nelson Pereira dos Santos, promovido pelo Departamento de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia e pela área de extensão da FCL, UNESP, Araraquara, 26 de novembro de 1996.

12.30. Assessor do Comitê Organizador do XXI Congresso Latino-Americano de Sociologia. São Paulo, 31 de agosto a 5 de setembro de 1997.

12.31. Seminário “Socialismo, liberalismo e mundialização”, ministrado pelo prof. dr. Sami Nair, da Universidade de Paris, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da FCL/UNESP, CAr, 19 a 21 de agosto de 1997.

12.32. Membro da Comissão Organizadora da *Semana “Che”* – anos 60: quando éramos todos revolucionários. FCL, UNESP, Araraquara, 06 a 10 de outubro de 1997.

12.33. Seminário do professor Michael Löwy, do CNRS francês, sobre “A atualidade da proposta internacionalista do Manifesto Comunista”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 16 de setembro de 1998.

12.34. Sessão sobre “Resistência e transformação durante a ditadura militar no Brasil”. XXI Congresso Internacional da LASA, Chicago, 24 a 26 de setembro de 1998.

12.35. Seminário sobre “Marxismo Ocidental”, com os professores da UNESP, Ricardo Musse e Carlos Eduardo Jordão Machado. IFCH, UNICAMP, Campinas, 24 de novembro de 1998.

12.36. Seminário sobre “História do marxismo no Brasil: a idéia de revolução”, com Marcos Del Roio (UNESP) e Daniel Aarão Reis Filho (UFF). IFCH, UNICAMP, Campinas, 15 de dezembro de 1998.

12.37. Mesa-redonda: “Florestan Fernandes: o sentido das coisas”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 14 de abril de 1999.

12.38. Seminário sobre “A esquerda brasileira no campo, anos 50-60”, com Leonilde Sérvolo de Medeiros (UFRRJ). IFCH, UNICAMP, Campinas, 22 de setembro de 1999.

12.39. Mesa: “Experiências e perspectivas do Programa de Mestrado em Sociologia da UNICAMP: 25 anos”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 6 de outubro de 1999.

12.40. Seminário sobre “O itinerário do romance político pós-1964”, com Renato Bueno Franco (UNESP). IFCH, UNICAMP, Campinas, 7 de outubro de 1999.

12.41. Seminário da professora Gisele Sapiro, do CNRS francês, sobre “A guerra dos escritores na França, 1940-1953”, debatedor: Marco Aurélio Garcia. IFCH, UNICAMP, Campinas, 12 de abril de 2001.

12.42. Seminário do professor Michael Löwy, do CNRS francês, sobre “Surrealismo e marxismo”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 26 de setembro de 2000.

12.43. Seminário de Marie-Jo Ferreira, da Universidade de Strasbourg, sobre o tema “Brasil – Portugal (1895-1922): entre história política e história cultural”. IFCH, UNICAMP, 18 de setembro de 2001.

12.44. Seminário do professor Denis Rolland, da Universidade de Strasbourg, “A intelectualidade francesa e a América Latina”. IFCH, UNICAMP, 13-14 de novembro de 2001.

12.45. Seminário Internacional “Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França”, IFCH, UNICAMP, 4 e 5 de setembro de 2002.

12.46. Curso da professora Idelette Muzart Fonseca dos Santos (Universidade de Paris X, Nanterre), sobre “Ariano Suassuna e o movimento armorial”. IFCH, UNICAMP, 11 a 13 de agosto de 2003.

12.47. X Encontro dos Coordenadores de Curso de Ciências Sociais do Estado de São Paulo. Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo e Curso de C. Sócios do IFCH/UNICAMP. Campinas, 2 de outubro de 2003.

12.48. Seminário de Denis Rolland, Universidade de Strasbourg: “Diplomatas e historiadores: estratégias atuais de apresentação das instituições e memória, América-Europa” IFCH, UNICAMP, Campinas, 31 de outubro de 2003.

12.49. Seminário de John Holloway, da Universidade Autônoma de Puebla (México): “Mudar o mundo sem tomar o poder”. IFCH, UNICAMP, 12 de novembro de 2003.

12.50. Seminário de Daniel Aarão Reis (UFF): “Cultura política e trajetória das esquerdas no Brasil”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 18 de novembro de 2003.

12.51. Seminário de Devrig Molles, da Universidade de Strasbourg: “Um ponto entre a Europa e as Américas: as sociabilidades maçônicas (séc. XIX-XX, Europa Ocidental/Cone Sul)”. IFCH, UNICAMP, Campinas, 19 de novembro de 2003.

13. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES EXAMINADORAS

13.1. De concursos para docência universitária

Membro Titular em Bancas Examinadoras de Concursos Públicos para:

13.1.1. Professor Assistente de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná (**UFPR**), Curitiba, dezembro de 1989.

13.1.2. Professor Assistente de Teoria Sociológica e Métodos de Pesquisa, no Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da **UNESP**, campus de **Marília**, 26 e 27 de agosto de 1991.

13.1.3. Docente do Departamento de Ciências Sociais, área de Sociologia Urbana, Industrial e do Trabalho. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (**UFSCar**), São Carlos, 5 e 6 de dezembro de 1991.

13.1.4. Professor Assistente de Teoria Sociológica, Departamento de Sociologia e Antropologia da FFC, **UNESP**, campus de **Marília**, 19 e 20 de maio de 1992.

13.1.5. Provimento de Cargo de Professor Assistente de Sociologia junto ao Departamento de Planejamento Regional do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, **UNESP**, campus de **Rio Claro**, 24 e 25 de março de 1993.

13.1.6. Professor Assistente de Teoria Sociológica, Departamento de Sociologia e Antropologia da FFC, **UNESP**, campus de **Marília**, 19 e 20 de janeiro de 1994.

13.1.7. Professor Assistente de Teoria Sociológica, Departamento de Sociologia da FCL, **UNESP**, campus de **Araraquara**, 22 e 23 de fevereiro de 1994.

13.1.8. Admissão de Docentes na área de História Moderna e Contemporânea, Departamento de História, CLCH, **UEL**, Londrina, 20 a 23 de fevereiro de 1995.

13.1.9. Admissão de Docente na área de Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, CLCH, **UEL**, Londrina, 6 a 9 de novembro de 1995.

13.1.10. Admissão de Docente na área de Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, **UEM**, 1 a 4 de dezembro de 1997.

13.1.11. Provimento de Cargo de Professor Assistente junto ao Departamento de Sociologia, **UNESP**, campus de **Araraquara**, 18 e 19 de abril de 2000.

13.1.12. Promoção na carreira do magistério do Professor Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida. Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (**PUC-SP**), São Paulo, 3 de agosto de 2001.

13.1.13. Admissão de Docente, Professor Assistente junto ao Departamento de Sociologia, **UNESP**, campus de **Araraquara**, 5 a 7 de agosto de 2002.

13.1.14. Admissão de Docente, Departamento de **Sociologia**, FFLH da Universidade de São Paulo (**USP**), 25 a 27 de agosto de 2003.

13.1.15. Provimento de Cargo de Professor Assistente junto ao Departamento de Ciências Humanas da **UNESP**, campus de **Bauru**, 15 e 16 de março de 2004.

13.1.16. Admissão de Docente, Provimento de Cargo de Professor Assistente Doutor junto ao Departamento de **Sociologia**, na área de Sociologia Histórica. FFLH da Universidade de São Paulo (**USP**), 5 a 7 de maio de 2004.

13.2. De teses de doutorado

Titular das bancas examinadoras das teses de doutorado de:

13.2.1. **Rolando Lazarte**. *Simpatia pelo Daimon (Max Weber, ciência e valores)*, Doutorado em **Sociologia**, FFLCH da **USP** (orientador: Sedi Hirano). São Paulo, 3 de setembro de 1993.

13.2.2. **Pedro Roberto Ferreira.** *O conceito de revolução da esquerda brasileira, 1920-1946.* Doutorado em **Ciências Sociais**, Pontifícia Universidade Católica (**PUC-SP**, orientador: Maurício Tragtemberg). São Paulo, 25 de novembro de 1993.

13.2.3. **Maria da Graça Pinto Bulhões.** *Movimento dos professores gaúchos, 1972-1991: a difícil trajetória da questão democrática.* Doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (**ECA-USP**, orientador: Celso Frederico). São Paulo, 14 de outubro de 1994.

13.2.4. **Augusto Caccia-Bava Júnior.** *A formação cultural dos jovens para o trabalho: “pra que isso?”.* Doutorado em **Ciências Sociais**, IFCH da **UNICAMP** (orientador: Edmundo Fernandes Dias). Campinas, 14 de dezembro de 1995.

13.2.5. **Jorge Luiz Ferreira.** *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956).* Doutorado em **História Social**, **FFLCH** da **USP** (orientadora: Maria Helena Rolim Capelato). São Paulo, 04 de julho de 1996.

13.2.6. **Sonia Irene Silva do Carmo.** *A construção da pátria: o discurso eleitoral pela tv na campanha de 89.* Doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (**FEUSP**) - orientadora: Maria Thereza Fraga Rocco. São Paulo, 11 de outubro de 1996.

13.2.7. **Arnaldo Nogueira.** *Trabalho e sindicalismo no Estado brasileiro - experiências e desafios.* Doutorado em **Ciências Sociais**, IFCH da **UNICAMP** (orientador: Ricardo Antunes). Campinas, 16 de dezembro de 1996.

13.2.8. **Ricardo de Jesus Silveira.** *As associações de moradores e a construção do espaço público: um exercício de cidadania* (estudo sobre o movimento de associações de moradores de Londrina). Doutorado em **Sociologia**, **FFLCH** da **USP** (orientadora: Maria Célia Paoli). São Paulo, 11 de setembro de 1997.

13.2.9. **Maria Terezinha Ventura.** *A poética e a política de Glauber Rocha.* Doutorado em **Sociologia**, **FFLCH** da **USP** (orientadores: Orlando Pinto de Miranda/ Sedi Hirano). São Paulo, 19 de dezembro de 1997.

13.2.10. **Denise Rollemberg Cruz.** *Exílio – entre raízes e radares.* Doutorado em **História**, Universidade Federal Fluminense – **UFF** (orientadora: Ângela de Castro Gomes). Niterói, 26 de junho de 1998.

13.2.11. **Luciana de Amorim Nóbrega.** *Alteridade e jogo político: quando o nós escolhe o inimigo. Brasil: 1937/45 – 1968/79.* Doutorado em **Sociologia**, **FFLCH** da **USP** (orientadores: Emir Sader / Sedi Hirano). São Paulo, 17 de agosto de 1998.

13.2.12. **Eloísa Winter Nascimento.** *PT – impasses da esquerda no Brasil.* Doutorado em **Sociologia**, **FFLCH** da **USP** (orientadores: Emir Sader / Sedi Hirano). São Paulo, 18 de março de 1999.

13.2.13. **Raúl Burgos.** *Os gramscianos argentinos – cultura e política na experiência de Pasado y Presente.* Doutorado em **Ciências Sociais**, IFCH,

UNICAMP (orientadora: Evelina Dagnino). Campinas, 29 de novembro de 1999.

13.2.14. **Luiz Fernando da Silva**. *Sociedade civil e democracia política no Brasil – aventuras e desventuras no pensamento marxista entre 1980 e 1995*. Presidente da banca de Doutorado em **Sociologia**. FCL, **UNESP Car.** Araraquara, 20 de novembro de 2000.

13.2.15. **Luís Antonio Groppo**. *1968: utopias e rebeliões*. Doutorado em **Ciências Sociais**. IFCH, **UNICAMP** (orientador: Octavio Ianni). Campinas, 29 de novembro de 2000.

13.2.16. **José Alberto Saldanha de Oliveira**. *O mito do poder jovem: a construção da identidade da UNE*. Doutorado em **História**. Universidade Federal Fluminense – **UFF** (orientador: Daniel Aarão Reis Filho). Niterói, 9 de abril de 2001.

13.2.17. **Beatriz Kushnir**. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. Doutorado em **História**. IFCH, **UNICAMP** (orientadora: Maria Stella Bresciani). Campinas, 4 de outubro de 2001.

13.2.18. **Mário César Brinhosa**. *O projeto técnico-burocrático para o Brasil: 1964-1969 – a ação da intelligentsia brasileira no planejamento e a questão agrária*. Doutorado em **História Social** (orientadora: Zilda Márcia Gricoli Iokoi). **FFLCH** da **USP**. São Paulo, 19 de abril de 2002.

13.2.19. **Silvana Barbosa Rubino**. *Rotas da modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi*. Doutorado em **Ciências Sociais**, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Antonio Augusto Arantes Neto). Campinas, 26 de abril de 2002.

13.2.20. **Izildo Corrêa Leite**. *Desconhecimento, piedade e distância: representações da miséria e dos miseráveis em segmentos sociais não atingidos pela pobreza*. Presidente da banca de Doutorado em **Sociologia**. FCL, **UNESP, Car. Araraquara**, 21 de junho de 2002.

13.2.21. **Rafael José dos Santos**. *Um percurso da mundialização: publicidade e publicitários no Brasil no curto século XX*. Doutorado em **Ciências Sociais**, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Renato Ortiz). Campinas, 27 de março de 2003.

13.2.22. **Flávia Millena Biroli Tokarski**. *Com a corrente: modernidade, democracia e seus sentidos no jornalismo brasileiro dos anos 1950*. Doutorado em **História**. IFCH, **UNICAMP** (orientador: Ítalo Tronca). Campinas, 26 de junho de 2003.

13.2.23. **Juarez Torres Duayer**. *Lukács e a arquitetura*. Doutorado em **Ciências Sociais**. IFCH, **UNICAMP** (orientadora: Walquíria Leão Rêgo). Campinas, 18 de novembro de 2003.

13.2.24. **Nasrin Lafiti Ghassemi**. *Stuart Hall: a man for all seasons*. Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (orientadora: Maria Elisa Cevasco). **FFLCH** da **USP**. São Paulo, 17 de dezembro de 2003.

13.2.25. **Márcia Maria Corsi Moreira Fantinatti.** *A nova Rede Globo: trabalhadores e movimentos sociais nas telenovelas de Benedito Ruy Barbosa.* Presidente da banca de Doutorado em **Ciências Sociais**. IFCH, UNICAMP. Campinas, 26 de fevereiro de 2004.

13.2.26. **Ferdinando Crepalde Martins.** *As formas da revolução: artes plásticas, música e teatro na cidade de São Paulo, 1964-1968.* Doutorado em **Sociologia** (orientadora: Maria Arminda Nascimento Arruda). FFLCH da USP. São Paulo, 23 de abril de 2004.

13.3. De dissertações de mestrado

Titular das bancas examinadoras das dissertações de mestrado de:

13.3.1. **Denise Rollemberg Cruz.** *A idéia de revolução: da luta armada ao fim do exílio (1961-1979).* Mestrado em História, Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF, orientador: Daniel Aarão Reis Filho). Niterói, 13 de outubro de 1992.

13.3.2. **Roberto Ramos Santos.** *A política de alianças: voto e coligações eleitorais em Pernambuco, 1986.* Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, orientador: Terry Groth), São Carlos, 29 de junho de 1994.

13.3.3. **Luiz Rogério Oliveira da Silva.** *Luta pela terra em São José da Boa Morte: participação política e representação social no cotidiano dos lavradores (1960-1964).* Mestrado em História (orientador: José Carlos Barreiro). Programa de Pós-graduação em História da UNESP, Campus de Assis, 1 de setembro de 1994.

13.3.4. **Jair Pinheiro.** *Burocracia estatal e interesses de classes e corporativos: um estudo da prefeitura municipal de São Paulo no período 1989-1992.* Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP, orientador: Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida). São Paulo, 25 de agosto de 1995.

13.3.5. **Luiz Fernando da Silva.** *O pensamento social brasileiro entre 1960 e 1980: análise de um grupo de marxistas acadêmicos.* Presidente da banca de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, UNESP, Araraquara, 27 de outubro de 1995.

13.3.6. **Rosivaldo Pellegrini.** *Doutrina organizacional na empresa: informatização, “política de méritos” e taylorismo.* Presidente da banca de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-graduação em Sociologia, UNESP, Araraquara, 26 de abril de 1996.

13.3.7. **Mariangela de Lello Vicino.** *Imprensa e política no movimento estudantil: a trajetória do CAASO no período 1953-1963.* Presidente da banca de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-graduação em Sociologia, UNESP, Araraquara, 19 de dezembro de 1996.

13.3.8. **Reginaldo Benedito Dias.** *Sob o signo da revolução brasileira: a experiência da Ação Popular no Paraná, 1962-1973.* Mestrado em História

(orientadora: Zélia Lopes da Silva). Programa de pós-graduação em História da **UNESP**, Campus de Assis, 23 de abril de 1997.

13.3.9. **Nélia Maria Puccini Búrigo**. *Nova Odessa: o trabalho e a concepção de mundo tornada fé*. Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (**UFSCar**, orientador: João Roberto Martins Filho). São Carlos, 13 de agosto de 1997.

13.3.10. **Murilo Leal Pereira Neto**. *Outras histórias – contribuição à história do trotskismo no Brasil, 1952/1966, o caso do POR (Partido Operário Revolucionário)*. Mestrado em **História Social** (orientadora: Zilda Márcia Gricoli Iokoi). **FFLCH da USP**. São Paulo, 8 de setembro de 1997.

13.3.11. **Naldson Ramos da Costa**. *Trabalhadores urbanos em Rondonópolis: história, luta e organização, 1985-1991*. Presidente da banca de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 30 de outubro de 1997.

13.3.12. **Sonia Maria Della Puppa de Fledel**. *Os pobres urbanos: estudo da pobreza urbana num bairro periférico da cidade de Bebedouro*. Mestrado em Sociologia (Orientadora: Maria de Lourdes Scarfon). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 26 de março de 1998.

13.3.13. **Márcia Guena dos Santos**. *Operação Condor – uma conexão entre as polícias políticas do Cone Sul da América Latina, em particular Brasil e Paraguai, durante a década de 70*. Mestrado em Integração da América Latina (orientador: Sedi Hirano). Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo (**PROLAM-USP**). São Paulo, 08 de abril de 1998.

13.3.14. **Silas Nogueira**. *Cidade ameaçada – aspectos da violência infanto-juvenil em Ribeirão Preto*. Mestrado em Sociologia (Orientadora: Maria de Lourdes Scarfon). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 09 de novembro de 1998.

13.3.15. **Andrea Paula dos Santos**. *À esquerda das Forças Armadas Brasileiras – História oral de vida de militares nacionalistas de esquerda*. Mestrado em História Social (orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy). **FFLCH da USP**. São Paulo, 17 de dezembro de 1998.

13.3.16. **José Rubens Mascarenhas de Almeida**. *De pasamontañas a paliacates: a luta dos homens sem rosto – o processo de construção da contra-hegemonia do Exército Zapatista de Libertação Nacional*. (orientador: Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida). Mestrado em Ciências Sociais. **PUC-SP**. São Paulo, 20 de agosto de 1999.

13.3.17. **Elsio Lenardão**. *O clientelismo na construção do domínio político local: um estudo de caso*. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Rubem Murilo Leão Rego). Campinas, 17 de novembro de 1999.

13.3.18. **Márcio Gutuzo Saviani**, *Catadores de cidadania: um estudo das condições de vida e de trabalho dos catadores de papel na cidade de*

Londrina - PR. Presidente da banca de Mestrado em Sociologia, UNESP, Araraquara. Defendida em Araraquara, 24 de maio de 2000.

13.3.19. **Thaís Battibugli**, *A militância antifascista: comunistas brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939)*. Mestrado em História Social (orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy). FFLCH da USP. São Paulo, 28 de julho de 2000.

13.3.20. **Fábio André Gonçalves das Chagas**. *A Vanguarda Popular Revolucionária: dilemas e perspectivas da luta armada no Brasil (1968-1972)*. Programa de Pós-graduação em História (orientador: Hector Saint-Pierre). FHDSS da UNESP, Franca, 21 de agosto de 2000.

13.3.21. **Maria Elisa Vercesi de Albuquerque**. *Publicidade na TV: o fenômeno da longevidade do garoto Bombril*. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, UNICAMP (orientador: José Mário Ortiz Ramos). Campinas 25 de agosto de 2000.

13.3.22. **Juvêncio Borges Silva**. *Igreja Universal: misticismo e mercado*. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, UNICAMP (orientador: Sérgio Silva). Campinas, 30 de agosto de 2000.

13.3.23. **Claudete Gomes Soares**. *Teologia da Libertação no Brasil – aspectos de uma crítica político-teológica à sociedade capitalista*. Presidente da banca de Mestrado. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, UNICAMP. Campinas, 31 de agosto de 2000.

13.3.24. **Samarone Lima de Oliveira**. *A penumbra compartilhada – solidariedade e resistência na noite de terror do Cone Sul da América Latina: a ação do grupo Clamor (1978-1991)*. Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo (PROLAM-USP – orientador: Sedi Hirano), São Paulo, 28 de setembro de 2000.

13.3.25. **Tânia Maria Marossi**. *Utopia e realidade: os núcleos de base do Partido dos Trabalhadores na cidade de São Paulo nos anos 80*. (orientador: Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida). Mestrado em Ciências Sociais. PUC-SP. São Paulo, 31 de outubro de 2000.

13.3.26. **Jean Rodrigues Sales**. *Partido Comunista do Brasil: Propostas teóricas e práticas políticas – 1962-1974*. Mestrado em História (orientadores: Cláudio Batalha e Marco Aurélio Garcia). IFCH, UNICAMP. Campinas, 1 de novembro de 2000.

13.3.27. **Moacir José dos Santos**. *A construção da política brasileira de telecomunicações (1961-1967)*. Programa de Pós-Graduação em História. (orientador: Antonio Celso Ferreira). FCL, UNESP – campus de Assis, 9 de novembro de 2000.

13.3.28. **Joana D’Arc de Souza Lima**. *Trajetória artística e política de uma neovanguarda das artes plásticas no Brasil: 1968-1971*. Presidente da banca de Mestrado em Sociologia, UNESP, Araraquara. Defendida em Araraquara, 30 de novembro de 2000.

13.3.29. **Telma Fernandes Barrionuevo Gil**. *Impactos da reestruturação produtiva à saúde e à segurança – percepções de petroleiros em São Paulo*.

Presidente da banca de Mestrado. Programa de Mestrado em Sociologia. IFCH, UNICAMP. Campinas, 4 de dezembro de 2000.

13.3.30. **Suely Aparecida Martins.** *Caminhos e descaminhos da socialização política na Pastoral da Juventude: o caso de Londrina.* Presidente da banca. Programa de Mestrado em Sociologia. IFCH, UNICAMP. Campinas 5 de dezembro de 2000.

13.3.31. **Zuleika de Paula Bueno.** *Bye bye Brasil: a trajetória cinematográfica de Carlos Diegues (1960-1979).* Presidente da banca. Programa de Mestrado em Sociologia (orientador: José Mário Ortiz Ramos). IFCH, UNICAMP. Campinas 5 de dezembro de 2000.

13.3.32. **Maria Cristina Cardoso Pereira.** *Gramsci e a resistência dos conselhos operários na Itália no limiar do taylorismo, 1918-1920* (orientador: Edmundo Fernandes Dias). Programa de mestrado em Sociologia. IFCH, UNICAMP. Campinas, 21 de fevereiro de 2001.

13.3.33. **Clóvis Santa Fé Júnior.** *O rock “politizado” brasileiro dos anos 80.* Presidente da banca de Mestrado. Programa de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Campus de Araraquara. Araraquara, 12 de junho de 2001.

13.3.34. **Valdir Martins Pereira.** *A herança rural no imaginário dos jovens de classe média da cidade de Goiânia.* Programa de Mestrado em **Sociologia**. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás – UFG (orientador: Francisco Chagas Evangelista Rabelo). Goiânia, 22 de janeiro de 2002.

13.3.35. **Fabíola Brigante del Porto.** *A luta pela anistia no regime militar brasileiro: a constituição da sociedade civil no país e a construção da cidadania.* Programa de Mestrado em **Ciência Política** (orientadora: Evelina Dagnino). IFCH, UNICAMP. Campinas, 27 de fevereiro de 2002.

13.3.36. **Marina Soler Jorge.** *Cinema Novo e EMBRAFILME: cineastas e Estado pela consolidação da indústria cinematográfica brasileira.* Bolsa FAPESP. Presidente da banca. Programa de mestrado em **Sociologia** (orientador: Marcelo Ridenti). IFCH, UNICAMP. Campinas, 27 de março de 2002.

13.2.37. **Paulo de Tarso Venceslau.** *A transposição das águas da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul para a vertente oceânica: um enfoque ambiental da história de uma obra inacabada.* Programa de mestrado em **Sociologia** (orientadora: Leila Ferreira). IFCH, UNICAMP. Campinas, 24 de junho de 2002.

13.2.38. **Denerval Ribeiro Rodrigues da Cunha.** *Entre Gabeira e Guevara: nota sobre os escritos da luta armada.* **Prolam, USP** (orientadora: Dima de Melo Silva). São Paulo, 25 de junho de 2002.

13.2.39. **Miliandre Garcia de Souza.** *Do Arena ao CPC: o debate em torno da arte engajada no Brasil, 1959-1964* (orientador: Marcos Napolitano). Curso de Pós-graduação em **História**. Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 13 de setembro de 2002.

13.2.40. **José Vicente Mazon.** *Chico Buarque – A construção artística da realidade social.* Presidente da banca de Mestrado em **Sociologia**, UNESP, CAr. Araraquara, 8 de outubro de 2002.

13.2.41. **Maria da Glória Ferreira Reis.** *Cidade e palco – Belo Horizonte: experimentação, transformação e permanências, década de 1960 a 1980* (orient.: Lucília de Almeida Neves). Mestrado em **Ciências Sociais – Gestão das Cidades**. PUC-MG. Belo Horizonte, 7 de fevereiro de 2003.

13.2.42. **Maria Isabel de Moura Almeida.** *O anticomunismo na imprensa goiana: 1935-1964.* Programa de Mestrado em **Sociologia**. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás – UFG (orientador: Francisco Chagas Evangelista Rabelo). Goiânia, 29 de março de 2003.

13.2.43. **Wilma Antunes Maciel.** *Repressão judicial no Brasil: o capitão Carlos Lamarca e a VPR na Justiça Militar (1969-1971).* Mestrado em **História Social** (orientadora: Maria Aparecida de Aquino). FFLCH da USP. São Paulo, 1 de julho de 2003.

13.2.44. **Sandra Regina Zarpelon.** *A esquerda não socialista e o novo socialismo utópico: aproximações entre a atuação das ONGs e o cooperativismo da CUT.* Programa de Mestrado em **Ciência Política** (orientador: Armando Boito Jr.). IFCH/UNICAMP. Campinas, 28 de agosto de 2003.

13.2.45. **Mariana Mont’Alverne Barreto Lima.** *TV Ceará: processo de modernização da cultura local.* Programa de Mestrado em **Sociologia** (orientador: Renato Ortiz). IFCH, UNICAMP. Campinas, 10 de setembro de 2003.

13.2.46. **Daniela Ribas Ghezzi.** *“De um porão para o mundo” – a vanguarda paulista e a produção independente de LP’s através do selo Lira Paulistana nos anos 80 – um estudo dos campos fonográfico e musical.* Presidente da banca. Programa de Mestrado em **Sociologia**. IFCH, UNICAMP. Defendida em Campinas, 24 de setembro de 2003.

13.2.47. **Santiane Arias.** *A revista Estudos Sociais e a experiência de um “marxismo criador”.* Bolsa de Mestrado FAPESP. Presidente da banca. Programa de Mestrado em **Sociologia**. IFCH, UNICAMP. Defendida em Campinas, 9 de dezembro de 2003.

13.2.48. **Cristiane Dias Andriotti.** *O movimento das rádios livres e comunitárias e a democratização dos meios de comunicação no Brasil.* Programa de Mestrado em **Sociologia** (orientador: Renato Ortiz). IFCH, UNICAMP. Campinas, 14 de abril de 2004.

13.4. De exames de qualificação em pós-graduação

Membro Titular das bancas de Exame de Qualificação de:

13.4.1. Roberto Ramos Santos, que apresentou o trabalho de qualificação ao mestrado “A política de alianças: voto e coligações eleitorais em Pernambuco, 1986” (orientador: Terry Groth). Programa de Pós-graduação em Ciências

Sociais, Universidade Federal de São Carlos (**UFSCar**), São Carlos, 25 de abril de 1994.

13.4.2. Luiz Rogério Oliveira da Silva, que apresentou o trabalho de qualificação ao mestrado “Luta pela terra em São José da Boa Morte: participação política e representação social no cotidiano dos lavradores (1960-1964)” (orientador: José Carlos Barreiro). Programa de Pós-graduação em História da **UNESP, Assis**, 19 de maio de 1994.

13.4.3. Maria Florência Ferrer, com o trabalho de qualificação ao mestrado “Desaparecidos: descontinuidades na construção do social” (orientador: Emir Sader). Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo (**PROLAM-USP**), São Paulo, 22 de setembro de 1994.

13.4.4. Luiz Fernando da Silva, autor de qualificação ao mestrado “O pensamento social brasileiro entre 1960 e 1980: análise de um grupo de marxistas acadêmicos”(orientador: Marcelo Ridenti). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 03 de fevereiro de 1995.

13.4.5. Rosivaldo Pellegrini, autor de qualificação ao mestrado “Política de méritos e taylorismo: um estudo de caso” (orientador: Marcelo Ridenti). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 14 de setembro de 1995.

13.4.6. Edson Luiz Nars, autor de qualificação ao mestrado “A visão do Brasil pela lente de Jean Manzon: o caçador de imagens fílmicas do progresso brasileiro nos anos 50-60” (orientador: Antonio Pedro Tota). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 23 de novembro de 1995.

13.4.7. Murilo Leal Pereira Neto, autor de qualificação ao mestrado “Outras histórias - história do trotskismo no Brasil, 1952-1966” (orientadora: Zilda Márcia Gricoli Iokoi). Pós-graduação em **História Social**, FFLCH da Universidade de São Paulo (**USP**), São Paulo, 1 de dezembro de 1995.

13.4.8. Denise Rollemberg Cruz, autora de qualificação ao doutorado “Caminhos do exílio” (orientador: Francisco Carlos Teixeira da Silva). Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (**UFF**). **Niterói**, 25 de julho de 1996.

13.4.9. Mariangela de Lello Vicino, autora de qualificação ao mestrado “Imprensa e política no movimento estudantil: a trajetória do CAASO no período 1953-1963” (orientador: Marcelo Ridenti). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 17 de outubro de 1996.

13.4.10. Membro Titular (orientador) da banca de Exame de Qualificação ao Mestrado de Naldson Ramos da Costa, autor de qualificação ao mestrado “Trabalhadores urbanos em Rondonópolis: história, luta e organização - 1985-1991” (orientador: Marcelo Ridenti). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 31 de outubro de 1996.

13.4.11. Nélia Maria Puccini Búrigo, que apresentou o trabalho de qualificação ao mestrado “A industrialização de Nova Odessa: repensando velhas posturas”. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (**UFSCar**, orientador: João Roberto Martins Filho). **São Carlos**, 10 de dezembro de 1996.

13.4.12. Sonia Maria Della Puppa de Fledel, com o trabalho de qualificação ao mestrado “Estudo da pobreza urbana num bairro periférico da cidade de Bebedouro” (Orientadora: Maria de Lourdes Scarfon). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 06 de junho de 1997.

13.4.13. Silas Nogueira, com o trabalho “Criminalidade de crianças e adolescentes em Ribeirão Preto” (Orientadora: Maria de Lourdes Scarfon). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 09 de dezembro de 1997.

13.4.14. José Rubens Mascarenhas de Almeida, “A construção da contra-hegemonia do EZLN”. (orientador: Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida). Programa de Pós-graduação em **Ciências Sociais. PUC-SP**. São Paulo, 11 de fevereiro de 1999.

13.4.15. Márcio Gutuzo Saviani, “Catadores de cidadania – um estudo das condições de vida e relações de trabalho dos catadores de papel na cidade de Londrina-PR” (orientador: Marcelo Ridenti). Programa de Pós-graduação em Sociologia, FCL, **UNESP, Araraquara**, 14 de setembro de 1999.

13.4.16. Suely Aparecida Martins, “A Pastoral da Juventude em Londrina: limites e possibilidades históricas”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Marcelo Ridenti). Campinas, 29 de setembro de 1999.

13.4.17. Telma F. Barrionuevo Gil. “Segurança e saúde no trabalho em refinarias de petróleo no contexto de reestruturação produtiva”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Marcelo Ridenti). Campinas, 29 de setembro de 1999.

13.4.18. Juvêncio Borges Silva. “A Igreja Universal: misticismo e mercado”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Sérgio Silva). Campinas, 13 de outubro de 1999.

13.4.19. Claudete Gomes Soares. “Teologia da Libertação: uma crítica ao desenvolvimentismo”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Marcelo Ridenti). Campinas, 15 de outubro de 1999.

13.4. 20. Maria Elisa Vercesi de Albuquerque, “Publicidade na TV: o fenômeno da longevidade do garoto Bombril”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: José Mário Ortiz Ramos). Campinas, 29 de outubro de 1999.

13.4.21. Zuleika de Paula Bueno. “*Bye bye Brasil: a trajetória de Carlos (Cacá) Diegues*”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: José Mário Ortiz Ramos). Campinas, 19 de novembro de 1999.

13.4.22. Luiz Fernando da Silva. “Sociedade civil e democracia no Brasil – aventuras e desventuras no pensamento marxista entre 1980 e 1995”.

Qualificação ao doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, **UNESP, Araraquara** (orientador: Marcelo Ridenti). Araraquara, 6 de dezembro de 1999.

13.4.23. Ronaldo Fabiano dos Santos Gaspar. “Crise estrutural ou reestruturação da sociedade do trabalho?”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Ricardo Antunes). Campinas, 7 de dezembro de 1999.

13.4.24. Clóvis Santa Fé Jr. “Consciência política e cultura nos anos 80: a crítica social de uma facção do rock brasileiro”. Qualificação ao Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia, **UNESP, Araraquara** (orientador: Marcelo Ridenti). Araraquara, 25 de maio de 2000.

13.4.25. Joana D’Arc de Souza Lima. “Trajetória artística e política de uma neovanguarda das artes plásticas no Brasil, 1968-1971”. Qualificação ao Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia, **UNESP, Araraquara** (orientador: Marcelo Ridenti). Araraquara, 25 de maio de 2000.

13.4.26. Samarone Lima de Oliveira. “A repressão no Cone Sul”. Qualificação ao Mestrado Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo (**PROLAM-USP** – orientador: Sedi Hirano), São Paulo, 1 de junho de 2000.

13.4.27. Jean Rodrigues Sales. “Partido Comunista do Brasil – PC do B: propostas teóricas e práticas políticas, 1962-1974. Qualificação ao mestrado em **História**, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Cláudio Batalha). Campinas, 5 de julho de 2000.

13.4.28. Tânia Maria Marossi. “A organização de base do PT na cidade de São Paulo nos anos 80” (orientador: Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida). Qualificação ao Mestrado. Programa de Pós-graduação em **Ciências Sociais**. **PUC-SP**. São Paulo 11 de agosto de 2000.

13.4.29. Silas Sandoval Filho. “... Braverman..”. Qualificação ao Mestrado. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Josué Pereira da Silva). Campinas, 17 de outubro de 2000.

13.4.30. Izildo Corrêa Leite. “Desconhecimento, piedade e distância: representações da miséria e dos miseráveis em segmentos sociais não-atingidos pela pobreza”. Qualificação ao Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia, **UNESP, Araraquara** (orientador: Marcelo Ridenti). Araraquara, 19 de outubro de 2000.

13.4.31. Rodrigo da Costa Teixeira. “Movimento Hip Hop – a transformação que vem da periferia”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: José Mário Ortiz Ramos). Campinas, 31 de maio de 2001.

13.4.32. Paulo de Tarso Venceslau. “Teoria tardia: evolução das políticas públicas na bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul à luz da Sociologia Ambiental”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientadora: Leila Ferreira). Campinas, 29 de agosto de 2001.

13.4.33. José Vicente Mazon. “Chico Buarque: a construção da realidade social”. Qualificação ao Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia, **UNESP, Araraquara** (orientador: Marcelo Ridenti). Araraquara, 31 de agosto de 2001.

13.4.34. Renato Brasil Mazzeo. “Heitor Villa-Lobos e o governo de Getúlio Vargas”. Programa de Mestrado em Sociologia, **IFCH, UNICAMP** (orientador: Renato Ortiz). Campinas, 12 de setembro de 2001.

13.4.35. Ferdinando Crepalde Martins. “Interpretações da indústria cultural: artistas e intelectuais da cidade de São Paulo, 1960-1980”. Qualificação ao doutorado. Programa de Pós-graduação em **Sociologia**, **FFLCH da USP** (orientadora: Maria Arminda Nascimento Arruda). São Paulo, 14 de setembro de 2001.

13.4.36. Marina Soler Jorge. “Cinema Novo e Embrafilme: cineastas e Estado pela consolidação do cinema brasileiro”. Programa de Mestrado em Sociologia, **IFCH, UNICAMP** (orientador: Marcelo Ridenti). Campinas, 20 de setembro de 2001.

13.4.37. Elaine Cristina Carraro. “Instituto Histórico de Paris: o caráter ‘espiritual’ do debate político”. Programa de Mestrado em Sociologia, **IFCH, UNICAMP** (orientadora: Elide Rugai Bastos), Campinas, 10 de outubro de 2001.

13.4.38. Angela Lazagna. “O taylorismo nas concepções de Lenin: a problemática do desenvolvimento das forças produtivas”. Programa de Mestrado em Sociologia, **IFCH, UNICAMP** (orientador: Márcio Nunes), Campinas, 23 de outubro de 2001.

13.4.39. César Eduardo Kieling. “Utopia e identidade nacional em *Terra Estrangeira*”. Mestrado em Multimeios, **Instituto de Artes, UNICAMP** (orientadora: Lúcia Nagib), Campinas, 25 de outubro de 2001.

13.4.40. Fabíola Angarten Felix. “Comportamentos sociais e imagens televisivas”. Programa de Mestrado em Sociologia, **IFCH, UNICAMP** (orientador José Mário Ortiz Ramos), Campinas, 31 de outubro de 2001.

13.4.41. Ricardo Ramos Rugai. “O anarquismo organizado: a Federação Anarquista Uruguaia, 1964-1976”. Qualificação ao Mestrado em **História**, **IFCH, UNICAMP** (orientador: Cláudio Batalha), Campinas, 9 de abril de 2002.

13.4.42. Alexandre Krugner Constantino. “O campo publicitário paulistano nos anos 90”. Programa de Mestrado em Sociologia, **IFCH, UNICAMP** (orientador: Renato Ortiz), Campinas, 27 de agosto de 2002.

13.4.43. Daniela Ribas Ghezzi. “Vanguarda paulista: independência ou pop? A gravadora independente Lira Paulistana e a indústria fonográfica brasileira nos anos 80”. Programa de Mestrado em Sociologia, **IFCH, UNICAMP** (orientador: Marcelo Ridenti), Campinas, 28 de agosto de 2002.

13.3.44. Cristiane Dias Andriotti. “Rádios livres no Brasil: atuação comunitária, aspectos da ilegalidade e legislação”. Programa de Mestrado em

Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Renato Ortiz), Campinas, 18 de setembro de 2002.

13.3.45. Santiane Arias. “A revista Estudos Sociais (1958-1964)”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Marcelo Ridenti), Campinas, 1 de outubro de 2002.

13.3.46. Márcia Fantinatti. “A construção da realidade nas telenovelas brasileiras”. Programa de Doutorado em Ciências Sociais, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Marcelo Ridenti). Campinas, 20 de outubro de 2002.

13.3.47. Mirza Pelicciotta. “Liberdade e luta”. Qualificação ao Doutorado. Programa de Pós-graduação em História, IFCH, **UNICAMP** (orientadora: Célia Marinho). Campinas, 12 de dezembro de 2002.

13.3.48. Marcelo José Castro. Qualificação ao Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Médicas, **UNICAMP**. Campinas, 26 de março de 2003.

13.3.49. Sandra Regina Zarpelon. “ONGs, movimento sindical e o novo socialismo utópico” (orient.: Armando Boito Jr.). Programa de Mestrado em Ciência Política, **UNICAMP**. Campinas, 2 de julho de 2003.

13.3.50. Mariângela Ribeiro de Almeida. “A canção como narrativa: o discurso social na MPB (1965-1975)”. Programa de Mestrado em Sociologia, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Marcelo Ridenti), Campinas, 23 de setembro de 2003.

13.3.51. José dos Santos Souza. “Intervenção sindical na política de formação profissional brasileira: proposição ou adesão ao projeto liberal-democrata?”. Programa de Doutorado em C. Sociais, IFCH, **UNICAMP** (orientador: Ricardo Antunes). Campinas, 14 de outubro de 2003.

13.3.52. Carla Longhi Reis. Qualificação ao Mestrado. “O pensamento e o papel do aparato repressivo: um olhar sobre o acervo do Deops/SP – a produção do SNI e dos agentes infiltrados do Deops/SP (1943-1983)”. Programa de História Social, FFLCH, **USP** (orientadora: Maria Aparecida de Aquino), São Paulo, 11 de novembro de 2003.

13.3.53. Luciana Ferreira Moura Mendonça. “Do mangue para o mundo: o local e o global através da produção e recepção da música popular brasileira”. Programa de Doutorado em C. Sociais, IFCH, **UNICAMP** (orientador: José Mário Ortiz Ramos). Campinas, 10 de março de 2004.

13.5. De admissão em pós-graduação

13.5.1. Membro da banca de seleção para admissão de alunos no Curso de Pós-graduação (Mestrado) em Sociologia Rural e Urbana da FCL, **UNESP**, Campus de **Araraquara (CAr)**, janeiro de 1992.

13.5.2. Integrante de banca de seleção para admissão de alunos no Curso de Pós-graduação (Mestrado) em Sociologia Rural e Urbana da FCL, **UNESP**, **CAr**, fevereiro de 1993.

13.5.3. Banca de seleção para admissão de alunos no Mestrado em Sociologia da FCL, **UNESP, CAr**, fevereiro de 1994.

13.5.4. Banca de seleção para admissão de alunos no Doutorado em Sociologia da FCL, **UNESP, CAr**, fevereiro de 1994.

13.5.5. Banca de seleção ao Mestrado em Sociologia da FCL, **UNESP, CAr**, janeiro de 1996.

13.5.6. Banca de seleção ao Doutorado em Sociologia da FCL, **UNESP, CAr**, janeiro de 1996.

13.5.7. Banca de seleção ao Doutorado em Sociologia da FCL, **UNESP, CAr**, dezembro de 1996.

13.5.8. Banca de seleção ao Doutorado em Sociologia – área de cultura e ideologia. FCL, **UNESP, CAr**, 10 e 11 de novembro de 1998.

13.5.9. Banca de seleção ao Mestrado em Sociologia. IFCH, **UNICAMP**, Campinas, dezembro de 1998.

13.5.10. Presidente da Banca de seleção ao Mestrado em Sociologia. IFCH, **UNICAMP**, Campinas, novembro de 1999.

13.5.11. Presidente da Banca de seleção ao Mestrado em Sociologia. IFCH, **UNICAMP**, Campinas, dezembro de 2000.

13.5.12. Membro da banca de Seleção ao Doutorado em Ciências Sociais, área de Desenvolvimento e Pensamento Social. IFCH, **UNICAMP**, Campinas, dezembro de 2000.

13.5.13. Banca de seleção ao Mestrado em Sociologia. IFCH, **UNICAMP**, Campinas, dezembro de 2002.

13.5.14. Membro da banca de Seleção ao Doutorado em Ciências Sociais, área de Cultura e Política. IFCH, **UNICAMP**, Campinas, dezembro de 2002.

13.5.15. Banca de seleção ao Mestrado em Sociologia. IFCH, **UNICAMP**, Campinas, dezembro de 2003.

13.6. De bancas de livre docência (titular):

13.6.1. **Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida.** *Nacionalismo e dependência: empresários e burocratas estatais na definição da política de desenvolvimento da segunda metade dos anos 50.* Livre Docência em Ciência Política. PUC-SP. São Paulo, 5 e 6 de março de 2001.

13.6.2. **Renato Bueno Franco.** *Itinerário político da produção cultural: indústria cultural e práticas de resistência pós-1964; Cultura, literatura e política estudos sobre Benjamin e Adorno.* Livre Docência em Filosofia. FCL/UNESP, CAr. Araraquara, 10 e 11 de abril de 2003.

14. ASSESSORIA CIENTIFICA

- 14.1.** Assessor Científico da Universidade Estadual de Londrina, desde 1990.
- 14.2.** Consultor “ad hoc” do CNPq, desde janeiro de 1992.
- 14.3.** Assessor “ad hoc” da FAPESP, desde junho de 1995.
- 14.4.** Assessor da Editora da Universidade Estadual de Londrina, a partir de junho de 1996.
- 14.5.** Assessor da Editora da Universidade Estadual Paulista, a partir de agosto de 1997.
- 14.6.** Consultor “ad hoc” da CAPES, a partir de março de 1998.
- 14.7.** Assessor da Editora da Universidade Estadual de Maringá, a partir de 1999.
- 14.8.** Assessor da Editora da Universidade Sagrado Coração (EDUSC), desde 1999.
- 14.9.** Assessor da Editora da UNICAMP, desde 1999.
- 14.10.** Assessor da FUNCAMP, desde 1999.

15. GRUPOS DE ESTUDO E SOCIEDADES CIENTIFICAS

- 15.1.** Membro do GT Partidos e Movimentos de Esquerda, desde 1985 (o GT esteve vinculado à ANPOCS até 1993, integrando-se à ANPUH em 1994).
- 15.2.** Membro fundador da ACAEL (Associação Cultural do Arquivo Edgard Leuenroth), UNICAMP, em 1990.
- 15.3.** Sócio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a partir de 1991.
- 15.4.** Sócio da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a partir de 1991.
- 15.5.** Membro da Latin American Studies Association (LASA), desde setembro de 1992.
- 15.6.** Membro da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (ASESP), desde 1993.
- 15.7.** Membro da Associação Latino-americana de Sociologia do Trabalho (ALAST), desde 1996.
- 15.8.** Membro da Brazilian Studies Association (BRASA), desde 1997.
- 15.9.** Professor Participante do Acordo CAPES-COFECUB n. 173/95 (relativo a atividades de docência e pesquisa sobre socialismo, partidos, idéias e movimentos de esquerda); coordenador no Brasil: prof. dr. Daniel Aarão

Reis Filho, do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense; responsável na França: prof. dra. Sonia Dayan Herzbrun, do Departamento de Sociologia da Universidade de Paris VII. 1995-1998.

15.10. Integrante do Comitê de História do Projeto “Memória e História do Partido dos Trabalhadores”. Fundação Perseu Abramo, a partir de agosto de 1997.

15.11. Coordenador brasileiro do Acordo CAPES-COFECUB n. 357/01 (Intelectuais, cultura e política: França, Europa e Brasil, séculos XIX e XX); responsáveis na França: 2001-2002, Andrée Bachoud, Universidade de Paris VII; 2003-2004, Denis Rollanda, Universidade de Strasbourg.

16. PRÊMIOS ACADÊMICOS

16.1. Indicado pela Câmara Brasileira do Livro entre os dez finalistas na categoria de melhor livro em Humanidades para concorrer ao Prêmio Jabuti 1994, com o livro *O fantasma da revolução brasileira* (UNESP, 1993).

16.2. “Prêmio João Ribeiro, 44º aniversário da UBE, conferido a Marcelo Ridenti pelo livro *Em busca do povo brasileiro*” (Record, 2000). União Brasileira dos Escritores. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 2002.

17. CERTIFICADOS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

17.1. Certificado do Curso Trienal de Língua Italiana do Instituto Cultural Italo-Brasileiro (Casa di Dante), obtido em São Paulo, 1976; qualificação: “buono”.

17.2. *Certificate of Proficiency in English*, Universidade de Cambridge, obtido em Londres, junho de 1980; qualificação: “good”.

17.3. Certificado adicional de proficiência como tradutor, inglês-português, português-inglês, Universidade de Cambridge, obtido em Londres, junho de 1980; qualificação: “good”.

17.4. *Zertifikat Deutsch als Fremdsprache* (Alemão como língua estrangeira), obtido no Instituto Goethe de Grafing-Ebersberg (RFA), outubro de 1980; qualificação: “sehr gut” (muito bom).

17.5. Curso de literatura alemã no século XX e conversação em alemão, outubro de 1983 a junho de 1984, Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos de Londrina.

18. DIGNIDADES ACADÊMICAS

18.1. Homenageado pelos alunos do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (**UEL**), como “nome de turma”, na solenidade de colação de grau dos formandos de dezembro de 1989.

18.2. “Voto de louvor e reconhecimento” pelo trabalho realizado na **UEL**, particularmente no Centro de Letras e Ciências Humanas (**CLCH**), aprovado por unanimidade pelo Conselho de Departamentos do **CLCH**, em 10 de julho de 1990.

18.3. Escolhido como “nome de turma” pelos formandos do curso de Ciências Sociais da **UEL** na solenidade de colação de grau dos formandos de dezembro de 1990.

18.4. Indicado como “paraninfo” pelos formandos do curso de Ciências Sociais da **FCL, UNESP, Araraquara**, de dezembro de 1992.

18.5. Designado como “nome de turma” pelos formandos do curso de Ciências Sociais da **UEL** de dezembro de 1992.

18.6. “Homenageado” pelos formandos do curso de Ciências Sociais da **UNICAMP** na solenidade de colação de grau de dezembro de 2002.

“Acabou a história/ e morreu a vitória/ entrou por uma porta/ e saiu pela outra/ quem quiser que conte outra”.

Campinas, 31 de maio de 2004.